

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCSO

Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências



LUCELINA ROSSETI ROSA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de Concentração: Sociologia - Organizações Sociais.

Orientadora: *Profa. Dra. Maria Inês Rauter Mancuso.*

São Carlos, São Paulo
Junho, 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCSO

**Aspectos da favelização em Ribeirão Preto - SP:
revelando vivências**

LUCELINA ROSSETI ROSA

São Carlos, São Paulo
Junho, 2018

Rosseti, Lucelina

Rosa / Lucelina Rosseti. -- 2008.
151 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Maria Inês Rauter Mancurso
Banca examinadora: Profa. Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira,
Profa Dra. Cibele Saliba Rizek
Bibliografia

1. Ribeirão Preto. 2. Favelização. 3. Urbanidade. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Lucelina Rosseti Rosa

30/06/2008

Profa. Dra. Maria Inês Rauter Mancuso
Orientadora e Presidente
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Profa. Dra. Cibele Saliba Rizek
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Prof. Dr. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" /UNESP

RESUMO

Esta pesquisa aborda a problemática urbana, trazendo uma reflexão sobre o modo de vida na cidade contemporânea, por meio de pesquisa realizada em Ribeirão Preto, interior do Estado São Paulo. Centramos o trabalho na análise de parte do processo de favelização que se expande no interior desse município, tendo como campo empírico a “Favela da Coca-Cola”. Com o objetivo de compreender os motivos pelos quais se expande tal configuração sócio-espacial, buscamos tecer um mapeamento dos sujeitos sociais ali residentes, suas histórias e trajetórias. Tendo como pressuposto norteador a relação/interação entre rural e urbano, campo e cidade, encontramos, nas concepções de “capital do *agrobusiness*” e de “metrópole do campo”, elementos para o entendimento das disparidades sociais historicamente construídas no processo de urbanização de Ribeirão Preto. Assim, o processo de favelização nos parece revelador de mecanismos encontrados por atores sociais que buscam (sobre)viver no espaço urbano, produzindo suas próprias formas de habitar a cidade.

Palavras-Chave: Ribeirão Preto, favelização, rural-urbano, cidade.

ABSTRACT

This research approaches the urban issues causing a consideration about the way of life in cities in the present time, through a survey in Ribeirão Preto, countryside in São Paulo state. We focused the paper on investigating part of the process of slummy effect that expands in the outskirts of this city, having the object of analysis the “Favela da Coca-Cola Slum”. Putting our efforts to understand the reason why such social configuration expands, we screened one of the dwellers, its history and background. By having the guiding assumption relation/interaction between rural and urban, country and city, we found in the concepts of 'agrobusiness' and the 'country side metropolis' components to understand the historical social differences built by the developing of Ribeirão Preto. Thus, the slummy effect seems to be the tool to expose the devices found through social roles that seek to 'survive' in the urban spaces by developing their own ways to live in the city space.

Keywords: Ribeirão Preto, slummy effect, rural-urban, city.

Agradecimentos

Muitos foram os colaboradores, apoiadores, torcedores e atores presentes na elaboração, execução e conclusão desta pesquisa. Em primeiro lugar, ela não seria possível sem as personagens que me concederam entrevistas, responderam meus questionários, me receberam em suas casas, compartilhando comigo um pouco de suas vivências...

Agradeço profundamente aos moradores da Favela da Coca-Cola, em Ribeirão Preto - SP que, carregados de experiência e simplicidade, me concederam não apenas informações, mas lições que serão levadas para a vida toda...

À D. Dimas, moradora da Favela da Coca-Cola, registro minha especial admiração e gratidão, pela maneira como me recebeu em seu lar, pela lição de fé e capacidade de doação que jamais serão esquecidas por mim.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal - CAPES pelo apoio financeiro destinado à execução desta pesquisa, e o reconhecimento de que sem ele o trabalho não seria viabilizado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (PPGCSO), meus agradecimentos pelos ensinamentos transmitidos por seus docentes, estrutura concedida e presteza do corpo administrativo - especialmente, da querida Ana Maria Suficiel Bertolo, referência como funcionária e como ser humano.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Maria Inês Rauter Mancuso pela orientação desse trabalho e contribuições concedidas, direta e indiretamente. Agradeço profundamente às Prof^{as}. Dr^{as}. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira e Cibele Saliba Rizek pelo cuidado e presteza em examinar esta dissertação.

Registro, ainda, meu carinho especial ao grupo de alunos de 2005, do PPGCSO, e aos familiares, amigos e amigas que compartilharam comigo angústias, preocupações, momentos de alegria, aprendizagens e conflitos proporcionados pela pós-graduação, especialmente à amiga Aline Midori pelo auxílio nas correções finais.

À minha família, sobretudo, às minhas irmãs e cunhados, agradeço imensamente a dedicação, motivação e o incentivo incondicional que sempre deram às minhas escolhas.

*“É nos limites, nos extremos,
na periferia da realidade social
que a indagação sociológica se
torna fecunda, quando fica
evidente que a explicação do
todo concreto é incompleta e
pobre se não passa pela
mediação do insignificante.”*

(MARTINS, 2000: 13)

Sumário

Apresentação	13
1.0 processo de urbanização brasileira: metrópole, interior e reprodução das desigualdades	18
1.1 Referências teóricas e linhas interpretativas dos estudos urbanos no Brasil ...	19
1.2 Discutindo processos sociais urbanos a partir das metrópoles	22
1.3 A problemática urbana em contextos não metropolitanos: em busca da flexibilização dos conceitos	28
2.0 município de Ribeirão Preto: aspectos de sua urbanização	34
2.1 Relações e interações entre campo e cidade no Brasil	37
2.2 Dos barões do café aos usineiros: a complementaridade rural-urbana em Ribeirão Preto	41
2.3 Ribeirão Preto no século XXI e os custos da “modernidade”	46
2.4 Urbanização e pauperização em Ribeirão Preto	51
3. A luta silenciosa em uma favela do interior paulista	64
3.1 A Favela “da Coca-Cola” e seu “lugar” no município	65
3.2 Apontamentos gerais e aspectos metodológicos sobre o universo da pesquisa	69
3.3 População pesquisada segundo perfis sócio-econômico e educacional	73
3.4 Os grupos familiares nas moradias	82
3.5 Mobilidade intra-urbana e identificação dos moradores com o lugar	93
3.6 A favela da Coca-Cola para além dos números	97
4. Considerações Finais	116
5. Galeria de Imagens	120
Referências Bibliográficas	130
Apêndices	139

Índice de Tabelas

Tabela 1. N ^o de estabelecimentos por setor em Ribeirão Preto - 2004	46
Tabela 2. Indicadores Demográficos.....	47
Tabela 3. Produto Interno Bruto por setor em Ribeirão Preto - 2005	47
Tabela 4. Dados agropecuários em Ribeirão Preto - 2006	48
Tabela 5. Crescimento demográfico em Ribeirão Preto	52
Tabela 6. População por condição e taxa de urbanização	52
Tabela 7. Domicílios e habitantes em Ribeirão Preto, em 2000	53
Tabela 8. Dados Populacionais das favelas de Ribeirão Preto	54
Tabela 9. Indicadores de Pobreza em Ribeirão Preto	56
Tabela 10. Habitantes vivendo em situação de favelização em Ribeirão Preto	59
Tabela 11. Respondentes dos questionários segundo faixa etária	71
Tabela 12. Moradores segundo faixa etária: Favela da Coca-Cola	75
Tabela 13. Unidade domiciliar segundo faixa de rendimentos mensais	78
Tabela 14. Famílias assistidas por programas sociais	79
Tabela 15. Grupos Familiares e Renda Per Capita	79
Tabela 16. Moradores segundo origem	80
Tabela 17. Grupos familiares segundo o tempo de residência nas moradias	82
Tabela 18. Moradias segundo no. de moradores	83
Tabela 19. Igrejas freqüentadas pelos responsáveis dos grupos familiares	85
Tabela 20. Locais de lazer mencionados pelos respondentes dos questionários	85
Tabela 21. Considerações sobre formas de organização coletiva	88
Tabela 22. Cômodos existentes nas moradias	90
Tabela 23. Moradias segundo existência de bens duráveis	92

Índice de Quadros

Quadro 1. Empreendimentos habitacionais realizados pela COHAB - RP e empresas privadas: 1995 - 2003	60
Quadro 2. Programas e Projetos habitacionais realizados pela COHAB - RP	60

Índice de Figuras

Figura 1. Localização geográfica do município de Ribeirão Preto	35
Figura 2. Localização das áreas de favelização no município de Ribeirão Preto	57
Figura 3. Localização da Favela da Coca-Cola na malha urbana de Ribeirão Preto	66
Figura 4. Trecho onde se inicia a favela da Coca-Cola	67
Figura 5. Vista aérea de parte da favela da Coca-Cola	68
Figura 6. Moradores segundo sexo	74
Figura 7. Responsáveis ocupados segundo condição do emprego	76
Figura 8. Moradores ocupados segundo condição de emprego	77
Figura 9. Responsáveis pelos grupos familiares segundo situação conjugal	80
Figura 10. Responsáveis que possuem parentes residindo na favela	84
Figura 11. Situação das moradias	90
Figura 12. Tipo de piso das moradias	91
Figura 13. Tipo de paredes das moradias	91
Figura 14. Tipo de demandas supridas nas imediações da favela	93
Figura 15. Respondentes e a afinidade com o lugar	95
Figura 16. Considerações sobre segurança	96
Figura 17. Mapa Afetivo da Casa. Autor: Fabiano	109
Figura 18. Mapa Afetivo da Casa. Autora: Naiara	110
Figura 19. Mapa Afetivo da Casa. Autora: Marta	111
Figura 20. Mapa Afetivo da Casa. Autor: Wanderson	112
Figura 21. Mapa Afetivo da Casa. Autora: Letícia	113

Galeria de Imagens

Imagem 1. Aspectos da infra-estrutura da Favela da Coca-Cola	121
Imagem 2. Moradias em material improvisado	121
Imagem 3. Moradias em alvenaria	122
Imagem 4. Paisagem ao longe	122
Imagem 5. Estratégias	123
Imagem 6. Materiais utilizados para proteção das moradias	123
Imagem 7. A Favela da Coca-Cola nas Eleições 2006	124
Imagem 8. Pequeno comércio local	124
Imagem 9. Casa de um cômodo de Sr. Joaquim	125
Imagem 10. A capela: tentativa de uma construção coletiva	125
Imagem 11. O interior da Capela	126
Imagem 12. Na rua, galinhas, porcos, cavalos: pequenas produções domésticas	126
Imagem 13: É sexta-feira: dia da chegada e distribuição de frutas, legumes e verduras	127
Imagem 14. Aspectos de uma das moradias à venda	127
Imagem 15. Outras fontes de renda encontradas pelos moradores	128
Imagem 16. Confecção dos mapas afetivos	128
Imagem 17. Estabelecimento comercial	129
Imagem 18. Outras fontes de renda encontradas pelos moradores	129

Apresentação

O problema de pesquisa desenvolvido nesta dissertação surgiu de um interesse pessoal e científico acerca da cidade, do urbano e seus processos sociais contemporâneos. Tratou-se de uma afinidade gerada ainda na graduação, a partir de leituras, discussões em grupo e de pesquisas realizadas por mim nos primeiros anos de formação. Neste trabalho, o intuito é trazer uma contribuição para as discussões acerca da cidade e do modo de vida urbano, por meio de pesquisa realizada em **Ribeirão Preto**, interior do Estado de São Paulo.

O esforço concentrou-se na análise de parte de um processo que tem se expandido no interior desse município: a **ocupação irregular, para fins de moradia**, em locais caracterizados pela ausência de infra-estrutura e equipamentos urbanísticos essenciais e que comportam segmentos sociais marcados pela precarização de suas condições de vida. Frente a este tipo de formação sócio-espacial cristalizada no interior da área urbana, uma questão geral norteou nossas investigações: que modo de vida vivencia os habitantes desses locais atualmente? Tal questão foi pensada à luz de um estudo mais detalhado em uma área de moradias irregulares, situada no interior da malha urbana de Ribeirão Preto - SP: a “**Favela da Coca-Cola**”.

O objetivo geral da pesquisa foi buscar pistas para se compreender os motivos pelos quais esta configuração sócio-espacial se cristaliza no espaço intra-urbano de uma cidade como Ribeirão Preto, considerada uma referência no que diz respeito à qualidade de vida. Especificamente, buscou-se o perfil de parte dos sujeitos sociais envolvidos na produção desta espacialidade; como e quando ocuparam a área; suas características sócio-econômicas, educacionais, culturais; o significado do lugar em suas formas de vida; suas trajetórias geográficas.

Um pressuposto central que norteou o desenvolvimento da pesquisa diz respeito ao fato de que a organização sócio-espacial vista em Ribeirão Preto, nos últimos anos, poderia ser compreendida à luz da histórica **relação/interação entre rural e urbano**. Em decorrência desse pressuposto, as concepções de “capital do *agrobusiness*” e “metrópole do campo” seriam chaves para o entendimento de como se constituíram as riquezas e bons índices de desenvolvimento, bem como, as mazelas sociais e pauperização crescente de parte da população desse município. Nesse sentido, o processo de favelização poderia ser revelador de mecanismos encontrados por atores sociais que buscam (sobre) viver no espaço urbano, produzindo suas próprias formas de habitar a cidade.

Foram adotados procedimentos qualitativos e quantitativos para cumprir com os objetivos propostos: coleta e análise de dados secundários sobre a temática em questão; mapeamento das áreas de ocupação irregular do município trabalhado; elaboração e aplicação

de questionários fechados a fim de traçar um perfil dos sujeitos sociais que compunham o local definido para o estudo; elaboração e aplicação de entrevistas estruturadas, semi-estruturadas e não estruturadas; observações diretas que resultaram na elaboração do diário de campo.

A “Favela da Coca-Cola”, como é nomeada por seus moradores, foi a área selecionada para realização da pesquisa. A escolha desse local foi feita, primeiro, em decorrência de sua localização: ela assenta-se entre trilhos de uma linha férrea desativada, o que chama a atenção dos que por ali passam. Em um segundo momento, pela ausência de dados específicos sobre a população ali residente. Paralelamente a esses fatores, a identificação com o local era anterior, tendo em vista que a favela está localizada na região da cidade em que passei parte da infância e toda adolescência. A convicção de que poderia colaborar revelando as “vivências” ali existentes, somou-se às motivações pessoais em conhecer melhor aquelas pessoas, moradoras de uma região da cidade que me parecia tão familiar e, ao mesmo tempo, tão desconhecida.

Todavia, partiu-se do princípio de que, em se tratando de uma pesquisa realizada no âmbito das Ciências Sociais, toda e qualquer metodologia escolhida pelo pesquisador é passível de questionamentos, e nunca será suficiente para captar todos os aspectos da realidade analisada. No entanto, acredita-se que mesmo sendo realizada em localidades específicas, a pesquisa social pode - e deve - ser executada com rigor científico. Assim, no que diz respeito ao enfoque teórico/ metodológico deste trabalho, partilha-se do pressuposto já formulado pela teoria social clássica¹, de que a pesquisa sociológica não é neutra, pois a “paixão” de quem pesquisa é parte integrante do processo de conhecimento. Se a apreensão da realidade é construída por meio das referências pessoais do sujeito cognoscente, considera-se que não há algo objetivo que informe sobre a melhor visão de mundo ou sobre o ponto de vista “mais verdadeiro”. Em outras palavras, entende-se que os valores são múltiplos e contraditórios, e tudo depende de que cultura e de que lugar o pesquisador visualiza a realidade².

A perspectiva da Sociologia Compreensiva, proposta nos termos de Weber, foi útil no que diz respeito ao entendimento de que toda ação e comportamento coletivos são carregados de um sentido mais amplo, pois o real tem múltiplas dimensões, e o primeiro passo para explicar determinados fatos é desvendar as diferentes linguagens do “outro”. Portanto, levar em consideração neste estudo o enfoque compreensivo é ter, como orientação inicial, o fato

¹ Consultar Weber (1992).

² De acordo com Becker: “Qualquer representação da realidade social - um filme documentário, um estudo etnográfico, um romance realista - é necessariamente parcial, menor do que aquilo que se poderia vivenciar e achar disponível no ambiente real.” (Becker, 1994:140).

de que o processo de pesquisa é, por si só, uma relação social, que só pode ser desenvolvida em um esforço de construção, reconstrução e reavaliação de idéias, posturas e constatações. Como relação social, trata-se de um universo passível de distorções, que coloca o pesquisador frente a estereótipos e falsas verdades. Cabe a ele ter uma atitude de “vigilância” como nos mostra Bourdieu (1997), bem como processar todas as suas constatações empíricas em um filtro, de constante reflexividade.

Na tentativa de desvendar as diferentes linguagens expressas pelos sujeitos pesquisados, gestos, comportamentos e pequenos sinais foram levados em consideração nesta pesquisa, já que a compreensão de códigos não se restringe às formas verbais. Para isso, a presença da pesquisadora no local em que se realizou o trabalho de campo, ao longo de meses, tornou-se imprescindível. Isto porque levou-se em consideração o fato de que uma das melhores maneiras de apreender a realidade de um grupo é conhecendo o “outro”, entendendo suas práticas e relações cotidianas.

O recurso da observação do campo de pesquisa permitiu conhecer e perceber formas específicas de vivenciar o dia-a-dia entre os membros do grupo pesquisado. Paralelamente, foi vendo e ouvindo o “outro” que conflitos e dilemas experienciados e observados pelo próprio grupo vieram à tona. Dessa forma, a combinação de técnicas quantitativas e qualitativas trouxe para a presente pesquisa a possibilidade de revestir de “carne e sangue” um “esqueleto” que, por si só, pouco dizia sobre o grupo que estudamos³ (Malinowski, 1976).

Diante do exposto, a presente dissertação divide-se em três momentos principais, sendo que o primeiro deles discute pontualmente o padrão de crescimento da urbanização brasileira e seus reflexos em grandes e pequenos municípios. Os principais vieses acadêmicos de interpretação das questões urbanas, a urbanização nas metrópoles, a urbanização no interior e suas especificidades, foram temas abordados nessa seção.

Em um segundo momento, busca-se olhar para o perfil desse crescimento urbano no que diz respeito ao município de Ribeirão Preto. Da formação histórica à sua organização sócio-espacial recente, é na relação entre campo e cidade, rural e urbano que pode ser compreendido o bom desempenho sócio-econômico da cidade, assim como parte das problemáticas sociais, econômicas e espaciais nela contidas.

³ “Em certos tipos de pesquisa científica - especialmente o que se costuma chamar de ‘levantamento de dados’ ou *survey* - é possível apresentar, por assim dizer, um excelente esqueleto da constituição tribal, mas ao qual faltam carne e sangue. Aprendemos muito a respeito da estrutura social nativa mas não conseguimos perceber ou imaginar a realidade da vida humana, o fluxo regular dos acontecimentos cotidianos, as ocasionais demonstrações de excitação em relação a uma festa, cerimônia ou fato peculiar.” (MALINOWISK, 1976: 31).

Uma atenção específica sobre parte da população ribeirão-pretana é dada em um terceiro momento, por meio de pesquisa desenvolvida em uma área de favelização do município. O perfil sócio-cultural, as condições econômicas, educacionais, os sonhos, as perspectivas de futuro dos moradores da Favela “da Coca-Cola” são apresentados na última seção.

O significado das moradias e a representação sobre a *casa* foram temáticas tão presentes entre os sujeitos sociais pesquisados, que essa questão ganhou uma dimensão inexistente no plano de trabalho inicialmente proposto para a pesquisa, tratando-se ainda de uma discussão aberta à análises mais aprofundadas.

Resultado da solidificação de profundas contradições, acreditamos que a favela em questão revela elementos importantes para a reflexão sobre a cidade e o urbano do século XXI. Em sua abordagem, o intuito foi chamar a atenção para o fato de que diferentes trajetórias e experiências urbanas são produzidas nas e pelas cidades.

Sem a pretensão de esgotar o assunto sobre a questão da favelização em Ribeirão Preto, a realização deste trabalho nos parecia pertinente pelo fato dessa cidade ser reconhecida nacional e internacionalmente como a “capital do *agrobusiness*”, geradora de riquezas e de altos índices de desenvolvimento humano, fatos que precisam ser problematizados com mais ênfase, já que a riqueza produzida e tão amplamente divulgada convive com subprodutos sociais e econômicos não revelados pelas estatísticas, criando uma falsa representação sobre os processos sociais em curso no interior desse município.

Capítulo I



O processo de urbanização brasileiro: metrópole, interior e a reprodução das desigualdades

1 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO BRASILEIRO: METRÓPOLE, INTERIOR E A REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES

1.1 Referências teóricas e linhas interpretativas dos estudos urbanos no Brasil

As cidades possuem arranjos espaciais específicos que nos informam sobre suas características não apenas físicas, mas também sócio-econômicas e políticas. A forma como uma cidade está organizada espacialmente revela a ação humana sobre o meio, as relações sociais, o regime de consumo e de troca entre os diferentes atores e grupos. Nessa perspectiva, formações sócio-espaciais específicas como um bairro, um condomínio residencial de alto padrão, uma periferia ou uma favela, revelam características materiais e simbólicas dos grupos sociais e da própria cidade. Por meio desses espaços, dessas localidades, enxergam-se formas particulares de produzir, consumir, circular, vivenciar e representar a vida coletiva, já que os espaços construídos são compreendidos como produtos da ação dos homens ao longo do tempo e, portanto, reflexo da sociedade (Corrêa, 1991).

O urbano, neste contexto, já foi interpretado de múltiplas formas e por meio de diferentes olhares, tendo em vista conflitos, contradições e desigualdades que ocorrem nas cidades. Por comportar uma grande diversidade de processos e para um melhor entendimento de como são constituídas as cidades hoje, os estudos e pesquisas em localidades específicas são de grande valia, não apenas para o entendimento de parte da sociedade, mas porque é através desses estudos que se pode - ou não - viabilizar planejamentos e ações governamentais. “A partir do bairro enxergam-se a cidade e o mundo.” (CORRÊA, 1991: 74).

Todavia, se as cidades possuem forma, estrutura, função e processos específicos⁴, deve-se levar em consideração o fato de que elas e suas populações convivem com constantes transformações e em um ambiente dinâmico. Processos como periferização, favelização, segregação sócio-espacial, entre tantos outros, são partes integrantes desse contexto. Estão em

⁴ Santos (1997), Cintrão (1995).

curso continuamente, visando moradia, melhores condições de habitação, inserções no meio urbano. Esses processos são, ao mesmo tempo, conseqüências das contradições e dos conflitos internos da estrutura sócio-econômica vigente. No entanto, pode-se questionar se as problemáticas sociais que grande parte das cidades brasileiras enfrentam hoje devem ser compreendidas apenas em uma perspectiva macroestrutural, segundo a lógica da troca, em outras palavras, à luz do sistema econômico.

Dentro desta perspectiva, inúmeros foram os estudos já realizados e diversas foram as interpretações atribuídas às questões urbanas⁵. No âmbito das Ciências Sociais, sobretudo a partir de perspectivas definidas por cientistas sociais “clássicos”, observam-se importantes influências e linhas interpretativas acerca da problemática urbana tanto na Europa, quanto na América Latina e, mais especificamente, no Brasil.

Max Weber (1864-1920), considerava que as cidades poderiam ser compreendidas como centros econômicos, de poder, *lócus* da racionalidade extensiva e imbuídas de especialidades particulares como: a indústria, o comércio, a administração, entre outras (Dal Moro, 1998). Ao mesmo tempo, para o autor, definí-las somente pelo tamanho ou perfil econômico geraria uma idéia incompleta. Adicionam-se a esses elementos a questão do domínio territorial e da circulação regular de mercadorias. “Toda cidade, no sentido que aqui damos a essa palavra, é um ‘local de mercado’[...] os habitantes da cidade trocam os produtos especiais de suas economias respectivas e satisfazem desse modo suas necessidades.” (WEBER apud VELHO, 1987: 70).

Émile Durkheim (1858-1917), discutiu indiretamente a questão urbana, sobretudo, ao tratar da “morfologia social”. A cidade, nessa perspectiva, é entendida como “substrato da vida social”, acumulando e concentrando contingentes populacionais significativos. Considerava, assim, que as cidades se caracterizariam por um conjunto de indivíduos dividindo ocupações e tarefas determinadas pela divisão do trabalho social. As ações individuais estariam condicionadas à organização sócio-espacial coletiva (Dal Moro, 1998). Contudo, uma das abordagens mais presentes em diferentes interpretações, pesquisas e estudos sobre a problemática urbana é, sem dúvida, a que se insere na perspectiva do materialismo dialético. Influenciados pelas obras de Karl Marx (1818-1883), autores como Henri Lefévre (1975, 1999), Manuel Castells (1975), entre tantos outros, demonstraram - em maior ou menor grau - a relevância do sistema econômico e a determinação do capital na

⁵ Simmel referenciava que a lógica mercadológica influenciava o urbano e todas as esferas da vida, condicionando valores e comportamentos: “O dinheiro, com toda a sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade.” (SIMMEL apud VELHO, 1987: 16).

estrutura espacial das sociedades. Nessa linha de entendimento, o funcionamento das cidades e os processos nela recorrentes seriam compreendidos e explicados pelo processo de acumulação de capital. No Brasil, essa perspectiva foi referência para muitos estudiosos, gerando estudos muito expressivos e valiosos, como os de Milton Santos.

Já no início do século XX, com pesquisas desenvolvidas por membros da Universidade de Chicago, os estudos urbanos ganham novos elementos, especialmente no que se refere ao aspecto metodológico. Em um momento histórico caracterizado pela industrialização, em que pobreza, imigração e criminalidade eram desafios importantes para os Estados Unidos, essa universidade reúne diferentes estudiosos com o intuito de investigar tais processos sociais, tendo como palco empírico a cidade de Chicago. Utilizando-se principalmente de técnicas qualitativas, esses profissionais colaboraram grandemente para o enriquecimento dos métodos de pesquisa em Ciências Sociais. Observações diretas, relatos orais, análises documentais, foram procedimentos utilizados para o entendimento da vida coletiva na cidade, crescimento populacional, questões raciais, estudos no âmbito da Psicologia Social, entre tantos outros problemas de pesquisa⁶.

O conjunto de concepções teóricas e, especialmente, práticas, fez com que a Escola de Chicago⁷ difundisse o potencial das cidades como ambiente empírico relevante, influenciando até hoje pesquisas acadêmicas no âmbito das Ciências Sociais. A Escola de Chicago - cujo auge acontece de 1915 a 1940 - privilegiava uma abordagem mais interpretativa, em detrimento de uma perspectiva sistêmica e macroestrutural preconizada pela abordagem Sociológica Clássica, considerando a cidade como uma realidade empírica, produtora de uma “cultura urbana” capaz de moldar a vida social a partir de suas características (Eufrásio, 1999).

Sem a pretensão de detalhar aqui as especificidades dessas matrizes de entendimento, nos parece significativo levar em consideração suas influências sobre a produção acadêmica nacional, especialmente em análises geográficas, sociológicas e econômicas. Tais trabalhos apontam que os arranjos sócio-espaciais não podem ser pensados isoladamente, dissociados de um contexto sócio-econômico e político mais amplo. Assim, o processo de urbanização

⁶ Nessa perspectiva, Wirth (*apud* VELHO, 1987) considerava que o modo de vida produzido no espaço urbano, ao qual denominava *urbanismo*, era um processo que ultrapassava o espaço das cidades, sendo mensurável por meio de três dimensões principais: estrutura física específica, sistema de organização social e um conjunto de atitudes e idéias. Assim, densidade, diversidade, heterogeneidade, artificialismo e anonimato seriam - para este autor - aspectos integrantes do urbanismo. A urbanização, nessa perspectiva definiria a extensão do urbanismo.

⁷ A Escola de Chicago refere-se à primeira tentativa de estudo dos centros urbanos reunindo conceitos teóricos e pesquisa etnográfica. Entre 1920 e 30, pesquisadores como William I. Thomas, Robert E. Park, Louis Wirth, Ernest Burgess, entre outros, foram grandes nomes relacionados à essa escola. Ver, a esse respeito, Becker (1996).

brasileiro tende, em grande parte dos trabalhos, a ser compreendido à luz do desenvolvimento do capitalismo avançado. O espaço urbano, desta forma, é entendido como um produto de desiguais relações sociais e de poder, com custos específicos e, portanto, passível de disputas e trocas. Conseqüentemente, processos como segregação espacial, periferização, favelização, são entendidos a partir dos conflitos que envolvem concentração das terras, má distribuição dos recursos financeiros e estratificação social.

A forma como as cidades estariam organizadas fisicamente revelaria a maneira como os diferentes grupos estariam distribuídos na sociedade. A organização espacial do meio urbano informaria determinados níveis de renda, acessibilidade a determinados serviços, maiores ou menores níveis educacionais e culturais. (Corrêa, 1997). O sistema econômico determinaria o lugar dos grupos na estrutura sócio-espacial das cidades. Cidade e urbano seriam, por si só, resultado de avanços - em ciência, tecnologia, cultura, finanças - e de opressões e rupturas - pobreza, carência, violências (RODRIGUES *apud* SPÓSITO, 2001).

Partindo desse enfoque e, sobretudo, dos processos que levantamos e observamos em campo, veremos que os espaços urbanos se de um lado reúnem, de outro separam, segregam e delimitam - material e simbolicamente - a posição dos agentes e grupos na sociedade. “É como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores.” (ROLNIK, 1995: 41).

1.2 Discutindo processos sociais urbanos a partir das metrópoles

É, sobretudo, a partir das décadas de 50 e 60 do século XX - com a intensificação dos processos de industrialização e de crescimento das cidades - que a temática urbana e os processos sociais nas cidades ganham força como temas de pesquisa no Brasil. A partir desse momento, discussões sobre migrações, demografia, pobreza urbana, segregação espacial, proliferam no âmbito das Ciências Sociais e, especialmente, em estudos sociológicos. Destacam-se, a partir da década de 70, os estudos sobre classes populares e movimentos sociais urbanos, sendo a dimensão política muito focada em diversos trabalhos.

O ambiente recorrente de realização desses estudos foi, e continua sendo até hoje, as metrópoles. É nesse período que a questão da *favela* no Rio de Janeiro e da *periferia* em São

Paulo transformaram-se em objeto de análise, preocupação acadêmica e governamental. Posteriormente, nas décadas de 80 e 90, diversas pesquisas foram realizadas em relação a temas como moradia, auto-construção, infra-estrutura, organização familiar, políticas públicas e, mais recentemente, meio ambiente e sustentabilidade.

Nos estudos e pesquisas sobre as questões urbanas no contexto das grandes metrópoles - destacando-se Rio de Janeiro e São Paulo - as contradições que se apresentam no espaço urbano são comumente justificadas por processos como: migração rural-urbana, rápida aceleração e expansão das cidades, aumento das disparidades sócio-econômicas, aprofundamento da pobreza, marginalização das camadas desprivilegiadas.

Se, por um lado, ganham destaque no meio urbano a mecanização, tecnificação e informatização dos procedimentos, aumento das facilidades e dos fluxos, crescimento do meio técnico-científico-informacional⁸, gera-se paralelamente um conjunto preocupante de questões sociais. Em decorrência disso, as cidades - sejam elas metrópoles ou de menor porte - apresentam um conjunto de problemas e disparidades internas que se auto-reproduzem, o que Santos (1993) denominou de “urbanização corporativa”, caracterizada pelo excesso populacional, carência de infra-estrutura e serviços essenciais, especulação fundiária e imobiliária, e segregação da população⁹.

Já em 1978, Eva Blay considerou que o processo de urbanização brasileiro refletia, naquele momento, mudanças nas formas de produção e consumo tendo em vista a expansão do próprio sistema econômico vigente. Nesse sentido, a crise urbana e o conjunto de problemas sociais, espaciais e econômicos que cresciam nas cidades brasileiras nada mais seriam que fruto da reprodução do capital. Em decorrência disso, as cidades - esgotadas e saturadas - já não seriam capazes de absorver o contingente populacional para elas atraídos¹⁰.

No que diz respeito às temáticas consideradas relevantes nesses estudos, a questão da habitação foi um elemento-chave trabalhado por inúmeros pesquisadores¹¹. Vilas operárias, cortiços, favelas, periferias, loteamentos populares, conjuntos habitacionais: em diferentes

⁸ Para Santos (1993) o meio técnico-científico-informacional seria “o momento histórico do qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com crescente conteúdo da ciência, de técnicas e de informação.” (SANTOS, 1993: 35).

⁹ “As carências em serviços alimentam a especulação, pela valorização diferencial das diversas frações do território urbano. A organização dos transportes obedece a essa lógica e torna ainda mais pobres os que devem viver longe dos centros, não apenas porque devem pagar por seus deslocamentos como porque os serviços e bens são muito mais dispendiosos nas periferias. E isso fortalece os centros em detrimento das periferias num verdadeiro círculo vicioso.” (SANTOS, 1993: 96).

¹⁰ “O migrante, que busca a cidade e que a constrói, vai nela encontrar a liberdade e a negação desta liberdade de dispor de si mesmo enquanto força de trabalho. Esta condição clara, dentro de uma perspectiva teórica, assume na formação social brasileira atual uma dimensão de crise.” (BLAY, 1978: 16).

¹¹ Kowarick (1979).

regiões e em momentos históricos distintos, as pesquisas apontavam que a força de trabalho formal e informal buscava maneiras de fixar-se no interior do espaço urbano. A busca e a luta pela “casa própria” tornaram-se metas para as camadas populares e ainda é, nos dias atuais, uma questão posta para inúmeras famílias, já que a propriedade da casa garante sobrevivência e segurança para o futuro, mesmo que em situações economicamente difíceis.

Todavia, é o padrão de crescimento urbano adotado na maior parte das cidades brasileiras que fez com que os problemas relativos à questão da moradia tornasse uma questão histórica¹². Conseqüentemente, a busca por um lugar fixo na cidade gerou, paralelamente, seu inverso: as favelas¹³ e habitações irregulares e precárias aumentam a cada dia, não apenas em grandes cidades, fazendo com que a busca por uma vida estável, por meio da moradia, produza uma grande quantidade de vidas provisórias.

Os primeiros estudos sobre as habitações irregulares e favelas ganham ênfase no Rio de Janeiro, por volta das décadas de 40 e 50, momento em que uma concepção “negativa” predominava nos estudos e análises sobre esses tipos de organizações sócio-espaciais. Por tratar-se de ambientes desprovidos de infra-estrutura, serviços urbanos e adequadas condições de vida, a atuação Estatal passa - nesse momento - a conceber tais locais como uma “ameaça” à ordem estabelecida, passíveis de serem tratados e/ou eliminados da paisagem urbana¹⁴. Muito se discutiu sobre a expansão das favelas no Rio de Janeiro, sendo que os estudos tiveram como temas os programas e projetos de remoção e de urbanização, movimentos e atuação política dos moradores, criminalidade, violência e, mais recentemente, e expressões culturais e identidade.¹⁵

¹² “Porque a cidade surge como o local onde se produz tudo: desde a máquina mais sofisticada à poluição mais desgastante; desde as idéias mais generosas à delinquência mais ativa; desde as descobertas mais sensacionais à desinformação mais cega. Fábrica de esperança e desespero, a cidade representa o país e o mundo, isto é, o país em sua articulação com o mundo como produto de uma economia que é alimentada por um racionalismo cerebral jamais elaborado na história da humanidade e, paradoxalmente, é também sede e semente dos irracionalismos mais gritantes” (SOUZA, 1988: 23).

¹³ “A palavra parece ter sido trazida para o Rio de Janeiro após a Guerra de Canudos, oriunda de uma planta do sertão baiano. Na topografia de Canudos, havia um morro com esse nome, daí ter-se transmitido a outro do Rio, ainda hoje como tal designado, onde habitaram precariamente alguns remanescentes das tropas que lutaram contra Antônio Conselheiro. Na linguagem popular, o termo passou a designar aglomerados de casebres, densamente povoados, sem traçado, nem arruamento, destituídos de serviços públicos essenciais, em terrenos baldios, encostas de morros ou áreas planas, terrenos de beira-mar ou alagadiços, em loteamentos malsucedidos destinados à população de baixa renda” (SILVA, 1986: 466).

¹⁴ Importante salientar que, para o IBGE, favela é entendida como um “aglomerado subnormal”, a saber, “conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais (barracos ou casas), ocupando terreno de propriedade alheia (pública ou privada) dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; e carentes, em uma maioria de serviços públicos essenciais.” Essa definição têm sido, ao longa da última década, alvo de inúmeras críticas, especialmente, por não levar em consideração o perfil da população e outros aspectos importantes.

¹⁵ Sobre várias destas temáticas, consultar Zaluar (1985), Valladares (1978, 2002), entre outros.

A favela, termo carregado de estigmas relativos à criminalidade e caracterizado pelas ausências passou, neste contexto, a ser alvo de responsabilidade social e de ações governamentais e não-governamentais, já que ali é que se localizariam as “classes populares”, os “marginais”, os “excluídos”, entre tantas outras denominações utilizadas para definir seu conteúdo¹⁶. Esses termos remetem a uma ocupação específica na dimensão sócio-espacial das cidades, caracterizada por todo tipo de “ausências”: habitacionais, econômicas, de cidadania (Escorel, 1999). *Locus* de privação, independentemente do termo utilizado, às favelas relaciona-se um conjunto de outros processos - precariedade, vulnerabilidade, segregação, discriminação - que no fundo, designam o negativo, a “falta”, o que “não é”. No entanto, se estas formações sociais não podem ser concebidas de maneira isolada pode-se dizer que as favelas, mais do que simples locais de moradia, seriam revestidas de sentidos mais amplos, seja por conta de sua localização no espaço intra-urbano (o que oferece maior ou menor acessibilidade aos serviços urbanos), por sua forma exterior (construídas com recursos mínimos), ou ainda, por conta da redução dos gastos que envolvem a moradia na cidade. Podem ser entendidas, nos termos de Valladares (1978), como “soluções orçamentárias”, ou seja, recurso de sobrevivência de grupos que precisam permanecer na cidade.

No Estado de São Paulo, por outro lado, as pesquisas e estudos realizados apontam uma ênfase nas análises sobre periferias. O termo refere-se às moradias das classes populares no espaço urbano, especialmente na metrópole paulista, sendo também diagnosticadas em cidades interioranas, sobretudo nas de maior porte. Também começam a ser objeto de estudos e análises a partir da década de 50, momento em que começa a proliferar o fenômeno dos loteamentos populares. Marcadas pela segregação espacial, as periferias passam a ser vistas como um ambiente precário, especialmente por comportar a força de trabalho formal e informal, migrantes que chegavam aos grandes centros em busca de melhores condições de trabalho e de vida, caracterizadas pela auto-construção e pela precariedade dos serviços de infra-estrutura e equipamentos públicos. Nessa perspectiva, as periferias também seriam formações sociais compreendidas a partir das carências.

O fato de grande parte dos trabalhos sobre a problemática urbana em São Paulo tratar da questão das periferias, não indica que ali não existam outras formações sociais como as favelas, os cortiços, os subúrbios. Ao contrário, essas formações existem de forma marcante na metrópole paulista. Contudo, entre tantos outros temas, inúmeros estudos, no que diz

¹⁶ “O termo, noção e o conceito de marginalidade foram utilizados para designar um conjunto amplo de situações sociais relacionadas com a pobreza urbana: a localização na favela; os estratos inferiores na escala econômica-ocupacional (diferenciação ocupacional de marginalidade); a experiência migratória (marginalidade cultural); as minorias raciais e étnicas; e os comportamentos ‘não-conformistas’.” (SCOREL, 1999: 41).

respeito à produção acadêmica em São Paulo, têm a periferia como foco principal de análise. Guardadas as devidas proporções, as características gerais dessa periferia aproximam-se das características gerais das favelas cariocas. Isto porque o termo periferia se remete, neste contexto, a uma dimensão espacial (a uma localização específica na cidade) e, ao mesmo tempo, refere-se a um contexto de precariedades¹⁷. (Caldeira, 1984). Dessa forma, o termo carrega consigo uma idéia de unidade, e porque não dizer de identidade, já que ruas de terra, esgotos à céu aberto, falta de iluminação e outros inúmeros elementos inexistentes, são enfrentamentos cotidianos das populações residentes nesses locais, o que resulta em um conjunto de referências comuns e uma determinada perspectiva acerca da cidade e do lugar que seus moradores nela ocupam.

O que distinguiria, neste caso, a favela nos termos cariocas, da periferia paulistana é o fato desta última se constituir (na maioria dos casos) a partir de áreas loteadas, o que resulta em uma paisagem relativamente distinta da favela. A periferia comumente possui aspectos de bairros convencionais como ruas mais alargadas, moradias construídas em alvenaria, e alguns serviços de saneamento básico. As favelas, por outro lado, são alternativas para quem não tem condições de custear a vida em bairros periféricos. São locais comumente isentos de serviços de infra-estrutura urbana básica, normalmente, áreas ocupadas e invadidas de maneira irregular, assentadas em ambiente de risco, e cuja marca é a clandestinidade.

Todavia, periferia e/ou favela informam sobre os limites da improvisação da vida, já que as moradias são caracterizadas pela falta de planejamentos prévios; construídas de maneira rudimentar; os equipamentos públicos como escolas, postos de saúde, entre outros, são ausentes; e suas populações são - em maior ou menor grau - desprivilegiadas economicamente ou, em outro termo, pobres¹⁸. Essa proximidade entre os dois contextos também ocorre por conta de variados graus de violência, tráfico de drogas e criminalidade. Em decorrência disto, o estigma e a visão negativa destes espaços e populações são imperativas na sociedade, em alguns estudos acadêmicos e nas políticas públicas voltadas para o setor. E o estigma está presente não apenas em camadas privilegiadas e abastadas da população, mas em grande parte das representações e do imaginário social. Moradores de cortiços, favelas, loteamentos clandestinos, entre outros, são designados como “invasores”,

¹⁷ “Em suma, a cidade está estruturada de uma maneira tal que destina aos trabalhadores de baixa renda não apenas o pior espaço, mas a pior qualidade de vida.” (CALDEIRA, 1984: 64).

¹⁸ Para Andrade & Serra (2001), a idéia de pobreza “está relacionada à falta de acesso a algum padrão de vida considerado essencial ou mínimo para uma vida adequada na sociedade.” (ANDRADE & SERRA, 2001: 253). Por outro lado, os autores consideram que existem ainda outras formas de se determinar o grau de pobreza: pelo critério da renda e do gasto das famílias e pelo critério do grau de consumo. Trataremos desse tema novamente nas páginas seguintes.

“preguiçosos”, “vadios”, pelo simples fato de ali residirem, fatores esses que Lúcio Kowarick denomina de condição de “subcidadania urbana”¹⁹. Em outras palavras, o fato de serem “pobres” inferioriza essas populações, isenta-os de direitos, os tornam fracos, desprotegidos e tutelados. É nesse sentido que a discussão sobre cidadania está colocada para a população residente nestas formações sócio-espaciais, mas, enquanto não exercício da cidadania. “A pobreza brasileira é certamente o retrato de uma sociedade que não consegue universalizar direitos e enraizar a cidadania nas práticas sociais.” (TELLES, 1992: 6).

Todos esses processos nos levaria a afirmar que este é o padrão de crescimento do urbano brasileiro e que não existiriam ações que pudessem minimizar a expansão desse processo excludente de urbanização? A pobreza, cristalizada no espaço das cidades, e em suas diferentes manifestações, é um fato naturalizado pela sociedade brasileira?

A despeito da dimensão e proporção gigantesca dos problemas sociais enfrentados nas cidades brasileiras hoje, a mudança ou perspectiva de redução dessas desigualdades pode ser aventada, sobretudo, no âmbito da governabilidade, do planejamento e execução de políticas públicas adequadas às realidades locais e regionais. Segundo Telles, a pobreza urbana é marca que atravessa o país, e expressa sua inserção no mundo capitalista. Trata-se de uma questão social permanente, alvo de projetos, programas e promessas políticas, mas que jamais foi enfrentada de fato. Nesse aspecto, a autora realiza um paralelo interessante entre condições econômicas e distribuição de direitos, argumentando que a pobreza - antes de tudo - é uma questão política²⁰.

Os problemas sócio-espaciais decorrentes do padrão de urbanização segregacionista brasileiro, para Maria Adélia de Souza, só podem ser solucionados a partir do momento em que os problemas forem pensados não apenas localmente, mas em articulação com um contexto regional mais amplo. Por outro lado, a autora considera que os governos devem dispor recursos e incluir em seus orçamentos a urgência da problemática sócio-espacial, a fim de que intervenções diretas sobre esse formato de urbanização possam ser viabilizadas de fato (Souza, 1988). Ainda nesta perspectiva, para Kowarick (2000), o processo de “espoliação”²¹

¹⁹ “Irregularidade, ilegalidade ou clandestinidade em face de um ordenamento jurídico-institucional que, ao desconhecer a realidade socioeconômica da maioria, nega o acesso a benefícios básicos para a vida nas cidades. Não se trata apenas do inconsciente de tecnocratas bem-intencionados. Trata-se de um processo político que produz uma concepção de ordem estreita e excludente e, ao fazê-lo, decreta uma vasta condição de *subcidadania urbana*.” (KOWARICK, 2000: 54).

²⁰ “Isso significa que, mais do que uma crítica ao modelo de desenvolvimento vigente nas décadas anteriores, há o reconhecimento de que a pobreza contemporânea é o retrato de uma sociedade autoritária e excludente na qual as grandes majorias nunca foram consideradas na definição de políticas econômicas.” (TELLES, 1992: 24).

²¹ “é o somatório de extorsões que opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo que se apresentam como socialmente necessários em relação aos níveis de subsistência e que acentuam ainda mais a dilapidação que se realiza no âmbito das relações de trabalho.” (KOWARICK, 1979: 59)

pelo qual os moradores destas formações urbanas passam, ao mesmo tempo em que possui a faceta da pauperização de suas condições de vida, abre margem para o aumento dos conflitos e das tensões, gerando reivindicações pelo direito à terra, por melhores condições de moradia e pelo acesso aos bens e feitorias coletivas. Contudo, são as trajetórias desses atores, suas vivências e experiências acumuladas ao longo do tempo que determinarão suas articulações ou não, a maneira como enfrentarão as questões e a forma como estabelecerão suas relações com o Estado²². Para outros estudiosos, no entanto, a questão da pauperização deve ser interpretada de maneira mais complexa, pois, não se trata apenas de dar condições para que as populações desprivilegiadas sejam integradas, de alguma forma, a este sistema “opressor”. “As raízes da crise urbana encontram-se no sistema mundial” (SANTOS, 1979: 22). Assim, a redução da pobreza e de suas formas de expressão no meio urbano só seria possível, quando as ações locais fossem combinadas à transformação da estrutura de desenvolvimento sócio-econômica, que por si só, é desigual.

1.3 A problemática urbana em contextos não-metropolitanos: em busca da flexibilização dos conceitos

Se uma gama de problemas sociais se apresenta com mais evidência em grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, como tratar as conseqüências do modelo de urbanização em regiões interioranas? Quando os estudiosos definem periferia, favela, moradias irregulares em regiões metropolitanas²³ - ambientes globais, compostos por uma

²² “Isso significa dizer que as condições materiais objetivas, de *per si*, não constituem o motor das transformações sociais, pois o que importa é o processo de *produção de experiências* do qual decorrem os significados que ele passa a ter para múltiplos e freqüentemente opostos atores sociais.” (KOWARICK, 2000: 83 [grifos do autor]).

²³ Aqui, levamos em consideração o maior porte das metrópoles e, conseqüentemente, a maior intensidade dos processos sociais que nelas ocorrem. “Cosmopolitismo, anonimato, coletivismo, pluralidade são as características das metrópoles que funcionam como os grandes centros propulsores da globalização. Palco das angústias, das reivindicações e das manifestações sociais da atualidade, os grandes centros criam novos laços de dominação em relação às áreas circundantes, gerando uma nova topografia que não se assenta nas condições físicas e geográficas, mas na geopolítica da produção, da comunicação, do mercado e da geração da cultura.” (COSTA, 2005: 238).

série complexa de fluxos, informações, comunicações, mercadorias e pessoas - essas definições se aproximam de contextos sociais distanciados das metrópoles?

É preciso considerar as diferenças de formação histórica, extensão territorial, densidade demográfica / crescimento populacional, condições de acessibilidade, nível sócio-econômico da população, fluxos migratórios específicos, inserção no mercado de trabalho, distribuição de serviços públicos / equipamentos coletivos, enfim, uma série de critérios que distinguem processos urbanos em metrópoles e em cidades de menor porte.

Obviamente, o processo de urbanização brasileiro, e especificamente, o paulista, pode ser descrito por elementos considerados como “padrão”, ou seja, que ocorrem, em maior ou menor grau, nas grandes e pequenas cidades. Isto porque o espaço urbano possui um conjunto de especializações e de disparidades comumente encontradas, independentemente do tamanho das cidades. Assim, quando se toma como exemplo um conjunto de cidades paulistas, processos semelhantes serão encontrados em suas configurações, no padrão de crescimento, nos tipos de atividades econômicas desenvolvidas, etc²⁴. Em outras palavras, devem ser considerados na discussão do processo de urbanização, o arranjo físico, o aumento do processo de verticalização, a expansão da rede de comércio e serviços locais, a expansão das vias de acesso aos grandes centros, o formato das moradias... Esses fatores compõem e sustentam a lógica de desenvolvimento das cidades, sejam elas grandes, médias ou pequenas.

Se, em decorrência de uma transformação na estrutura do trabalho e no regime de propriedade dos estabelecimentos agrícolas a partir da década de 50 do século XX, as grandes cidades brasileiras inevitavelmente sofreram um forte fluxo migratório, hoje, o movimento é de desconcentração destas grandes cidades, já que não conseguem absorver o grande contingente populacional que sempre receberam. Conseqüentemente, outros centros urbanos - como os que se localizam no interior - passam a receber contingentes populacionais cada vez maiores. Eva Blay, em 1978, já previa que o padrão de crescimento urbano vivenciado na metrópole impunha-se às demais cidades do interior paulista, na medida em que o próprio planejamento regional seria voltado para a reprodução do sistema²⁵.

Assim, o modo de vida experienciado no mundo contemporâneo, definido por um conjunto de valores e comportamentos atualizados a cada dia, que impõe necessidades

²⁴ “Essas cidades espelham sua paisagem construída, em suas formas de produção territorial e em sua funcionalidade assim organizada, esse processo que submete a produção da sociedade e do espaço ao movimento que iguala, que reduz as identidades, que produz o parecido” (SPÓSITO, 1996: 3).

²⁵ “E como as cidades médias e pequenas, objeto da atual política de desenvolvimento urbano, vão produzir as mesmas condições de trabalho e de remuneração, certamente não poderão evitar a reprodução das favelas resultantes daquelas condições básicas. Pode-se prever então que o fenômeno das favelas se difunda e se amplie por todo o interior do Estado, mesmo nos locais onde elas ainda não existem” (BLAY, 1978: 175).

constantes aos indivíduos e unifica formas de consumo e padrões de produção (marcados pela industrialização e tecnologia), pode ser encontrado na maioria das cidades brasileiras, ainda que parte significativa da população não tenha supridas necessidades consideradas de primeira ordem²⁶.

Não podemos afirmar, no entanto, que toda população, dos mais distintos locais, vivencia esses processos a partir dos mesmos referenciais. Ao reconhecer que o padrão de desenvolvimento urbano é, por si só, excludente, chega-se à conclusão de que a pobreza e os resultados sócio-espaciais dela decorrentes manifestam-se sim em grande parte das cidades paulistas e brasileiras, não apenas em seus núcleos urbanos, mas também em seus meios rurais. Todavia, falar em pobreza, periferia, ou em diferentes formas de exclusão nas metrópoles, não é o mesmo que tratar desses temas em cidades interioranas como Ribeirão Preto, ou em cidades ainda menores localizadas no Estado de São Paulo como São Carlos e Araraquara, por exemplo. Mesmo quando consideramos várias formações periféricas no âmbito de um mesmo município, elas serão constituídas diferentemente umas das outras.

Queremos dizer, em outros termos, que existem diferentes maneiras de vivenciar a pobreza, que os atores sociais lidam com seus espaços de maneiras distintas e que estes mesmos atores produzem relações e formações sócio-espaciais diferenciadas não sendo, portanto, passíveis de grandes comparações e generalizações. Essa perspectiva aparece em vários estudos acadêmicos que chamam a atenção para as particularidades das cidades de menor porte que as metrópoles.

Ao trabalhar a temática da segregação sócio-espacial no município de Araraquara, estado de São Paulo, David (1993) expõe elementos importantes para a reflexão desta temática em cidades do interior paulista. A autora constata que, nesse município, a segregação espacial foi fundamentada por processos já conhecidos, como: mobilidade intra-urbana, forte atuação do mercado imobiliário, proliferação de loteamentos populares com pouca infraestrutura, alocação das camadas populares em áreas urbanas desaparelhadas, entre outros²⁷. No entanto, ao pesquisar um dos bairros mais segregados daquela área urbana²⁸, a autora menciona que a periferia em questão não se constituía fundamentalmente por migrantes

²⁶ Para Rodrigues (1987), os meios de comunicação de massa, a industrialização e difusão de tecnologias ultrapassam os limites das cidades, diluindo fronteiras e transmitindo a todos uma certa sensação de “progresso”. “O modo de vida urbano se refere pois à um sistema ordenado de consumo de bens e valores, expresso numa estrutura urbana que obriga grupos e instituições integrar-se de forma peculiar, que é a cidade como expressão de tecnologia moderna. A extensão do modo de vida reflete a influência cada vez mais ampliada da cidade como centro de poder e como agente emissor de padrões culturais que abarcam um espaço muito mais amplo que o sítio urbano localizado.” (RODRIGUES, 1987:41).

²⁷ A este respeito, consultar também Moreira (1995), Lima (1986).

²⁸ Trata-se do Jardim Selmi Dei, localizado em uma das “franjas” da área urbana, em Araraquara - SP.

vindos de outras regiões²⁹. Ou seja, esse não era um elemento explicativo da formação do bairro em questão, já que ele era constituído, em grande parte, por grupos oriundos de outros bairros e da área rural do mesmo município. Ali, a paisagem mesclava grupos de trabalhadores segregados espacial e socialmente, estigmatizados por serem “da periferia”, mas que se articulavam de maneira específica em busca de melhorias urbanas, gerando reconstrução de sociabilidades, reelaboração de histórias pessoais e experiências coletivas em decorrência da luta pelo exercício da cidadania.

Frente ao exposto, pode-se dizer que a questão da segregação espacial e social das camadas populares, a ausência de equipamentos urbanos essenciais em áreas mais periféricas, a estigmatização da população pobre estão presentes no processo de urbanização de cidades do interior. Porém, a composição, a intensidade e a proporção de tais processos nessas cidades apresentam-se de maneira peculiar³⁰.

Para Ávila (2006) pode-se afirmar a existência de uma “periferia metropolitana”, marcada por elementos muito discutidos pelos trabalhos acadêmicos: exploração do trabalhador; família e desarranjo familiar; migração e relação campo-cidade; vizinhança e localidade; religião e formas de lazer; organização comunitária e política; criminalidade³¹. Segundo a autora, todos esses processos ocorrem, de fato, nas grandes cidades. No entanto, não foram ainda suficientes para se refletir sobre o próprio conceito de periferia. Em outras palavras, definido como o lugar em que se concentram os pobres, sinônimo da ausência de serviços urbanos, distante das áreas centrais, local em que se produzem diferentes formas de criminalidade, o termo não seria caberia para nomear as formações sociais com esse perfil em todos os núcleos urbanos³². Por meio de estudo específico em um bairro periférico do município de São Carlos, São Paulo, Ávila (2006) sustenta que o termo “periferia” deve ser

²⁹ “Face a um processo de urbanização que se acelera principalmente devido à migração e ao êxodo rural-urbano, como é o caso da urbanização paulista, os dados do bairro estudado revelam algumas especificidades da cidade de Araraquara, no que diz respeito à constituição de sua periferia.” (DAVID, 1993: 63-4).

³⁰ Em municípios do interior paulista como Araraquara, São Carlos, entre outros, carência e pobreza estão presentes no espaço urbano. Exemplo disso são as periferias não-equipadas que se constituíram nas últimas décadas. Todavia, formações extremamente precárias como favelas, cortiços, entre outros, não existem de maneira significativa nestes municípios - não na mesma intensidade e forma que em regiões metropolitanas. As periferias dessas cidades podem ser pensadas a partir de outros critérios, e questões de violência e criminalidade também se processam de maneira diferenciada.

³¹ “As diferenças existentes entre os dois tipos de periferias observados (cidade média e cidade grande), basicamente, apareceriam quanto à caracterização física dos locais: a periferia da cidade média estaria longe de se assemelhar à ‘imagem de miséria, poluição e excesso de população’, encontrada nas periferias da metrópole. Também nessas cidades menores o contraste entre os excessos de riqueza e da pobreza seriam bem menos evidentes do que nas metrópoles. Quanto às formas de significações apreendidas, haveria a generalização de uma certa visão de sociedade, presente tanto nos moradores de cidades médias, quanto nos moradores de São Paulo.” (Ávila, 2006: 43).

³² “nas cidades médias, ainda se pode vislumbrar padrões que subsistem de várias formas, muitas delas heranças de um passado não muito remoto, que a modernização não apagou de todo.” (Rodrigues, 1987).

compreendido de forma dinâmica, complexa e heterogênea. De acordo com a autora, o conceito de “periferia interiorana” seria mais adequado para se pensar os espaços periféricos de municípios de menor porte. Isto significa dizer que a “periferia interiorana” seria caracterizada por um universo específico, composto por: traços de violência e criminalidade pouco significativos, moradias construídas com materiais bem elaborados e duráveis, presença de serviços e alguns equipamentos urbanos como asfalto, energia elétrica e saneamento. Contudo, a principal especificidade estaria no plano simbólico, na maneira como os moradores dessas localidades vivenciam seus lugares, representam e compreendem a sociedade³³. Essa população carregaria consigo outras referências de mundo, trajetórias geográficas e culturais diferenciadas que os fazem valorizar o seu “lugar”, a despeito das ausências nele existentes.

Pode-se afirmar, nesse contexto, que a produção acadêmica relativa às questões sociais na metrópole (a despeito de ser referência para todo e qualquer estudo sobre essas temáticas) pode ser insuficiente para se pensar a realidade das camadas populares em todas as formações urbanas, na medida em que estas podem apresentar especificidades que os estudos metropolitanos não conseguem captar. Ao mesmo tempo, as práticas sociais, as interpretações simbólicas e experiências vividas por diferentes atores sociais, só podem ser avaliadas a partir de suas localidades. Assim, para se compreender determinados processos sócio-espaciais é preciso verificar a maneira como os espaços são vividos por aqueles que o produzem.

Parece importante, nesse contexto, considerar que, para além dos macroprocessos sociais tão bem diagnosticados pela literatura sociológica - exploração da força de trabalho, exclusão, pauperização, entre outros - a maneira como os diferentes grupos organizam-se no espaço, a forma como reivindicam ou não o trabalho formal e informal, a moradia, o espaço na escola, nos postos de saúde, revelam formas particulares de intervir, representar e (re)definir a vida cotidiana. Se não podemos falar de periferia, mas de “periferias” para distinguir e pontuar as especificidades das camadas populares em cidades não-metropolitanas, podemos transpor a relativização deste termo para outros, como: favelas, subúrbios. Essas formações sócio-espaciais em cidades de menor porte, ao que parecem, não se constituem da mesma maneira que nas metrópoles.

³³ “Quando deslocamos a análise dos elementos tradicionalmente usados para definir um local como sendo uma periferia - afastamento geográfico, pobreza, violência, tráfico de drogas, péssimas condições de infra-estrutura, concentração de pessoas mal remuneradas, entre outros - e passamos a considerar as representações que os moradores fazem de seu local de moradia, a definição do que seria uma periferia se torna bem mais flexível. Isso significa priorizar a periferia enquanto uma categoria de análise e não simplesmente como o local, o cenário onde as coisas acontecem, pois, com a crescente popularização do termo, atores sociais diferentes estão pensando a periferia, e de formas diferentes.” (ÁVILA, 2006: 89).

Ao tratar da favelização no município de Ribeirão Preto, localizado no interior do Estado de São Paulo, é possível observar processos que ora se aproximam, ora se distanciam do padrão de urbanização de regiões metropolitanas. Veremos que algumas das características que imperam nas favelas metropolitanas, não são significativas na favela do interior paulista.

Chamamos a atenção, com isso, para particularidades das regiões deslocadas dos eixos metropolitanos, bem como, para a diversidade de ações praticadas pelos sujeitos e diferentes maneiras de apropriação do espaço da cidade. “Significa dizer que os moradores são sujeitos ativos na constituição e dinamismo da espacialidade social; fazem uma (re)leitura de seu meio e de suas condições em função de seu sistema de vida cotidiano.” (DAL MORO, 1998: 8).

Capítulo II



O município de Ribeirão Preto - SP: aspectos de sua urbanização

2. O MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO: ASPECTOS DE SUA URBANIZAÇÃO

Ribeirão Preto chega ao século XXI com mais de 500 mil habitantes³⁴ e é conhecido nacionalmente (pelo senso comum, pela mídia e alguns setores acadêmicos) como um local cosmopolita, que possui altos índices de desenvolvimento econômico e social. Sua sede municipal é pólo de atração para pessoas das mais diferentes localidades, e não apenas de residentes dos municípios que pertencem à sua região administrativa (figura 1), que buscam produtos e serviços especializados.

Figura 1. Localização geográfica do município de Ribeirão Preto e sua região de abrangência - 2003.



Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo - 2003

³⁴ Mais precisamente 547.417, últimos dados do IBGE para 2006/2007.

Uma vasta bibliografia sobre a história do município de Ribeirão Preto e sua região de abrangência pode ser encontrada. Os trabalhos existentes apontam, sobretudo, aspectos do desenvolvimento histórico, econômico, arquitetônico, político, urbanístico, enfatizando - em sua grande maioria - os “progressos” advindos de seu crescimento econômico.

Comemorando em 2006 o sesquicentenário, Ribeirão Preto, como grande parte dos municípios paulistas, teve sua formação original partindo do ambiente rural, tanto no que diz respeito à perspectiva sócio-econômica, quanto geográfica, sendo que, até os dias atuais, o meio rural configura parte das características sócio-espaciais e econômicas presentes na cidade. São, sobretudo, as atividades econômicas desenvolvidas no campo, especialmente com a agroindústria, que atribuem especificidade ao município hoje. Nessa perspectiva, considera-se importante pensar Ribeirão Preto à luz da relação campo-cidade, levando em consideração os fluxos existentes entre essas esferas, para o entendimento de como se configura esse município nos dias atuais.

Quando tratamos aqui de campo e cidade, rural e urbano, tomamos esses espaços e processos como aspectos que precisam ser levados em consideração, tendo como referência suas interações e não somente suas diferenciações. Podemos afirmar que existe uma série de especificidades entre a cidade e o campo, sobretudo, no que se refere a componentes e variáveis econômicas, sociais, demográficas, espaciais, paisagísticas, políticas, territoriais, entre tantas outras que podem caracterizar suas singularidades. No entanto, acreditamos que polarizar esses aspectos não enriquece metodologicamente a análise do processo social tratado nessa pesquisa. Como vários estudos têm apontado, a compreensão da dinâmica urbana passa por uma reflexão mais ampla.

Entendemos que a importância dessas relações entre urbano e rural é essencial, pois caso privilegiemos as diferenças e desconsideremos as relações existentes entre os espaços, será difícil conseguirmos estabelecer proposições e políticas adequadas, seja para o meio rural, seja para o urbano, pois ambos devem ser analisados em suas particularidades, dinâmicas e papéis que desempenham, bem como em suas complementaridades. (BERNADELLI *apud* SPOSITO & WHITACKER, 2006: 44)

Obviamente que a fronteira entre esses meios se apresenta cada vez mais diluída no mundo contemporâneo, principalmente se considerarmos tecnologias, meios de comunicação, entre outros aspectos. Assim, na presente pesquisa, essas esferas são percebidas em sua complementaridade, pois os elementos para a compreensão dos processos sociais que ocorrem no meio urbano estão vinculados significativamente ao desenvolvimento do meio rural.

No caso brasileiro, a constituição de morfologias associadas a um processo de urbanização difusa não se dissemina pelo território de forma homogênea. Comparando-se nossa realidade à européia, aquela tomada com base em Dematteis (1998), é necessário destacar nossa rede urbana menos densa e nossa estrutura fundiária rural mais concentrada, fatores que interferem na constituição de novas formas de assentamento humano, associadas à expansão territorial das cidades em descontínuo. (SPOSITO, 2006: 128).

Em uma perspectiva histórica e sociológica procuramos verificar conexões entre meio rural e urbano em Ribeirão Preto (especialmente no que se refere aos espaços, populações, processos sócio-econômicos), para analisarmos posteriormente a favelização no interior desse município. Nas linhas que se seguem, busca-se demonstrar que o reconhecimento acadêmico dessa interação campo-cidade não é algo novo, embora o debate tenha sido enriquecido, nos últimos anos, por vieses diferenciados.

2.1 Relações e interações entre campo e cidade no Brasil

O processo de crescimento do município de Ribeirão Preto passou por transformações que geraram impactos tanto no campo quanto na cidade. Parece pertinente considerar a relação entre rural, urbano, campo, cidade no interior desse município já que ali esses espaços (campo e cidade) e processos (rural e urbano) encontram-se historicamente relacionados. No contexto de sua formação urbana, observam-se momentos de proximidade e distanciamento entre campo e cidade, constituintes de uma sociedade capitalista, integrando e/ou distanciando populações, atividades econômicas e arranjos espaciais. As atividades econômicas exercidas no campo geraram riquezas e propiciaram um crescimento urbano e econômico considerável. Por outro lado, o campo cada vez mais permeado pela técnica e mecanização, transformou-se, transformação essa que gerou conseqüências positivas e negativas para os espaços e suas populações. A interação campo-cidade, rural-urbano, produziu resultados e modificações na estrutura demográfica, sócio-cultural e econômica do município. A crescente urbanização e a geração de riquezas não significaram inexistência ou o desaparecimento do campo, ao mesmo tempo em que não possibilitaram a todos os moradores da cidade o acesso aos bens e serviços essenciais à vida no núcleo urbano.

Para Teodósio e Silva (2005), o processo de urbanização no Brasil não pode ser compreendido independentemente do desenvolvimento do capitalismo. Os espaços, nessa perspectiva, também são organizados em decorrência das relações de dominação/subordinação, da divisão internacional do trabalho e da divisão territorial. Nas sociedades capitalistas, a separação campo-cidade, rural-urbano tende a transformar-se em uma unidade dialética, na qual o campo é influenciado pela cidade e a cidade pelo campo. Rural e urbano, nesse sentido, integram-se das mais diferentes e múltiplas formas. Se a marca do meio rural hoje é a “modernidade”, refletida por meio das agroindústrias, do uso de tecnologias, da mecanização, do aumento e diversificação das atividades econômicas, prestações de serviços e um conjunto de outras atividades ligadas a nichos de mercados específicos (como piscicultura, floricultura, turismo, entre outros), a cidade apresenta-se como *locus* do meio técnico-científico-informacional, tendo como características os fluxos terrestres, aéreos, virtuais. Ao mesmo tempo, é no meio urbano em que tornam-se mais evidentes pobreza, desigualdades e exclusões. Não se pode deixar de considerar, assim, que as questões sociais com as quais convivemos diariamente - seja no campo ou na cidade - também são frutos das especificidades históricas dessa relação rural-urbano.

Existe no Brasil, segundo Ferreira (2002), uma “ruralidade em construção”, ou seja, as relações sociais estabelecidas no universo rural passam por mudanças marcadas pela complexidade. Isto porque o rural, nos dias atuais, não está atrelado apenas às atividades agrícolas, e torna-se um ambiente favorecido no que diz respeito ao desenvolvimento de atividades múltiplas, devendo ser pensado como um “território do futuro”. Todavia, esta espécie de “revitalização” pela qual o universo rural passa só pode ser vislumbrada a partir de sua “complementaridade intrínseca” com o meio urbano (Ferreira, 2002). E, se tomarmos como parâmetros trabalhos considerados clássicos que discutem a relação cidade-campo, observaremos que a perspectiva de complementaridade não é nova.

Ao investigar a composição e organização de parte do meio rural paulista, na década de 60, Queiroz (1973) destacava a importância da relação entre bairros rurais e núcleos urbanos. Esses bairros rurais, existentes em alguns municípios do interior paulista analisados pela autora, não se caracterizavam pelo isolamento - como até então se concebia.

Ora, toda comunidade, por mais isolada, existe sempre dentro de uma região, cuja organização social é mais vasta e com a qual se relaciona. Se isolada, suas relações serão de afastamento; se entrosadas na sociedade regional, o grau de integração determina a proximidade maior ou menor em que ambas se encontram. (QUEIROZ, 1973: 12).

Eram, sobretudo, as demandas materiais, que norteavam as relações e interações entre população rural e urbana, naquele contexto.

É dos bairros que vem o leite para as cidade; é na cidade que os roceiros adquirem o que lhes falta e que auferem um pequeno lucro com a venda do leite, que lhes permite certa melhoria de vida. Independência e complementaridade, por paradoxal que pareça sua reunião, constituem os traços característicos do equilíbrio entre os bairros rurais e a cidade, no caso estudado. (QUEIROZ, 1973: 28).

Retomemos os estudos de Williams (1989), acerca das principais mudanças comportamentais e mentais no universo rural e urbano inglês entre os séculos XVI e XX. Esse autor considera que tanto no campo quanto na cidade, a vida deve ser vista como móvel e dinâmica, modificando-se ao longo do tempo. Assim, o que existiria entre esses universos seriam relações de “necessidades mútuas”. Campo e cidade compõem, para o autor, “realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações.” (WILLIAMS, 1989: 387). Essa linha de entendimento aparece com maior profundidade em Queiroz (1978). Para a autora, rural e urbano são processos pertencentes à uma única estrutura: a sociedade. Esses processos devem ser compreendidos em uma perspectiva dialética, já que estão ao mesmo tempo em interação, movimento e desenvolvimento. Assim, pares normalmente considerados dicotômicos como tradicional/moderno, rural/urbano, desenvolvido/atrasado, não se opõem irredutivelmente, mas integram-se de formas distintas e de acordo com o momento histórico.

A relação rural-urbana no Brasil possuiria, nesta perspectiva, especificidades, sobretudo se levarmos em consideração o tipo de formação territorial e sócio-cultural do país. Aqui, campo e cidade sempre estiveram integrados, em maior ou menor grau.³⁵ Para a autora, a relação campo-cidade no Brasil não se apresenta como uma dualidade, não se tratando, por outro lado, de sincretismo. Tais ambientes apresentam-se como dois fatos e processos que ora divergem, ora se associam e, por vezes, se confrontam. No entanto, cada um deles mantém identidades e especificidades internas. Todavia, estas identidades não são imutáveis, e podem variar de acordo com o momento histórico. Assim, a interdependência seria um fator chave

³⁵ Para a autora, o processo de formação territorial da América Portuguesa se distingue do processo ocorrido na América Hispânica. Isto porque aqui, tratava-se de povoar um vasto território e não conquistar; o crescimento dos núcleos urbanos não priorizou o estabelecimento de regulamentos ou planejamentos rigorosos ao contrário dos espanhóis; aqui conviveram escravos e homens livres em relações peculiares, o que atribuiu especificidade às características demográficas e étnicas. Estes aspectos, entre outros, foram significativos no que diz respeito à formação sócio-cultural e territorial do Brasil, em que campo e cidade sempre estiveram em reciprocidade. Para maiores detalhes ver Queiroz (1978).

para a compreensão da relação entre rural e urbano no país. Um exemplo disto pode ser percebido no fato de que sempre que a zona rural passava ou passa por crises em determinadas regiões do país, as cidades e núcleos urbanos, em geral, sofriam e sofrem fortes conseqüências.

Quando se considera o processo de formação e desenvolvimento de Ribeirão Preto, esse movimento de integração e interação entre campo e cidade, rural e urbano aparece de forma nítida. A cidade possui hoje infra-estrutura e um conjunto de serviços destinados ao campo. A agroindústria integra atividades econômicas, profissionais, serviços, gerando “riquezas” para o município. É nesse sentido que os processos ocorridos em cada um desses espaços influenciaram-se para constituição e composição econômica, sócio-cultural e demográfica recente.

Contudo, não é apenas em uma perspectiva regional que a necessidade de se repensar a relação rural-urbana (e a própria definição de campo e de cidade), coloca-se como quesito para a compreensão de determinados processos sociais em curso. Sobretudo, a partir da segunda metade da década de 90 do século XX, essas definições, especialmente em relação às definições administrativas, passaram a ser questionadas por profissionais e estudiosos.

Em pesquisas realizadas no Estado de Pernambuco acerca dos espaços e populações rurais, Wanderley (2001) aponta que o número de municípios com população total de até 20.000 habitantes tem aumentado consideravelmente. Ao mesmo tempo constata, por meio de pesquisas, que a maioria da população rural do país vive no entorno desses pequenos municípios, sendo que esses oferecem a seus habitantes uma experiência urbana “frágil e precária”. A autora problematiza, assim, os dados oficiais que consideravam cerca de 80% da população brasileira como urbana. Isto porque, na região em questão, existiria uma grande fragilidade no processo de urbanização e uma forte presença do rural.

Nessa perspectiva de questionamento das categorias campo, cidade, rural, urbano no Brasil, Veiga (2003) reivindica maior precisão nos critérios de definição de campo e cidade. Para ele, o Brasil não seria tão urbano quanto parece na medida em que toda e qualquer sede municipal é considerada urbana, sendo que - em muitos casos - essa definição se efetua de maneira improvisada e precária.

Frente a esses elementos, consideramos que campo e cidade, rural e urbano só podem ser concebidos em suas inter-relações. Não se pode perder de vista os fluxos e as relações de reciprocidade que ocorrem entre essas esferas³⁶. Para além das especificidades econômicas,

³⁶ Rosa (2005).

demográficas, sócio-culturais existentes entre estes ambientes, deve-se levar em consideração seus mecanismos de interação e como se configuraram os resultados dessa interação na composição sócio-espacial dos municípios e regiões.

Em Ribeirão Preto, campo e cidade estiveram - a nosso ver - em constantes interações. Nos próximos tópicos, observaremos que a relação entre esses dois meios configurou o município que se apresenta nos últimos anos, com altos índices de desenvolvimento, “progressos”, desigualdades e exclusões.

2.2 Dos barões do café aos usineiros: a complementaridade rural-urbano em Ribeirão Preto

O município de Ribeirão Preto foi oficialmente fundado em 1856, ano em que se despachou formalmente o pedido de demarcação das terras que viriam a compor o território do pequeno povoado. Até então, as terras que integrariam futuramente o município eram basicamente ocupadas por propriedades rurais. Antes, porém, dessa data de reconhecimento oficial, havia registros da existência de um pequeno povoado, um arraial presente na localidade, cuja população vivia da produção agrícola de subsistência - arroz, milho, feijão.³⁷ E é a atividade agrícola quem passa a determinar, ao longo dos anos, as mudanças e transformações sócio-econômicas, políticas e culturais que ocorrem tanto no campo, quanto na cidade.

Em meados do século XIX, Ribeirão Preto ainda pertencia ao povoado de Ribeirão Bonito, sendo ocupado, nessa data, por fazendas de criação de gado. Já em 1845, conta com o registro de doação das terras para futura construção de uma capela, em louvor a São Sebastião de Ribeirão Preto³⁸. Em 1870 a freguesia designada Ribeirão Preto é criada em terras pertencentes ao município de São Simão. Em 1871, Ribeirão Preto é elevada à Vila.

³⁷ Lages (2000).

³⁸ “Com o gradual crescimento da população tornou-se necessária a construção de uma capela na região, cabendo a José Mateus dos Reis a doação das primeiras terras para formação do patrimônio da futura capela, em 2 de novembro de 1845, em louvor de São Sebastião de Ribeirão Preto. A capela ficou pronta em 9 de janeiro de

A partir desse momento, muitas famílias dirigiram-se para essa região, sobretudo, pela autonomia política que a localidade adquiria, acrescida da fertilidade de suas terras. Agricultura e pequeno comércio passaram então a ser as principais atividades desenvolvidas no início de formação do território ribeirão-pretano. Em 1876, as atividades econômicas ganham força no município e em seu entorno, com destaque para a monocultura cafeeira. O café do tipo *bourbon* é introduzido na região e, adaptando-se à terra *roxa*, modifica a paisagem rural que, em pouco tempo, transforma-se em grande cafezal. Parte significativa dos fazendeiros e dos grandes proprietários de terras da região concentra suas atividades nesse tipo de monocultura, sendo que alguns deles seriam reconhecidos posteriormente como “barões do café”³⁹.

Com o desenvolvimento da agricultura no campo, as atividades, a economia e a paisagem do núcleo urbano também se modificaram. A título de exemplo, uma série de elementos da cultura elitista vivenciada pelos proprietários rurais foi concentrada no núcleo urbano, que se transformou gradualmente em centro econômico e de poder.

Ao mesmo tempo em que os grandes proprietários de terras enriqueciam com a agricultura cafeeira, novos costumes, influências e hábitos foram introduzidos no modo de vida desses grupos, fato que será refletido na configuração do núcleo urbano e do próprio meio rural. Nesse momento de pleno desenvolvimento da atividade cafeeira - final do século XIX - o campo é marcado pela monocultura e concentração fundiária. O núcleo urbano, por outro lado, passa a concentrar riquezas, poderes, expande seu pequeno comércio, refletindo em sua paisagem as influências trazidas do mundo urbano e industrial europeu pelos grandes fazendeiros. Gostos, costumes e hábitos desta elite rural se difundem no município.

Sua base econômica era rural mas, a sua expressão cultural vai se tornando cada vez mais urbana, uma refinada e granfina manifestação de uma mentalidade importada em uma região que até há pouco tempo era chamada de ‘sertão desconhecido’ da província paulista. (LAGES, 2000:12)

1868 e, apesar da demora, deu ao povoado o início de seu desenvolvimento administrativo com a criação da freguesia de nome Ribeirão Preto em terras do município de São Simão, em 1870, e recebendo estatuto de cidade em 1889.” In: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE.

³⁹ Na década de 1870 o município de Ribeirão Preto começou a fazer parte da frente de expansão cafeeira. O esgotamento dos solos do Vale do Paraíba paulista e fluminense e a queda na produtividade da região cafeeira de Campinas contribuíram para o aprofundamento desse processo. A família Junqueira e a família Pereira Barreto foram as pioneiras na exploração da cafeicultura como atividade intensiva na região. Em 1876, Luiz Pereira Barreto, cafeeiro no Vale do Paraíba fluminense, introduziu na Região de Ribeirão Preto o café tipo *Bourbon*. Entre os principais produtores de café em Ribeirão Preto, no final do século XIX, destacam-se os que já estavam na região como a família Junqueira; os que vieram de outras regiões, como a família Barreto, a família Dumont, a família Prado e os imigrantes, como a família Schmidt. Maiores informações, consultar Galvão (2000).

O elemento marcante na difusão desses valores, práticas e costumes é a vinda da estrada de ferro para o município. Em junho de 1880, a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro ganha concessão para prolongar seus trilhos até Ribeirão Preto.

É por meio da combinação de terras férteis, concentração fundiária, boas condições de escoamento da produção com a presença da estrada de ferro, no final do século XIX e início do século XX, que Ribeirão Preto passa a ser conhecida como a “capital do café” (Lages, 2000). Dessa maneira, eram as demandas e rendas geradas no campo que transformavam as atividades e a paisagem do município. Teatros, cinemas, estabelecimentos de lazer começam a fazer parte do cotidiano da cidade. Esse padrão de urbanização iniciado naquele momento, se consolidará com a chegada de novos elementos como a energia elétrica, o telefone, os automóveis, entre outros.⁴⁰

Com a substituição da mão-de-obra escrava nas principais fazendas de café e antes mesmo da instituição da Lei Áurea⁴¹, italianos e alemães chegam à região para trabalhar na lavoura cafeeira, motivados especialmente pela crise social européia e pelas políticas de incentivo à emigração desenvolvidas em seus países de origem. Essa segunda leva de mão-de-obra vem (re) configurar a vida social no campo e na cidade, pois esses imigrantes tiveram grande importância na expansão do comércio local⁴². Foi tão importante a presença dos imigrantes em Ribeirão Preto que, em 1902, a grande maioria da população do município era constituída de estrangeiros, residentes tanto no campo quanto na cidade.⁴³

A importância da atuação de imigrantes e fazendeiros, nesse momento, é significativa. A esfera de prestação de serviços sofre substancial modificação em decorrência da atuação de atores como os imigrantes. Contudo, para alguns estudiosos, a importância desses atores extrapola o campo econômico. Para Fernandes (1981), tanto fazendeiros de café quanto imigrantes foram dois “tipos humanos” fundamentais na composição do cenário social daquele momento, colaborando para o desencadeamento das transformações que configuraram a “revolução burguesa” no país.

⁴⁰ De acordo com Lages (2000), a energia elétrica e o telefone chegam ao município por volta de 1899, e em 1922, chegam os automóveis.

⁴¹ Em 1887, um ano antes da Lei Áurea entrar em vigor, a Câmara de Ribeirão Preto instituiu a libertação dos escravos, o que abriu margem para a utilização, nas lavouras cafeeiras, da mão-de-obra imigrante.

⁴² “As atividades do setor de serviços, por essa movimentação regional de capital na época, eram significativas. Um censo de 1913 aponta a existência de padarias, armazéns e barbearias. Os proprietários desses pontos de comércio, imigrantes na maioria, vinham trabalhar nas lavouras de café, mas acabavam se dedicando à diversas atividades. A presença maciça desses imigrantes é percebida a partir de 1910, mas eles começaram a chegar depois da inauguração da ferrovia Mogiana, em 1883”. (GELFUSO, 2000, s/página).

⁴³ Ver Lages (2000:11).

Assim, os dois pólos opostos da sociedade se tocavam e se fundiam nos planos mais profundos de transformações da ordem econômica, política e social. Sem o saber (e também sem o desejar de forma consciente), o fazendeiro acabou compartilhando o *destino burguês*, que acalentava os modestos ou ambiciosos sonhos dos imigrantes. [...] Portanto, independentemente de aspirar ou não àquele destino, o fazendeiro teve de precipitar-se pelos caminhos que eram trilhados pelo imigrante, coincidência responsável pelo fato de ambos aparecerem como construtores pioneiros do *Brasil moderno*. (FERNANDES, 1981: 104).

Por volta de 1918, porém, com a ocorrência da grande geada, a atividade cafeeira começa seu período de crise na região. O comércio e a prestação de serviços, nesse momento, ganham força enquanto principais atividades econômicas. Com a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, e com a crise efetiva da produção cafeeira, o município mantém sua economia por meio das atividades comerciais e de serviços que, nesse momento, já se encontravam consolidadas. Observa-se, a partir desse contexto, o quanto as atividades desenvolvidas em um primeiro momento no meio rural foram importantes para o desenvolvimento do município como um todo⁴⁴. Essa tendência continuou em Ribeirão Preto, mesmo depois da crise da produção do café nas terras do município⁴⁵. Percebe-se o quanto a complementaridade e fluidez entre os meios rural e urbano configuraram historicamente a paisagem, as atividades econômicas e o perfil da população. Diante dessas especificidades históricas e econômicas, particularidades no que se refere às questões sociais também se consolidaram gradualmente não apenas em Ribeirão Preto, mas em uma série de municípios do interior paulista.

Passado então o auge da produção cafeeira e consolidadas as transformações dela advindas, é na década de 40 do século XX que a agricultura emerge novamente com grande força. Agora, tanto o meio rural que compõe o município de Ribeirão Preto, quanto o meio rural de pequenos municípios integrantes de sua região, são tomados pela monocultura da cana-de-açúcar. A partir da construção de uma das primeiras usinas, em 1936⁴⁶, o setor sucroalcooleiro constituído pela produção de cana-de-açúcar e de laranja (sendo esta última localizada em municípios vizinhos como Bebedouro, Araraquara, entre outros) torna-se atuante. Ao mesmo tempo, os setores comercial e de serviços também se expandem,

⁴⁴ Para Sousa (2006) as intervenções feitas nos espaços urbanos de grande parte das cidades brasileiras, revela um projeto social e político mais amplo, elaborado pelas elites rurais. Especialmente em Ribeirão Preto, modernização e coronelismo estiveram integrados e, fortemente influenciados pela concepção européia. Esse processo pôde ser visto no arranjo espacial da cidade e por meio de uma série de ações, como: higienização dos espaços públicos, obras de saneamento, embelezamento da cidade, entre outras.

⁴⁵ A inserção de uma segunda monocultura no meio rural ribeirão-pretano, com a cana-de-açúcar, consolida - a nosso ver - esta tendência.

⁴⁶ Em 1936 é fundada em Ribeirão Preto a usina Santa Elisa, por Maurílio Biagi.

desenvolvendo-se e especializando-se para suprir as novas demandas do setor agrícola. Em decorrência dos altos lucros advindos do novo tipo de monocultura, o setor financeiro torna-se extremamente movimentado. Os indicadores sociais produzidos sobre o município, conseqüentemente, tendem a apontar, predominantemente, riqueza e desenvolvimento⁴⁷.

A “capital do café”, como era inicialmente conhecida, concentra, assim, um segundo “ouro verde” representado, especialmente a partir da metade do século XX, pela cana-de-açúcar. Em decorrência das especializações e atividades econômicas, Ribeirão Preto passou a ser cada vez mais atrativo, tendo seu crescimento populacional aumentado ano a ano, atraindo, sobretudo, mão-de-obra advinda de outros municípios paulistas e de outros Estados do país. Em decorrência desses fatores, hoje o município possui uma economia predominantemente agrícola, com base na indústria sucroalcooleira, geradora de empregos e tributos fiscais. Por outro lado, a prestação de serviços, os setores financeiro e industrial tornaram-se muito expressivos⁴⁸.

Assim, nos momentos mais marcantes de sua história, Ribeirão Preto se consolidou a partir das especialidades que o meio rural assumiu, particularmente, através da atividade agrícola. Por meio do café, da cana-de-açúcar, do trabalho imigrante e migrante, percebe-se a relação entre campo e cidade, que resultou a composição do município existente na atualidade.

Como não poderia deixar de ser, em um sistema capitalista de produção, com o aumento da riqueza, os resultados negativos também são produzidos e expressos de múltiplas formas, revelando-se também no espaço físico da cidade⁴⁹. Nesse sentido, é importante salientar que essa interação e complementaridade resultaram tanto em aspectos positivos, quanto negativos.

Acredita-se, assim, que grande parte das problemáticas sociais, espaciais, históricas, ambientais, políticas e econômicas que se colocam para Ribeirão Preto hoje, estão atreladas à integração e complementaridade rural-urbana, e precisam remeter-se a elas para serem melhor compreendidas.

⁴⁷ Segundo o Atlas da Exclusão Social no Brasil, publicado em 2003, Ribeirão Preto coloca-se na 31ª. posição no *ranking* de cidades que possuem melhor posição social no Brasil. Ver Pochmann & Amorim (2003).

⁴⁸ “A indústria também teve um papel preponderante no desenvolvimento da região de Ribeirão Preto. A Companhia Cervejaria Antarctica, a Usina Santa Elisa e Refrescos Ipiranga foram algumas empresas de destaque no processo de industrialização. Atualmente, possuem mais representatividade os segmentos de produtos farmacêuticos, odontológicos e médico-hospitalares”. (VERÍSSIMO, 2000, s/ página).

⁴⁹ Inúmeras “leituras da cidade” em uma perspectiva marxista foram escritas no Brasil e no mundo, no âmbito das Ciências Sociais, e ajudam a pensar os macroprocessos sociais na cidade. A título de exemplo, ver Lefebvre, (1999).

2.3 Ribeirão Preto no século XXI e os custos da “modernidade”

Devido à expansão de seu comércio, prestação de serviços e desenvolvimento de tecnologias Ribeirão Preto consolidou-se, gradativamente, como pólo atrativo, registrando numericamente bons índices de desenvolvimento econômico, urbano e social. No que diz respeito ao perfil da atividade econômica municipal, um dos setores mais expressivos atualmente é o de prestação de serviços.

Tabela 1. Estabelecimentos por setor em Ribeirão Preto - 2004.

<i>Setor</i>	<i>Estabelecimentos</i>	<i>%</i>
Indústria	1.149	8
Comércio	6.529	46
Serviços	5.677	40
Outros	881	6
Total	14.236	100

Fonte: Arquivo - Jornal A Cidade. Organização: Rosa (2008).

Ribeirão Preto é constituída por uma área territorial de 650 km², sendo ocupada por cerca de 550.000 habitantes⁵⁰. Possui densidade demográfica de 847,17 hab/km², significativamente alta, se comparada à densidade populacional do Estado de São Paulo que é de 160,70 hab/km². No que diz respeito ao grau de urbanização, esse também apresenta-se elevado, sendo a taxa de urbanização de 99,68%⁵¹. Os domicílios com infra-estrutura interna adequada, segundo os dados da Fundação SEADE, correspondem a 96,16% do total de domicílios; o nível de atendimento da coleta de lixo abrange 99,35% dos domicílios; o nível de atendimento em abastecimento de água 98,05% deles e o nível de atendimento em esgoto sanitário cerca de 95,77%. Todos esses números apresentam-se superiores em relação à média estadual. Soma-se a esses indicadores, o fato de que a taxa de analfabetismo entre pessoas com mais de 15 anos de idade é de 4,44% e encontra-se abaixo do número para o Estado como um todo, que é de 6,64%. Assim, Ribeirão Preto é situado nas estatísticas como um dos municípios mais ricos do Estado de São Paulo. Além de ser referência regional nas áreas comerciais e de prestação de serviços, é também reconhecida como um dos principais centros

⁵⁰ Dados de 2007 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

⁵¹ Dados sistematizados pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE.

de pesquisas na área de saúde e um dos maiores centros universitários do interior do Brasil, com 7 universidades. Seus indicadores de qualidade de vida e sua economia também se destacam no cenário estadual.

Tabela 2. Indicadores Demográficos de Ribeirão Preto - 2005 a 2007

<i>Indicadores</i>	<i>Ribeirão Preto</i>	<i>Estado de SP</i>	<i>Ano</i>
Área (km ²)	650	248.000	2005
População (Hab)	547.417	41.029.414	2007
Densidade Demográfica (Hab/Km ²)	847,17	160,70	2005
Grau de Urbanização (%)	99,68	93,75	2007
Taxa de Natalidade (em 1.000 hab.)	13,56	14,92	2006
Taxa de Mortal. Infantil (em 1.000 nasc. vivos)	10,18	13,28	2006

Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE / Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE. Organização: Rosa (2008).

Tabela 3. Produto Interno Bruto por Setor em Ribeirão Preto - 2005.

<i>Setor</i>	<i>Valor (R\$)</i>	<i>Participação (%)</i>
Agropecuária	35.326,00	0
Indústria	1.668.113,00	19
Serviços	7.199.050,00	81
Total	8.902.489,00	100

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Organização: Rosa (2008).

Em decorrência da avançada infra-estrutura e logísticas voltadas para o agronegócio, o município é conhecido como a “capital do *agrobusiness*” ou, mais recentemente, como a “metrópole do campo”. Esses conceitos estão diretamente relacionados às riquezas advindas da atividade agrícola, e também à imagem divulgada sobre o município, desde o início do processo de industrialização no campo⁵².

Tal processo inicia-se no país, com maior intensidade, ao final da década de 60, momento em que um conjunto de novas formas de produção, trabalho e consumo abre espaço

⁵² “A idéia de ‘ouro verde’, como era chamado o café, Ribeirão Preto como centro cultural forte, com faculdade, teatro, cassinos e comércio, amadurece no título ‘Califórnia Brasileira’, apregoado no começo da década de 90. Foi a imprensa que propagou o conceito de ‘Califórnia Brasileira’, avaliando o padrão de vida, a renda *per capita*, que acaba sendo alta devido à riqueza dos grandes produtores da região”. (Gelfuso, 2000, s/ pagina). Recentemente, a mídia tem divulgado que os índices de riqueza no município nunca estiveram tão altos, em decorrência da movimentação do setor financeiro com o Etanol. Divulga-se com isto que Ribeirão não seria mais a “Califórnia Brasileira”, mas o “Texas Brasileiro”.

cada vez maior para a atuação dos Complexos Agroindustriais, os CAIs. Esse fenômeno intensificou ainda mais as relações e interações existentes entre o meio urbano e meio rural, nas mais diferentes regiões do país⁵³. Por outro lado, suas conseqüências foram intensas.

No campo, ganha força o trabalho padronizado e desenvolvido, cada vez mais, com o auxílio da mecanização da produção. Ao mesmo tempo, grande parte dos municípios brasileiros teve a urbanização acelerada e precarizada, e os resultados diretos da industrialização da agricultura foram as migrações e o êxodo rural. Em Ribeirão Preto não foi diferente, e a expansão de sua urbanização esteve diretamente ligada ao processo de consolidação do capitalismo no campo. O espaço urbano do município cresceu de maneira irregular, refletindo a desigual distribuição das riquezas e prosperidades advindas da agricultura. Uma série de questões sociais, econômicas, políticas e ambientais foram aprofundadas. Os dados relativos à agropecuária trazem a dimensão do território destinado à monocultura no município.

Tabela 4. Dados agropecuários em Ribeirão Preto - 2006.

<i>Indicadores</i>	<i>Valores</i>
Área dos estabelecimentos agropecuários	31.516 (ha)
Áreas de matas e florestas	1.556 (ha)
Estabelecimentos agropecuários	458 (unid)
Estabelecimentos com áreas de lavoura	463 (unid)
Estabelecimentos com áreas de pastagens naturais	92 (unid)
Estabelecimentos com áreas de matas e florestas	98 (unid)

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Organização: Rosa (2008).

Para Magalhães (1997), o arranjo espacial de Ribeirão Preto está atrelado aos diferentes momentos e processos sócio-econômicos pelos quais o município passou ao longo dos anos. Na tentativa de compreender como se caracterizou o processo de periferização dos espaços urbanos, a autora tipifica três momentos principais: o primeiro, seria a partir da década de 30, caracterizado pelas conseqüências e transformações resultantes da produção cafeeira; o segundo teria como marco a década de 50, momento em que se consolida sua vocação urbana por meio da expansão do setor terciário; e o terceiro se daria a partir da década de 80, com a consolidação do Próalcool, e a forte pressão migratória sofrida. Contudo, para a autora, o processo de periferização em Ribeirão Preto começa a esboçar seu perfil já no início do século XX, com a consolidação do núcleo urbano central. As décadas de 50 e 60 seriam significativas, já que foram marcadas por uma forte expansão do tecido urbano, elevação de renda da população e maiores investimentos e melhoramentos em infra-estrutura

⁵³ A este respeito, consultar Delgado (1985).

urbana. Já a década de 70 revelou tanto a expansão do setor agroindustrial, quanto um grande crescimento da população urbana. Com a implementação do Próalcool, programa governamental que surge para minimizar a utilização do petróleo, substituindo importações, produzindo combustível nacional, muitas usinas de açúcar e álcool se instalam em Ribeirão Preto e imediações, fazendo da região uma das maiores produtoras de álcool do país.

Trabalhadores, advindos dos mais diferentes locais, foram atraídos. No entanto, nesse momento em que a industrialização se intensificava no meio rural modificando as estruturas de produção e as formas de trabalho, utilizando-se especialmente da mecanização, as condições de vida de muitos trabalhadores foram precarizadas. A consequência direta para estes grupos foi a expulsão para as áreas urbanas. “Vê-se então um novo migrante, e a necessidade de se propiciar na cidade melhorias e, sobretudo, novos assentamentos” (MAGALHÃES, 1997:28).

A cidade, no entanto, já possuindo uma distribuição espacial irregular e um padrão de urbanização desigual no que diz respeito à oferta de serviços e equipamentos urbanos, recebe esse contingente populacional de maneira inadequada, alocando tais populações nos espaços mais periféricos e segregados espacial e socialmente. “Ribeirão Preto é um retrato da questão agrária brasileira, na medida em que vivenciou tanto o colonato como a caificação⁵⁴ do campo, com o surgimento do ‘operariado rural’, do sazonal, do sem-terra” (PANCIM, 2003: 2). Ao olhar para a trajetória do trabalhador rural no município, Pancim (2003) menciona que, com a monocultura da cana-de-açúcar, o município atrai grande contingente de mão-de-obra. No entanto, trabalhadores rurais foram expulsos das fazendas surgindo, a partir disso, novas categorias de trabalhadores. Muitos transformaram-se em volantes, outros, expropriados de suas terras de origem, em bóias-frias.

Alguns resultados desses processos para a população foram o desenraizamento, a perda de identidades culturais, posição marginal na cidade, dentre outros. Paralelamente, esses problemas foram agravados, na medida em que esses sujeitos passaram a viver em uma cidade despreparada para recebê-los.

O que podemos constatar, é o aumento dos bairros em torno do centro, também nas regiões periféricas da cidade, sem contar com o aumento do número de favelas e o aumento da marginalidade, muitas vezes derivadas da falta de empregos (PANCIM, 2003: 51).

⁵⁴ O autor refere-se aos impactos da implementação dos Complexos Agroindustriais - CAIs.

Observa-se, assim, que os problemas urbanos, em decorrência da consolidação do capitalismo no campo, foram agravados e os efeitos negativos foram sofridos pela população desprivilegiada, especialmente, ex-trabalhadores rurais, migrantes e camadas populares. Consideramos, portanto, que os problemas urbanos não são variáveis independentes, desvinculadas dos processos sociais mais amplos. No caso do município de Ribeirão Preto a fluidez entre campo e cidade traz elementos indispensáveis para se pensar as questões urbanas que se colocam hoje.

Nesse aspecto, Paro (1997) também considera que é a partir da década de 70, quando o município torna-se pólo de atração de mão-de-obra, que o crescimento desigual da estrutura urbana se acelera⁵⁵. Tal modelo de urbanização fragmentado e excludente tem seus primórdios, para Silva (1998), já no início do século XX, quando núcleos de colonização existentes na periferia rural da então vila dão origem aos primeiros bairros da cidade localizados, portanto, para além da área central. A expansão desordenada tornou-se algo contínuo e não regulamentado ao longo dos anos, assim como contínua foi e tem sido a imagem e representação propagadas sobre o município.

Principalmente após a campanha da “Califórnia Brasileira”, quando foi divulgado pela mídia que a renda *per capita* da cidade era de US\$5.500, semelhante à de alguns países da Europa Mediterrânea, e praticamente o dobro da média brasileira, que é de US\$2.800. Mas a distribuição da renda não foi divulgada, sendo que a maior parte do dinheiro é destinado aos usineiros de açúcar e álcool da região que participam ativamente da propaganda de nossa cidade para todo o país... (SILVA, 1993: 55).

Nessa mesma perspectiva, em estudo sobre a questão da globalização e da agricultura na região de Ribeirão Preto, Denise Elias (2003) considera que, a partir do desenvolvimento da especialidade agrícola, o município de Ribeirão Preto tornou-se atrativo, gerador de inovações e tecnologias tendo expandido seu “meio técnico-científico-informacional”. Porém, seu espaço urbano corporativo e fragmentado revela hoje uma “modernidade incompleta”, já que, simultaneamente, foram e são gerados desequilíbrios econômicos, sociais, culturais e territoriais, expressos no aumento da pauperização da população e na composição orgânica desigual do seu território. Nesse trabalho, a atividade agrícola é compreendida como grande fonte de concentração de riquezas no município, sendo esta concentração expressa tanto nos desequilíbrios de renda da população, quanto na configuração do espaço físico do município.

⁵⁵ “As conseqüências adversas desse ciclo econômico serão percebidas com o surgimento de novas áreas periféricas, em sua grande maioria, caracterizadas por suas péssimas condições ambientais e de habitabilidade, assim, como pela quase inexistência de serviços e atendimentos a esta população lá residente.” (PARO, 1997:1).

Esse modelo geográfico de crescimento desigual e segregacionista foi um padrão desenvolvido em grande parte dos municípios brasileiros e, em Ribeirão Preto, configura-se de modo rígido e explícito.

A cidade de Ribeirão Preto é área polar da região, exercendo comando no oferecimento de produtos e serviços modernos. Enquanto metrópole do campo, a cidade de Ribeirão Preto é onde toda a extensa gama de problemas urbanos, que caracterizam o crescimento das cidades do Terceiro Mundo, revela maior agravamento e onde a pobreza urbana mais tem aumentado em toda a região, uma vez que concentra parte significativa dos migrantes que acreditaram poder encontrar, na cidade e/ou região, melhores condições de trabalho e de vida. Prova disto é o elevado número de pessoas que vivem em condições miseráveis. (ELIAS, 2003: 329).

Dessa forma, observa-se que grande parte da produção acadêmica mencionada relaciona o padrão de crescimento urbano de Ribeirão Preto às questões ligadas ao meio rural, especialmente à produção agrícola. Obviamente, esses processos estão interligados como temos dito anteriormente. Não se trata, todavia, de afirmar que os problemas sociais e econômicos da cidade são resultados da presença dessa população “desprivilegiada” na área urbana do município. Ao contrário, o modelo de urbanização existente, conduzido pelo sistema econômico vigente, é que resulta na precarização das condições de vida de parte da população. Consideramos que esse elemento oferece instrumentos significativos para se compreender parte das questões sociais recentes como a periferização, a favelização e a segregação espacial em Ribeirão Preto⁵⁶.

2.4 Urbanização e pauperização em Ribeirão Preto

A expansão urbana e populacional em Ribeirão Preto cresceu de maneira intensa, assim como suas desigualdades sociais. Como pensar essas questões no município em contexto recente? Como tem se comportado sua urbanização nos primeiros anos do século XXI?

⁵⁶ “A forma que assumiu o desenvolvimento do capitalismo no campo está, assim, diretamente associada à questão da crise urbana, à questão ecológica, à questão energética, às desigualdades regionais, entre tantas outras das principais questões da sociedade brasileira”. (ELIAS, 2003: 319).

Tabela 5. Crescimento demográfico em Ribeirão Preto - 1991 a 2006.

<i>Ano</i>	<i>Habitantes</i>	<i>Crescimento (hab)</i>	<i>Taxa de Cresc. (%)</i>
1991	436.682	-	100
1996	456.252	19.570	104
1997	462.252	6.000	105
1998	467.934	5.682	106
1999	473.276	5.342	107
2000	504.923	31.647	114
2001	514.160	9.237	116
2002	520.502	6.342	117
2003	527.733	7.231	118
2006	547.417	19.684	122

Fontes: Base de Dados Sistema Municipal de Informações - SIM/Brasil & Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Organização: Rosa (2008).

Aumento de loteamentos periféricos concentrando população de baixa renda, formação de inúmeros vazios urbanos ociosos, aumento da especulação imobiliária, valorização desigual dos espaços, ausência de serviços e infra-estrutura urbanística para as camadas populares: esses são alguns aspectos que compõem a configuração sócio-espacial do município hoje.

**Tabela 6. População por condição e taxa de urbanização
Em Ribeirão Preto - 1980 a 2000.**

<i>Ano</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>	<i>Taxa de Urbanização (%)</i>
1980	316.918	306.837	10.081	96,81
1991	436.682	426.819	9.863	97,74
1996	456.252	453.684	2.126	99,53
2000	504.923	502.760	2.163	99,57

Fonte: Base de Dados Sistema Municipal de Informações - SIM/Brasil. Adaptação: Rosa (2008).

A queda da população rural do município ocorreu progressivamente ao longo dos anos. Esse fator pode ser compreendido levando-se em consideração a redução das moradias no meio rural (destinado, cada vez mais à monocultura da cana-de-açúcar), e a mudança de parte da população rural para a cidade (tabela 7).

Tabela 7. Domicílios e habitantes em Ribeirão Preto, em 2000.

<i>Descrição</i>	<i>Área urbana</i>	<i>Área rural</i>
Domicílios	144.609	549
Moradores em Domicílios Particulares Permanentes	500.277	2.163
Média de Moradores por Domicílios (Média)	3,46	3,94
Média Estadual	3,53	3,77

Fonte: Censo Demográfico IBGE - 2000. Organização: Rosa (2008).

Por outro lado, o núcleo urbano cresceu significativamente ao longo dos anos. E, ao mesmo tempo em que as periferias populares crescem, a segregação espacial de grupos privilegiados também é uma realidade. Há um aumento de condomínios fechados em toda a cidade, especialmente nos limites das áreas urbanas, ao mesmo tempo em que o aumento da pauperização é visível e refletido cada vez com mais nitidez na organização espacial da cidade.

Os primeiros núcleos de favelas surgiram em Ribeirão Preto por volta da década de 60 do século XX. Em 1990, já existiam 21 núcleos de favelização na cidade⁵⁷. Importante mencionar que, em 1993, o *déficit* habitacional - de acordo com informações da prefeitura municipal - atingia 27.165 famílias.

Em uma perspectiva mais abrangente, os dados do IBGE⁵⁸ para o ano de 2001, indicaram que a proporção de municípios que declararam ter favelas associa-se positivamente ao tamanho populacional. Entre os 32 municípios do país com mais de 500 mil habitantes, 94% possuíam favelas, como é o caso de Ribeirão Preto. Em relação às cidades que tinham de 100 a 500 mil habitantes, a proporção dos que informaram ter favelas era de 62,8%. Entre os municípios que tinham de 20 a 100 mil habitantes, 21,4% afirmaram possuir favelas.

Assim, a expansão das favelas em direção ao interior coincide com o crescimento populacional dos municípios de médio porte. De 1991 a 2000, a maior taxa de crescimento populacional foi verificada nas cidades que tinham de 100 a 500 mil habitantes, com 2,4%. Nos demais municípios a taxa de crescimento foi a mesma verificada no total do país, por volta de 1,6%. Paralelamente, os dados do IBGE apontam que 47% dos municípios informaram não ter políticas habitacionais.

Ribeirão Preto apresenta um aumento significativo das áreas de favelização. Esse processo inicia sua expansão no mesmo momento em que cresce a mecanização da lavoura, com a consolidação do capitalismo no campo - como mencionamos - fato que gerou

⁵⁷ De acordo com informações da Secretaria de Cidadania e Assistência Social do município.

⁵⁸ Pesquisa disponibilizada no site institucional do IBGE.

desemprego e precárias condições de vida na cidade. Em artigo sobre esta questão, Mariano (2005) salienta:

Uma população estimada de 19 mil pessoas, distribuídas em cerca de 3 mil barracos, vive com rede de água, esgoto e energia elétrica clandestinas, ruas sem asfalto, moradias de madeira e alvenaria, sem o serviço de coleta de lixo, sem telefone público e com alto índice de analfabetismo. Esta é a realidade dos moradores das favelas de Ribeirão Preto. (MARIANO, 2005, s/ pág.).

Os dados recentes acerca da favelização no município confirmam as estimativas. De acordo com a Secretaria de Cidadania e Desenvolvimento Social, existem, em Ribeirão Preto cerca de 3.952 barracos ou moradias improvisadas, em uma população de 18.069 moradores, residindo em áreas de favelização (tabela 8). Se levarmos em consideração o fato de que esses locais são extremamente dinâmicos, caracterizados por forte mobilidade de seus moradores e que estão em expansão, esses números hoje serão ainda maiores.

Tabela 8. Dados Popacionais das favelas de Ribeirão Preto - 2003.

<i>Região</i>	<i>Denominação</i>	<i>Moradias</i>	<i>Moradores</i>
NORDESTE	Flórida Paulista - Jardim Hipódromo	12	28
	Da Borborema	8	40
	Favela da Lagoa de Contenção	12	44
	Leão e Leão (Palmeiras)	34	140
	Do Jóquei Clube	45	225
	Adamantina	98	490
	Jardim do Trevo - Praça	150	750
	Leão e Leão	170	850
	Da mata e Itápolis	413	1612
	Coca-cola / Vila Augusta	50	250
	Jardim Zara	94	349
	Rio Pardo	150	950
	Monte Alegre - SBT	397	1354
NORTE	Vila Elisa	27	135
	Jardim Jandaia - Igreja	39	195
	Jardim Jandaia - Via Norte	44	220
	Valentina Figueiredo	44	220
	Jardim Jandaia - Torre	54	270
NORTE	Salgado Filho II - R Nuporanga	60	300
	Jardim Jandaia	70	350
	Jardim Jandaia - R. Japurá	72	360
	Salgado Filho II - R Ubatuba	86	430
	Córrego do Tanquinho / Vila Mariana	100	500
	Simioni - Usina Reciclagem de lixo	120	600

<i>Região</i>	<i>Denominação</i>	<i>Moradias</i>	<i>Moradores</i>
NORTE	Simioni - Brejo	150	750
	P.I. Avelino A. Palma	183	915
	Simioni - Via Norte	300	1500
	Simioni - Magid Simão Trad	512	2560
OESTE	Jardim Itaú	36	120
	Das Manguieras	321	1171
SUDESTE	Recreio Anhanguera	26	130
	Favela Avenida Andradas	32	128
SUL	Faiane - Bonfim	43	133
	<i>Totais</i>	<i>3.952</i>	<i>18.069</i>

Fonte: Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto - Secretaria da Cidadania e Desenvolvimento Social, 203. Organização: Rosa (2008).

O número de moradias e moradores vivendo em situações precárias no município, como se vê, é elevado. Se tomarmos como referência a população total (próxima dos 550.000), observamos que 3% dela vive em favelas. De acordo com informações da Prefeitura Municipal⁵⁹, das trinta e três áreas de favelização identificadas na cidade, a grande maioria possui rede de água, esgoto e energia elétrica clandestinas, assim como ausência de pavimentação nas ruas. As demais possuem algum tipo de melhoria como rede de esgoto, água, ou energia elétrica para parte de seus moradores. A procedência dos habitantes desses espaços são os Estados de Minas Gerais, Bahia, outros Estados da região nordeste, alguns do Paraná e também de pequenos municípios do interior de São Paulo.

A formação e a expansão dessas áreas em Ribeirão Preto ocorrem mais precisamente a partir da metade da década de 70. Favelas como as do Jardim Jandaia e da Coca-Cola, (localizadas na zona noroeste da cidade) começam a ser ocupadas a partir de 1975. Outras, como as do Adelino Simioni (também na zona norte) e do Jardim Zara (noroeste) começam a ser constituídas a partir da metade da década de 80. Quando atentamos para as áreas em que as favelas e moradias irregulares localizam-se na malha urbana, percebemos que há uma tendência de expansão deste tipo de moradias, especialmente para as zonas norte e nordeste do município (figura 2).

É importante salientar o fato de que a região nordeste de Ribeirão Preto é caracterizada por bairros que, em grande medida, surgiram de loteamentos voltados para as camadas populares. Os conjuntos habitacionais populares também estão concentrados, em grande medida, nas zonas norte e leste da área urbana. Conseqüentemente, nessas regiões está

⁵⁹ Fonte: Secretaria da Cidadania e Desenvolvimento Social, e Secretaria de Planejamento Urbano do município de Ribeirão Preto. Dados atualizados em 2006.

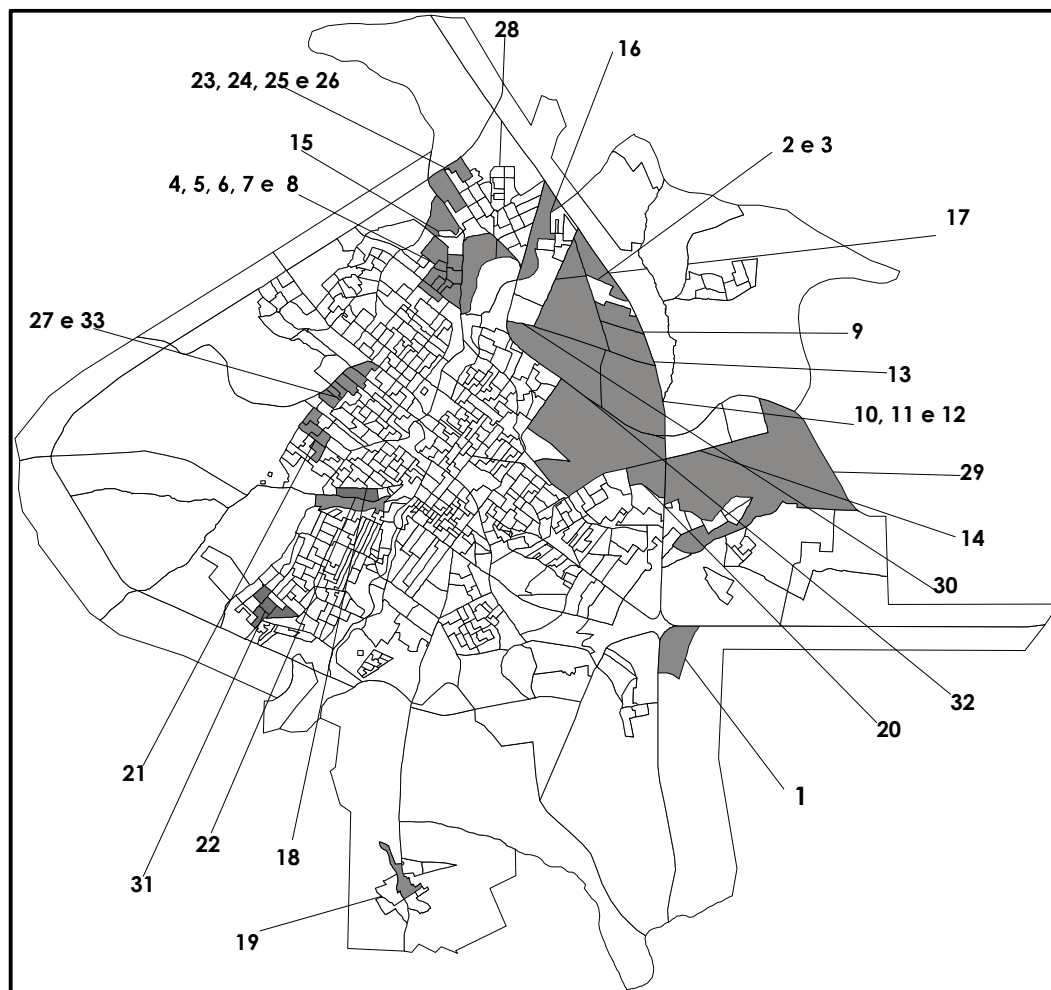
alocada parcela significativa da força de trabalho - formal e informal - do município. A região sudeste, por outro lado, é caracterizada por moradias e moradores de camadas mais privilegiadas, por condomínios residenciais verticais e horizontais, e maior infra-estrutura urbanística.

Nesse contexto, as áreas de favelização e moradias irregulares crescem como “anexos” dos bairros periféricos, demonstrando não apenas o alto *déficit* habitacional no município, mas o fato de que boa parte dos moradores da cidade não partilha o urbano da mesma forma.

Tabela 9. Indicadores de Pobreza em Ribeirão Preto - 1991 e 2000.

<i>Indicadores</i>	<i>1991 (%)*</i>	<i>2000 (%)*</i>
Intensidade da indigência	56,5	67,79
Intensidade da pobreza	36,56	46,67
Crianças pobres	9,09	15,15
População pobre	5,88	8,58
Crianças indigentes	2,1	6,26
Indigentes	1,5	3,63

* % em relação à população total. Fonte: Sistema de Informações Municipais - SIM Brasil. Organização: Rosa (2008).



Legenda

1	Recreio Anhanguera	12	Da mata e Itápolis	23	Simioni - Magid Simão Trad
2	Salgado Filho II - R Ubatuba	13	Da Borborema	24	Simioni - Brejo
3	Salgado Filho II - R Nuporanga	14	Do Jóquei Clube	25	Simioni - Via Norte
4	Jardim Jandaia	15	Valentina Figueiredo	26	Simioni - Usina Reciclagem de lixo
5	Jardim Jandaia - Torre	16	P.I. Avelino A. Palma	27	Coca-cola / Vila Augusta
6	Jardim Jandaia - Igreja	17	Vila Elisa	28	Córrego do Tanquinho / Vila Mariana
7	Jardim Jandaia - Via Norte	18	Jardim Itaú	29	Jardim do Trevo - Praça
8	Jardim Jandaia - R. Japurá	19	Faiane - Bonfim	30	Favela da Lagoa de Contenção
9	Adamantina	20	Jardim Zara	31	Favela Avenida Andradas
10	Leão e Leão	21	Monte Alegre - SBT	32	Flórida Paulista - Jardim Hipódromo
11	Leão e Leão (Palmeiras)	22	Das Mangueiras	33	Rio Pardo

Figura 2. Localização das áreas de favelização no município de Ribeirão Preto - 2007.

Fontes: Secretaria da Cidadania e Desenvolvimento Social - PMRP / Base digital: Estatcart - IBGE - Divisão por setores censitários. Organização: Rosa (2008).

Em trabalho organizado por Fernandez (2004), pesquisadores traçam um perfil significativo de parte da periferia ribeirão-pretana. O objetivo do trabalho, realizado desde 1998, foi compreender em que medida as políticas públicas direcionadas às camadas populares supriam as expectativas da população residente em parte da periferia do município. As áreas definidas como campo de pesquisas foram as regiões do Conjunto Habitacional

Avelino Alves Palma, Conjunto Anhangüera e Jardim Progresso. Tais áreas de segregação sócio-territorial possuem, como características, a condição de subcidadania de seus habitantes, especialmente por concentrarem um grupo de trabalhadores marginais ao sistema produtivo principal, com baixa escolaridade, baixos rendimentos, situações de instabilidade, trajetórias de migração e desenraizamento.

Fernandez e Adas (2004) consideram que o agravamento da segregação urbana em Ribeirão Preto está diretamente atrelado às inovações no sistema produtivo sucroalcooleiro, à pressão migratória aumentada na década de 80 e ao crescimento da especulação imobiliária na cidade. Neste sentido, o aumento da população urbana se justificaria pelo próprio crescimento vegetativo da população urbana, pelas migrações, pela incorporação de áreas que antes eram consideradas rurais nos censos demográficos, concentração da propriedade da terra - com a instalação das agroindústrias - e esvaziamento conseqüente do campo. Em decorrência destes fatores, a composição física do território municipal se organizou de maneira desigual e excludente⁶⁰.

Com a consolidação dos processos de marginalização das camadas populares na década de 90, momento em que os bairros periféricos têm um grande aumento em suas populações, a cidade não ofereceu contrapartida para a melhoria de vida de seus cidadãos. Somadas a isto, novas formas de migrações passaram a compor o território ribeirão-pretano. Se, em um primeiro momento da modernização agrícola, o fluxo migratório era marcado pelo movimento do campo para a cidade, em um momento posterior as migrações de cidade para cidade são realizadas com freqüência.

No entanto, vale mencionar que todos estes fatores não são vistos apenas como males. Para alguns estudiosos⁶¹, a irregularidade e ilegalidade que compõem a ocupação do solo urbano em Ribeirão Preto devem ser vistas como respostas de grupos destituídos de habitação, de acesso ao mercado formal de trabalho e aos serviços e bens essenciais. E, ainda que destituídos de uma série de elementos básicos para a vida na cidade, os moradores de parte das periferias ribeirão-pretanas encontram forças e mecanismos de organização coletiva com a finalidade de reivindicar melhorias em suas formas de vida - seja através de associação de moradores ou outras maneiras de organização. Trata-se, como demonstrou Fernandez (2004), de uma luta cotidiana, que não se encerra na conquista da casa própria, mas que se

⁶⁰ “A região de Ribeirão Preto sofreu mudanças profundas, tanto no seu espaço urbano quanto agrícola, direcionadas ao atendimento das demandas das grandes empresas. A despeito de um considerável desenvolvimento econômico, as conseqüências sociais e espaciais foram devastadoras, acarretando o empobrecimento da grande maioria da população.” (Fernandez & Adas, 2004: 59).

⁶¹ Como aponta Fernandez (2004).

estende à reivindicação de estrutura urbana e serviços básicos, no reconhecimento e sentimento de pertencimento à cidade.

No entanto, a pobreza que se produz e se reproduz no município não está concentrada apenas nas periferias, ou seja, em espaços segregados espacialmente. A favelização crescente revela a “interiorização” ou “centralização” da pobreza no espaço intra-urbano.

Tabela 10. Habitantes vivendo em situação de favelização em Ribeirão Preto - 2003 a 2006.

<i>Ano</i>	<i>Habitantes</i>	<i>Taxa de Cresc. (%)</i>
2003	10.741	100
2004	11.280	105
2006	18.069	168

Fonte: Secretaria da Cidadania e Desenvolvimento Social. Organização: Rosa (2008).

No que diz respeito às políticas habitacionais no município, a atuação concentra-se na Companhia de Habitação Popular - COHAB. As COHABs foram constituídas em 1964, no âmbito do Sistema Financeiro de Habitação - SFH e da estrutura do Banco Nacional da Habitação - BNH. Surgem para atuarem dentro dos territórios estaduais e municipais, com apoio de órgãos federais. O intuito principal seria promover planos, projetos e ações destinados aos problemas habitacionais dos estados e municípios. Neste contexto insere-se a COHAB de Ribeirão Preto, criada em 1970, e que hoje opera como uma entidade ligada à Secretaria Municipal de Governo.

Além de possuir programas e projetos específicos voltados às questões habitacionais do município, a COHAB- RP oferece serviços como: abatimento de prestações com utilização do FGTS; atualização de endereço; autorização de prazo para reforma; fiscalização e inscrições dos imóveis; liberação de hipoteca; parcelamentos/acordos; quitação do imóvel por motivo de invalidez permanente do mutuário que não for filiado a órgão previdenciário; revisão de prestações; transferência ou refinanciamento; entre outros serviços.

Quadro 1. Empreendimentos habitacionais realizados pela COHAB - RP e parceiros: 1995 - 2003.

<i>Empreendimento</i>	<i>Parceria</i>	<i>No. e Tipo</i>	<i>Início</i>
Jardim Florestan Fernandes	Engindus Engenharia Industrial Ltda.	1.582 lotes urbanizados	25/09/1995
Jardim Diva Tarla de Carvalho	Protenco – Projetos e Const. Ltda.	1812 lotes urbanizados	01/11/1995
Loteamento Jd. Luiz Carlos Zequim	Engindus Engenharia Industrial Ltda.	200 lotes urbanizados	04/09/1995
Loteamento Jd. Luiz Carlos Zequim II	Engindus Engenharia Industrial Ltda.	160 lotes urbanizados	04/12/1996
Loteamento Jd. Emir Garcia	Engindus Engenharia Industrial Ltda.	227 lotes urbanizados	06/11/1996
Loteamento Parque dos Servidores	Lagoinha Construtora Ltda.	1367 lotes urbanizados	04/11/1996
Loteamento Parque dos Flamboyans	Imobiliária Jardim das Oliveiras	1391 lotes urbanizados	06/11/1996
Loteamento Léo Gomes de Moraes	Said Empreendimentos S/C Ltda.	312 lotes urbanizados	04/05/2003
Residencial das Américas/Caribe	Construtora Perdiza Villas Boas Ltda.	896 unidades habitacionais (aptos)	25/03/1997
Jardim José Figueira	Construtora Freitas Dias	140 unidades habitacionais (casas)	12/12/2001
Condomínio Residencial Leblon	Camargo Barros Const. e Com. Ltda.	90 unidades habitacionais (casas)	29/01/2002

Fonte: Companhia de Habitação Popular de Ribeirão Preto - COHAB/RP. Organização: Rosa (2008).

Além de empreendimentos como conjuntos habitacionais voltados para as camadas populares, a entidade possui projetos direcionados às parcelas da população que vivem em condições de moradia precárias e irregulares:

Quadro 2. Programas e Projetos habitacionais realizados pela COHAB - RP.

<i>Projeto / Programa</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Público Alvo</i>	<i>Descrição</i>
“Erradicação de favelas”	Alojamentos unifamiliares (em fase de elaboração e detalhamento das viabilidades técnico-econômicas e sociais) para as substituições das unidades habitacionais nas favelas por alojamentos unifamiliares.	Espaços vazios, formados por dois a quatro lotes urbanos comuns, aglutinados.	Ocupação de lotes vazios por famílias alojadas em pequenos apartamentos, compatíveis com a sua dimensão (pais, filhos e avós), abrangendo também idosos sem família.
“Intervenção em favelas”	Promover o desfavelamento e a urbanização de áreas de favelas, possibilitando fixação ou relocação da população carente.	O programa destina-se às favelas que apresentam condições físicas, ambientais, jurídicas e sociais favoráveis à urbanização. A ação integra o trabalho físico, jurídico e social, envolvendo de modo coletivo a população moradora da favela.	A urbanização envolve a regularização da posse da terra, o parcelamento do solo, implantação de infra-estrutura, regularização do traçado de acesso e vias internas. A ação integra o trabalho físico, jurídico e social, envolvendo de modo coletivo a população moradora da favela.
“Lotes Urbanizados”	Ampliar a oferta de lotes dotados de infra-estrutura para famílias de baixa renda.	Famílias de baixa renda que moram atualmente em situações de risco, casas alugadas ou locais sujeitos a obras públicas.	Viabiliza a infra-estrutura básica (água, esgoto, energia elétrica e pavimentação) em glebas brutas. Os lotes urbanizados são uma alternativa de baixo investimento, que serve de base para várias formas de execução das unidades habitacionais.

<i>Projeto / Programa</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Público Alvo</i>	<i>Descrição</i>
“Mutirões auto-gestionários”	Estabelecer uma política pública de estímulo a autogestão, viabilizando a organização da população para resolver seu problema habitacional.	População de baixa renda que mora de aluguel, interessada num processo de construção comunitária por mutirão.	Trata-se de um programa em que a comunidade organizada atua como Agente Promotor (executor) gerenciando recursos do poder público, destinados a aquisição de materiais de construção, mão-de-obra especializada, assessoria técnica, canteiro de obras e ferramentas.
“Autoconstrução Assistida”	Facilitar a construção de unidades habitacionais em lotes vazios dentro da malha urbana da cidade.	Famílias de baixa renda que possuem um terreno vazio na cidade como único imóvel.	As unidades habitacionais serão produzidas pelo sistema de autoconstrução, com assessoria técnica da Prefeitura Municipal em convênio com as entidades de classes vinculadas à indústria da construção civil.

Fonte: Companhia de Habitação Popular de Ribeirão Preto - COHAB/RP. Organização: Rosa (2008).

Nesse programas e projetos a Companhia busca, em tese, trabalhar na perspectiva de uma “nova filosofia”, prevendo a participação comunitária, o envolvimento dos futuros proprietários e as suas demandas no que diz respeito ao formato de construção.

Todavia, nem toda parcela da população que necessita de moradia pode ser inserida nesses programas. Se tomarmos como exemplo a favela da Coca-Cola, localizada na região Nordeste de Ribeirão Preto e onde residem mais de 600 moradores⁶², observaremos que parte considerável desses não terá oportunidade de residir em conjuntos habitacionais - sejam eles loteamentos, casas ou apartamentos. Muitas famílias não têm condições de arcar com as prestações dessas habitações que comprometeriam um orçamento reduzido, já que exigem um mínimo de estabilidade no que diz respeito aos rendimentos, tendo em vista que as parcelas devem ser pagas ao longo de muitos anos.

Alternativa como a “Intervenção em favelas”, proposta pela Companhia, também não seria possível naquela área, pois se trata de uma propriedade privada e que não possui condições para instalação de infra-estrutura urbanística. Por outro lado, programas como os de “Lotes Urbanizados” também não seriam viáveis, uma vez que os recursos, no caso deste projeto, devem ser destinados à aquisição do terreno e, depois, para a construção da moradia, o que seria uma alternativa significativamente onerosa do ponto de vista econômico.

Uma alternativa relativamente viável seria a dos “Mutirões AutoGestionários”. No entanto, para tal, seria necessária uma área que comportasse de fato a população da favela. Ao mesmo tempo, um enfrentamento real em relação à execução desse programa seria a questão

⁶² Detalhes sobre esta localidade serão mais bem especificados no capítulo III deste trabalho.

da ausência de organização coletiva entre os moradores (como veremos no terceiro capítulo). Isto significa dizer que, para que algumas destas propostas sejam aplicadas, um longo trabalho de levantamento das necessidades e das disponibilidades dos habitantes deve ser feito, ao mesmo tempo em que a aproximação e acompanhamento das famílias, por parte do poder público, deve ser efetiva. Nesse contexto, o tipo de encaminhamento a ser dado deveria prever baixos custos, em períodos curtos de pagamento⁶³.

O problema habitacional, dessa forma, não pode ser encarado de maneira simplória, pois envolve um universo que vai além das possibilidades materiais: está diretamente ligado a um conjunto de disposições simbólicas em torno do sonho da “casa própria”. Mais do que “novas tipologias”, as ações governamentais precisam, cada vez mais, levar em consideração as especificidades dos atores sociais que vivenciam a experiência da precariedade, de modo a não fazer do sonho da moradia a não-propriedade, e um ônus para a vida toda.

As políticas públicas, nesse contexto, não podem tomar a dimensão do habitar de maneira isolada, sem levar em conta detalhadamente as condições sociais e políticas dos grupos. Se, como aponta Oliveira (2003), o planejamento urbano continuar incorporando a exceção (reforçando desigualdades de renda e permitindo a precarização das condições de vida da população), além de continuarmos tratando a pobreza como um processo “natural”, as desigualdades sócio-econômicas serão, ainda mais, aprofundadas.

Toda transformação ocorrida fundou outra desigualdade, qualitativamente diferente, sobretudo, quando vista sob a ótica da liberdade, e quantitativamente maior se observarmos as distâncias entre muito ricos e muito pobres. Mas a nova diferença quantitativa obriga os dominados a um esforço descomunal para supera-la, o que introduz uma nova qualidade na desigualdade, que, se já não é a completa ausência de liberdade, é a quase completa ausência de horizonte de superação.” (OLIVEIRA, 2003: 10)

Em Ribeirão Preto, ainda que existam políticas de incentivo à habitação, o que se percebe é que os processos de segregação e o padrão de exclusão territorial não puderam ser minimizados, ao contrário, foram agravados nas últimas décadas.

Levando em conta estes fatores, Adas (*apud* Fernandez 2004) considera que o universo da periferia em Ribeirão Preto revela, ao mesmo tempo, homogeneidade e heterogeneidade entre suas condições de vida. Salienta, por outro lado, que o processo de favelização no município merece ser mais bem compreendido, já que se trata de um universo sociológico específico e distinto em relação ao dos bairros periféricos.

⁶³ “Os pobres são excluídos do mercado de capitais pela simples razão de não poderem se habilitar a qualquer financiamento regular.” (SINGER, 1996: 163).

Frente a isto, se considerarmos que cada grupo social possui maneiras distintas e específicas de apreender e lidar com a pobreza na vida cotidiana, é preciso levar em consideração as diferentes formas pelas quais esta se manifesta no município.

Propomos, nessa perspectiva, um olhar mais cuidadoso para a realidade dos sujeitos, tendo em vista que cada bairro, cada favela, a despeito de se situarem na área urbana e possuírem aspectos comuns que os definem enquanto tais, comportam atores, formações e problemáticas específicas, como será visto na próxima seção deste trabalho.

Capítulo III



*A luta silenciosa em uma favela
do interior paulista*

3. A LUTA SILENCIOSA EM UMA FAVELA DO INTERIOR PAULISTA

3.1 A Favela “da Coca-Cola” e seu “lugar” no município

A área de favelização definida para estudo nesta dissertação é a que se localiza na parte mais alta do bairro Ipiranga, região noroeste do município de Ribeirão Preto (figura 3). Na localidade aqui descrita, assenta-se a “Favela da Coca-Cola”, como é nomeada e conhecida pela população nela residente e em seu entorno. O local foi assim denominado por ter como ponto de referência a indústria dos Refrescos Ipiranga, razão social da produtora e distribuidora dos produtos Coca-Cola em Ribeirão Preto e região.

Tendo como limites as avenidas Rio Pardo e D. Pedro I por um lado, o bairro Planalto Verde (classe média) e o Conjunto Residencial Jardim Paiva (constituído por moradias populares) por outro, a favela se assenta em uma área de propriedade particular. O grande terreno pertencia à antiga FEPASA (Ferrovia Paulista S.A.),⁶⁴ de acordo com informações coletadas na Secretaria de Cidadania e Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Pelas características específicas de infra-estrutura, sua população é considerada, pelo poder público, como assentada em área de risco.

⁶⁴ A Ferrovia Paulista S.A. foi uma empresa de estradas de ferro pertencente ao Estado de São Paulo, resultante da fusão entre a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e outras existentes no Estado. Em 1999 essa malha foi leiloadada na forma de concessão, sendo hoje pertencente à FERROBAN (Lages, 2000).



Figura 3. Localização da Favela da Coca-Cola na malha urbana de Ribeirão Preto.
Base digital: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE - Estatcart - 2000.
Adaptação: Rosa (2008).

Os primeiros moradores chegaram ao local na segunda metade da década de 70 do século XX. Por meio de relatos dos moradores mais antigos, é possível observar que a formação do local inicia-se a partir do momento em que esses sujeitos não conseguem dar conta dos aluguéis de suas casas, ainda que essas se localizassem em bairros periféricos como o Ipiranga, Marincek, Simioni, entre outros, onde o valor dos aluguéis normalmente não são extremamente elevados.



Figura 5. Vista aérea de um trecho da Favela da Coca-Cola - 2008.

Fonte: GoogleEarth - Altitude do Ponto de visão: 382 m

Nas visitas a campo, todavia, essas informações já nos pareciam significativamente desatualizadas e em descompasso com a densidade populacional do lugar. Além disso, não existiam informações como idade, escolaridade, renda, perfil sócio-econômico e cultural específicas da população existente. Diante desse contexto optou-se pela realização de um censo no local, em que um mapeamento sócio-econômico pudesse ser obtido com maior clareza, por meio de questionários estruturados. Por outro lado, uma forte intenção era “dar voz” à parte dessas pessoas, tentando resgatar, em alguma medida, suas trajetórias, expectativas e perspectivas para o futuro. Daí a realização, em um segundo momento, de entrevistas com moradores mais antigos, com a finalidade de resgatar os percursos desses atores e nos auxiliar na descoberta dos mecanismos de formação dessa área de favelização.

3.2 Apontamentos gerais e aspectos metodológicos sobre o universo da pesquisa

A pesquisa na favela que se localiza no alto do bairro Ipiranga, no município de Ribeirão Preto, realizou-se ao longo de dois anos. Em um primeiro momento, foram realizadas visitas esporádicas ao local e estabelecidos os primeiros contatos com os moradores, com o intuito de apreender como se organizavam, quais os limites geográficos da favela, quais as características gerais das moradias, e como seria possível iniciar o levantamento dos dados. Por meio das informações e impressões obtidas nessa etapa, optou-se por iniciar o levantamento com um trabalho quantitativo que pudesse revelar características gerais sobre população residente naquele local. Essa escolha foi feita em decorrência de que todas as informações obtidas sobre a favela em questão eram, de certa forma, insuficientes ou mesmo consideravelmente desatualizadas⁶⁷.

Assim, o processo de aplicação dos questionários realizou-se ao longo de três meses. As visitas foram feitas tanto em dias úteis, de segunda a sexta-feira, quanto aos finais de semana, e em horários distintos. O objetivo desse primeiro trabalho quantitativo era levantar variáveis e aspectos que nos pareciam de relevantes, tais como:

- Condição da moradia;
- Tipo de infra-estrutura existente;
- Sexo, idade, escolaridade, ocupação, renda e origem geográfica dos moradores;
- Participação política e formas de organização existentes no local;
- Relação dos moradores com seu local de moradia;
- Relação dos moradores com outros espaços da cidade;
- Opiniões e expectativas dos moradores em relação à sua condição e ao seu futuro.

Estes e outros aspectos nos pareciam passíveis de apreensão por meio de questionários. Ao mesmo tempo, o trabalho de aplicação do questionários nos ajudaria a conhecer os moradores e ser (re)conhecida, para que um trabalho qualitativo e mais próximo a eles pudesse ser viabilizado, de acordo com a receptividade que poderia, ou não, ser dada à pesquisadora.

⁶⁷ Neste momento, não existia na Prefeitura Municipal ou em órgãos estatísticos governamentais, um levantamento sócio-econômico consistente sobre esta favela. Daí a necessidade de realização do trabalho quantitativo, na medida em que os poucos dados coletados na Secretaria de Cidadania e Desenvolvimento Social do município datavam de 2000 e 2001.

Em decorrência da forma de organização das moradias, considerou-se que a realização de uma pesquisa por amostragem seria inadequada e insuficiente. As moradias organizam-se de maneira irregular, sendo que seus espaços e limites só puderam ser bem visualizados e definidos por meio do próprio trabalho de campo. Assim, durante as visitas exploratórias não foi possível obter o número de moradias que compunham nosso universo. Nesse caso, seria inviável realizar uma pesquisa por amostragem que fosse representativa. Em decorrência disso, realizamos um censo, em que todas as unidades domiciliares existentes no momento da pesquisa foram visitadas e cadastradas.

A unidade de análise escolhida foi a própria moradia, independentemente do número e dos tipos de famílias que nela residiam. Isto porque a maneira como os moradores do lugar se organizavam não permitia - em um primeiro momento - definir a família como unidade de análise. Tratava-se, geralmente, de famílias nucleares (constituída por pai, mãe e filhos) e compostas (formadas por gerações diferentes e/ou por pessoas “agregadas” ao grupo familiar), habitando um mesmo espaço, o que pôde ser descoberto ao longo da execução da pesquisa.

A partir da moradia (da habitação) como ponto de partida, realizou-se então a aplicação dos questionários. Nessa etapa, além do cadastramento de todas as moradias, os trabalhos foram complementados com anotações qualitativas no diário de campo. Isso auxiliou a execução da segunda etapa dos trabalhos, em que seriam definidos os moradores a serem entrevistados.

A partir desses critérios, foram cadastradas 221 moradias existentes no período da pesquisa. Contudo, havia um número significativo de moradias em construção, o que significa reconhecer que os dados apresentados nesta pesquisa já se encontram, em certa medida, não correspondendo totalmente à realidade da Favela da Coca-Cola, após concluído o trabalho de campo. Isto demonstra que qualquer estatística social possui um significado historicamente dado, ou seja, é datada, o que determina que em qualquer forma de apresentação, essas condições sejam explicitadas. Ainda assim, pode-se afirmar que o levantamento realizado nesta pesquisa é o primeiro e mais completo já feito com a população ali residente.

Das 221 moradias visitadas, 203 encontravam-se ocupadas e 18 vagas ou desocupadas. Importante mencionar que, dentre as moradias ocupadas, 37 encontravam-se fechadas no momento da visitação. Ainda em relação a estes números gerais, destacamos que 2 questionários foram respondidos de forma incompleta, pois os respondentes encontravam-se ocupados nos dias em que foram visitados; e 12 dos responsáveis não puderam ou não quiseram responder ao questionário. Diante deste quadro, a aplicação completa dos

questionários foi executada em 152 moradias, o que representou 75% das moradias ocupadas existentes no local.

No que diz respeito aos respondentes, a grande maioria deles concentrou-se na faixa entre 16 a 35 anos (tabela 11).

Tabela 11. Respondentes dos questionários segundo faixa etária, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Idade (em anos)</i>	<i>(%)</i>
Até 15	2
de 16 a 25	26
de 26 a 35	33
de 36 a 45	20
de 46 a 55	13
de 56 a 65	2
de 66 a 75	4
de 76 ou mais	0
Total	100

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Será possível notar - ao observar os dados de toda a população - que há uma concentração de jovens residindo no local.

Parte significativa desses respondentes é de mulheres. Além de seguir a tendência do local, em que a maior parcela da população é feminina, isto ocorreu também porque foi mais freqüente encontrar as mulheres em casa durante o dia. Parte delas denomina-se como do lar, trabalham nas atividades da casa e no cuidado da família. Por outro lado, as que trabalham fora não têm todos os dias da semana ocupados, já que conciliam trabalho dentro e fora da casa desenvolvendo atividades, por exemplo, de diaristas.

Assim, em relação ao sexo dos respondentes, 74% foram de mulheres, sendo que dessas, 85 declararam chefiar a família: do total das mulheres que responderam ao questionário, 76% declararam-se chefes (sendo responsáveis pela existência da família, sobretudo, economicamente), o que segue uma tendência nacional. “A dinâmica social, menos centrada nos laços familiares, resulta em percentual elevado de chefia feminina (32%), o que consiste num dos traços mais característicos da pobreza urbana em sociedades modernas” (ROCHA, 2006:183).

Observamos também, ao longo da pesquisa exploratória, que havia na favela da Coca-Cola uma presença marcante da população negra. Assim, procuramos levantar dados a esse respeito - ainda que de maneira pontual. A cada respondente foi perguntado sobre como

definia sua cor de pele. Essa pergunta não oferecia ao respondente opções fechadas, para que fosse possível apreender categorias que partissem deles próprios. Em relação a esse quesito, 35% dos respondentes declararam-se de cor branca; 9% definiram-se como “morenos”; 22% como negros e 34% como pardos. No entanto, a auto-definição de cor de pele para a grande maioria apresentou-se como uma questão a ser pensada. Muitos deles, quando questionados, refletiam bastante ao responder, declarando não estar habituados pensar muito no assunto. Muitos dos que se declararam “morenos” ou “pardos” poderiam ser considerados, se baseados em outros critérios de classificação, como negros. Mas essa foi uma resposta que não apareceu com grande frequência.⁶⁸

Ainda que por meio de critérios subjetivos, as respostas podem informar sobre um processo comumente diagnosticado em outras ocasiões: em auto-avaliações os entrevistados podem não definir com clareza sua cor de pele.⁶⁹ Podem ainda, nos fazer refletir em que medida a definição de cor da pele é algo importante para esses sujeitos, ou seja, esta pode não ser uma preocupação constituinte dos seus cotidianos.

Mesmo diante das respostas, nossas impressões iniciais de que a presença da população negra era marcante foram, ao longo das visitas a cada unidade domiciliar, reforçadas. Do ponto de vista sociológico, esse fato pode ser compreendido historicamente, tendo em vista que segregação espacial e racial são processos que caminharam e caminham em sincronia na sociedade brasileira. Estudos relativos a essa discussão foram⁷⁰ e têm sido realizados por pesquisadores, demonstrando que a organização física da cidade e a maneira como determinados grupos estão nela assentados, revelam fortemente traços históricos de discriminação racial.

Ao discutir diferentes espaços sociais habitados pela população afro-descendente, sobretudo, periferias, favelas e quilombos, Lourdes Carril nos traz elementos importantes para pensar a segregação espacial e racial no Brasil. Para ela, a condição social dos negros no espaço urbano hoje, pode ser compreendida a partir da constituição da sociedade escravista.

A favela, seguida do cortiço, tornou-se um dos primeiros núcleos de habitação da população recém-egressa da escravidão. Trata-se de núcleo habitacional surgido desordenadamente, em terreno público, de domínio não definido ou mesmo alheio, localizado em área sem urbanização ou melhoramentos. [...] De início, a favela

⁶⁸ A temática desse trabalho centra-se na discussão sobre organização sócio-espacial. No entanto, esse aspecto nos pareceu importante pois pode fornecer pistas e subsídios para o desenvolvimento de outras pesquisas.

⁶⁹ “Quando se usa a auto-classificação, os entrevistados tendem a se ‘embranchecer’, ou seja, a se considerar mais claros do que são. A opção pela classificação externa também implica riscos, pois, segundo Garcia, o entrevistador, quando simpatiza com o entrevistado, tende a embranchecê-lo.” (In: Redação, Folha On Line, 13 de outubro de 2001).

⁷⁰ A este respeito, verificar Fernandes (1978).

concentra majoritariamente a população negra, mas, a partir da década de 1950, correntes migratórias de trabalhadores negros e brancos, sobretudo nordestinos, também passarão a avolumar o contingente favelado. (CARRIL, 2006:230)

Desse período até os dias recentes, todos os processos de “modernização” pelos quais o país passou (democratização, industrialização, urbanização, etc) conservaram elementos de opressão e discriminação dos negros, revelados hoje no espaço urbano. “Partimos da premissa que a condição social do negro brasileiro, instituída no processo de escravidão, manteve-se sendo parte contínua das bases de produção e de reprodução do capital na agricultura e, mais tarde, no espaço urbano.” (CARRIL, 2006: 54).

Não estamos, frente ao exposto, estabelecendo uma relação necessária entre a questão racial e a pobreza. Chamamos a atenção para o fato de que a condição de pobreza no caso dos afro-descendentes brasileiros não é casual, mas insere-se no processo histórico de formação de uma sociedade marcada pela discriminação, o que nos faz compreender, em uma perspectiva mais ampla, a presença dos negros na favela da Coca-Cola. “A favela e a periferia são, assim, o lugar onde o Estado não está. Não é a questão do lugar, mas a concepção de que uma parte da população não tem direito ao patrimônio e à riqueza, relações desiguais que têm origem no passado colonial.” (CARRIL, 2006: 231). Diante disto, talvez fosse pertinente refletirmos sobre a seguinte questão: na sociedade capitalista recente em que transformações no universo do trabalho, aumento de uso de tecnologias, exigências por qualificação, entre outros aspectos marcantes, os custos desses processos não recairiam mais explicitamente sobre essa população historicamente segregada?⁷¹.

3.3 População pesquisada segundo perfis sócio-econômico e educacional

Sabemos que são múltiplos os fatores que podem definir o conceito de pobreza: desde elementos que constituem a existência física dos indivíduos (como acesso à alimentação), até um conjunto de demandas a serem supridas no âmbito de um contexto social mais amplo

⁷¹ “Nesse sentido, passo a considerar que foi a negatividade da cor que permaneceu no imaginário social, se estendendo aos pobres. Quero dizer com essa afirmação que a desigualdade radicada na estrutura social brasileira tem caráter racial. Ela é profunda e se remete à ausência de direitos, à exclusão da voz social, e à superexploração típica da condição do escravo negro.” (Carril, 2006: 243).

(habitação, educação, saúde, entre outros)⁷². As variáveis que irão compor cada um desses aspectos levam em conta as especificidades sociais, políticas e culturais da população em questão. Sem o intuito de discutir o conceito de pobreza e os critérios que o definem (esforço já realizado por inúmeros estudiosos no país), podemos dizer que existe um consenso no que diz respeito ao significado do termo: a pobreza relaciona-se à incapacidade de os indivíduos/famílias atenderem a um conjunto de necessidades consideradas fundamentais para viver em sociedade.

Levando-se em consideração esse aspecto, a população residente na favela da Coca-Cola coloca-se nesse universo de dificuldades para suprir necessidades fundamentais que não dizem respeito apenas ao recurso disponível para a alimentação. O dificultoso acesso à educação, à habitação, aos serviços de saúde, transporte, entre outros, torna essa população desprivilegiada se comparada à grande maioria da população que vive no município de Ribeirão Preto.

Uma série de fatores, nos mostrou vivências marcadas pela improvisação, reforçada pelo conjunto: precariedade do trabalho ↔ baixos rendimentos ↔ reduzidos níveis de escolaridade, que será mais bem compreendido nas linhas que se seguem.

Na favela da Coca-Cola, das 152 moradias visitadas foram identificadas 618 pessoas residindo no local. Do total de moradores, 52% são mulheres e 48% são homens (figura 6).

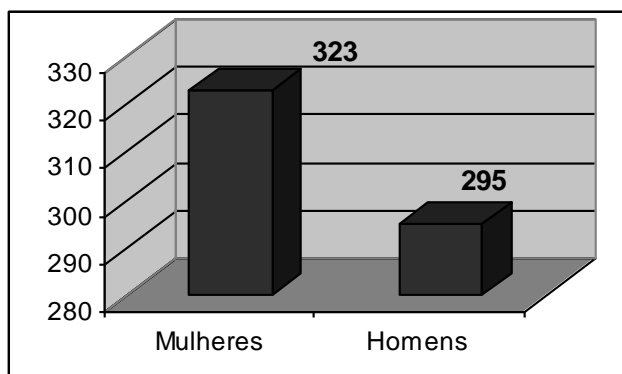


Figura 6. Número de moradores segundo o sexo, Favela da Coca-Cola - 2006.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008

⁷² “Pobreza absoluta está estreitamente vinculada às questões de sobrevivência física, portanto ao não-atendimento das necessidades vinculadas ao mínimo vital. O conceito de pobreza relativa define necessidades a serem satisfeitas em função do modo de vida predominante na sociedade em questão, o que significa incorporar a redução das desigualdades de meios entre indivíduos como objetivo social.” (Rocha, 2006:11).

Pode-se classificar a população dessa favela, tendo em vista os levantamentos realizados, como eminentemente jovem. Existe um número considerável de crianças e adolescentes habitando o local. Deve-se levar em consideração, nesse aspecto, o fato de que as mulheres residentes engravidaram e engravidam relativamente cedo, já na juventude. Nesse sentido, o número de filhos é grande.

**Tabela 12. Moradores segundo faixa etária,
Favela da Coca-Cola - 2006.**

<i>Idade (em anos)</i>	<i>Moradores</i>	<i>%</i>
até 5	105	17
de 6 a 15	162	27
de 16 a 25	119	19
de 26 a 35	108	17
de 36 a 45	68	11
de 46 a 55	36	6
de 56 a 65	8	1
de 66 a 75	11	2
de 76 ou mais	1	0
<i>Total</i>	<i>618</i>	<i>100</i>

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Desses 618 moradores identificados na pesquisa de campo, um outro dado que chama a atenção diz respeito ao baixo nível de escolarização. O nível de escolarização desta população é significativamente baixo, e a evasão escolar é um dado concreto entre os moradores. Importante mencionar que, em todo o levantamento realizado, não foi identificado nenhum morador que tenha se inserido no ensino superior - seja ele público ou particular. Entre os moradores que pararam de estudar ainda no ensino fundamental (212 pessoas), parte significativa (42%) parou de estudar ainda na 4^a. ou 5^a. séries. Entre os moradores que pararam de estudar durante o ensino médio, 44% parou na 1^a. série.

Por outro lado, entre os que ainda estudam, 42% encontra-se no ensino fundamental, e 38% no ensino médio. Um dado bastante significativo diz respeito ao número de pessoas fora da escola. Do total de moradores, 7% diz respeito às pessoas que se encontravam em idade escolar, mas que estavam fora da escola e, 6% da população adulta da favela nunca frequentou a escola.

Já em relação à ocupação e situação empregatícia dos moradores, nota-se que o trabalho tem, como característica fundamental, a informalidade. Dos 152 chefes /

responsáveis pelos grupos familiares 20% estavam desempregados no momento da pesquisa⁷³, 64% encontravam-se ocupados, ou seja, desenvolvendo alguma atividade geradora de renda. No entanto, desse total de ocupados, apenas 29% deles tinha emprego formal (registrado em carteira ou contrato de trabalho), como ilustra a figura 7. Ao mesmo tempo, 2% do total de respondentes eram de aposentados (sem trabalhar) e responsáveis economicamente pelos grupos familiares.

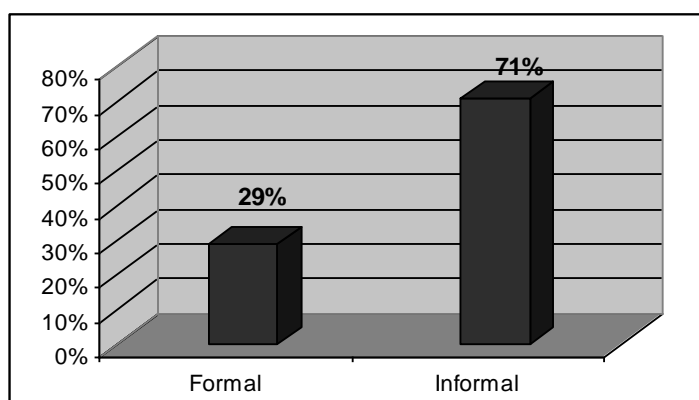


Figura 7. Responsáveis ocupados segundo condição do emprego, Favela da Coca-Cola - 2006.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008

As atividades dos responsáveis que se encontravam ocupados eram as mais diversas: auxiliar de enfermagem; ajudante de jardineiro; auxiliar de produção; babá; cobrador de ônibus; coletor de material reciclado; conserto de bicicletas; diarista; doméstica; encanador; entregador; carretos; jardineiro; montador de móveis; moto-taxista; padeiro; pedreiro/servente; pintor; porteiro; radialista; serviços gerais; trabalhador rural; tratorista; vendedor (a); vendedor (a) ambulante.

A situação empregatícia de todos os moradores segue o perfil já apresentado na condição de emprego dos responsáveis pelas famílias. Dos 618 moradores, 159 encontravam-se - no momento de realização da pesquisa - ocupados, ou seja, desenvolvendo alguma

⁷³ Para o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, desempregados “são indivíduos que se encontram numa situação involuntária de não-trabalho, por falta de oportunidade de trabalho, ou que exercem trabalhos irregulares com desejo de mudança. Essas pessoas são desagregadas em três tipos de desemprego: desemprego aberto, desemprego oculto pelo trabalho precário, desemprego oculto pelo desalento”. Maiores informações, verificar PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego, no site institucional do DIEESE. Em decorrência das situações mais recorrentes na favela em questão, foram considerados desempregados nessa pesquisa, as pessoas que declararam não exercer nenhuma atividade remunerada, no setor formal ou informal, não receber outros rendimentos como pensão ou aposentadoria, mas estar procurando emprego nos últimos 12 meses que antecederam à aplicação do questionário.

atividade remunerada. Desses 159 ocupados, apenas 33% desenvolviam atividades no setor formal, sendo que 67% trabalhavam no setor informal.

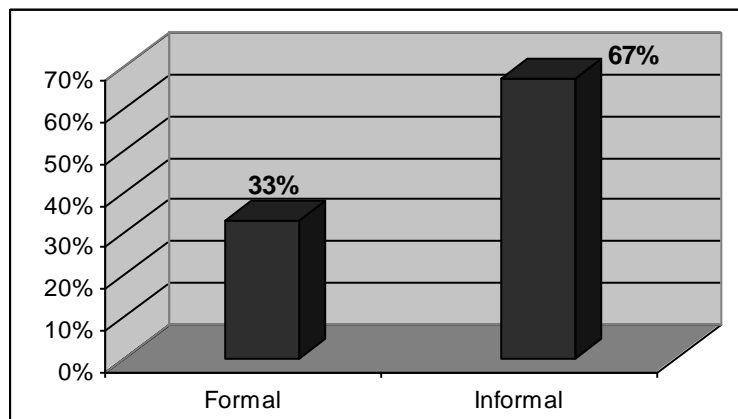


Figura 8. Moradores ocupados segundo condição de emprego, Favela da Coca-Cola - 2006.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Os números informam que, do total de moradores da favela, 26% se encontravam ocupados no momento da pesquisa, ou seja, desenvolvendo alguma atividade remunerada, sendo que desses, 67% inseria-se no setor informal. Ainda do total de moradores residentes na favela 13% eram do lar, ou seja, trabalhavam no cuidado da moradia e da família, mas não recebiam remuneração.

As atividades exercidas pelos moradores que se encontravam ocupados também variaram, destacando-se, porém, as seguintes atividades: coletor de material reciclado, diarista e pedreiro / servente.

Em decorrência do exercício desses tipos de ocupações e também do nível de escolarização, notamos que os rendimentos individuais não eram altos. Dos indivíduos que possuíam algum rendimento mensal, 29% recebiam entre R\$ 201,00 a R\$ 300,00 ao mês; 20% recebiam entre R\$ 301,00 a R\$ 400,00. Paralelamente, apenas 4% dos moradores ocupados possuíam rendimento entre R\$ 801,00 a R\$ 1.000,00 ao mês. Constatou-se também que os moradores inseridos nesses 4% com maiores rendimentos mensais em relação à maioria, possuíam carteira assinada e maior nível de escolarização (ensino médio completo).

Não estamos aqui, estabelecendo uma relação de determinação entre pobreza e baixo nível de escolaridade, até porque o fato de os sujeitos possuírem baixa escolaridade não significa necessariamente que são pobres. Apenas destacamos que, nos casos em que

encontramos maiores rendimentos entre os chefes de famílias, esses apresentavam nível de escolarização mais elevado se comparados aos demais⁷⁴.

Quando olhamos para o rendimento familiar obtido pela soma das rendas individuais em cada unidade domiciliar, chegamos à um quadro semelhante ao descrito anteriormente:

Tabela 13. Unidade domiciliar (grupo familiar) segundo faixa de rendimentos* mensais, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Faixas de renda por unidades domiciliares</i>	<i>(%)</i>
Sem nenhum rendimento	9
Até R\$50,00	1
De R\$51,00 a R\$100,00	7
De R\$101,00 a R\$200,00	9
De R\$201,00 a R\$300,00	18
De R\$301,00 a R\$400,00	13
De R\$401,00 a R\$500,00	9
De R\$501,00 a R\$600,00	7
De R\$601,00 a R\$700,00	10
De R\$701,00 a R\$800,00	3
De R\$801,00 a R\$900,00	4
De R\$901,00 a R\$1.000,00	4
De R\$1.001,00 a R\$1.100,00	0
De R\$1.101,00 a R\$1.200,00	2
De R\$1.201,00 a R\$1.300,00	1
De R\$1.301,00 a R\$1.400,00	1
Mais de R\$1.400,00	2
Total de grupos familiares	100

*Salário mínimo correspondente a R\$300,00 no período da pesquisa.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Constatamos que 20% dos grupos familiares existentes vivem com uma renda mensal abaixo do salário mínimo. Tendo em vista que o salário mínimo seria a remuneração destinada ao trabalhador adulto, capaz de satisfazer (em determinada época e região do país) suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte⁷⁵, verifica-se que entre os habitantes da favela da Coca-Cola existe uma insuficiência de renda para manter o mínimo essencial. Vale mencionar ainda que, a maior parcela do orçamento dessas famílias destina-se a cobrir os gastos com alimentação. Apenas 6% do total das famílias vivem com um rendimento mensal de mais de R\$1.000,00. Chama-nos a atenção também o fato de 9% dos grupos familiares, no momento da pesquisa, não possuírem nenhum

⁷⁴ “Estudos evidenciam que desigualdades de rendimentos no mercado de trabalho não são criadas devido à mecanismos próprios desse mercado, tais como segmentação e discriminação, mas, principalmente, devido a diferenças educacionais entre os indivíduos (...). Nesse sentido, a desigualdade de renda que resulta na persistência da pobreza absoluta reflete desigualdades de escolaridade, em boa parte transmitidas dos pais para os filhos.” (ROCHA, 2006:184).

⁷⁵ Artigo 2º. do Decreto Lei nº 399, Lei nº 185 de 14 de janeiro de 1936, regulamentada em 30 de abril de 1938. Constituição promulgada em 5 de outubro de 1988.

rendimento mensal fixo. Nesses casos, os respondentes informaram viver com o auxílio de parentes e/ou amigos.

Ao mesmo tempo, também foram identificados alguns programas assistenciais - tanto do governo federal, quanto do município - que auxiliam 28% das famílias existentes na favela. Parte do grupo de beneficiados informou ter nesses programas a única garantia mensal para suprirem suas demandas por alimentos.

Tabela 14. Famílias assistidas por programas sociais, segundo tipo de Programa, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Programas identificados</i>	<i>Famílias Assistidas (%)</i>
Bolsa Escola	29
Bolsa Família	47
Cesta Básica	18
Programa Renda Mínima	6
Total de grupos familiares assistidos	100

Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

A renda *per capita* é significativamente baixa, consequência dos baixos rendimentos. Na tabela 15, observa-se que em 68% dos grupos familiares residentes no local, vive-se com uma renda mensal por indivíduo de até R\$ 200,00. Para efeitos comparativos, a linha de pobreza na capital metropolitana de São Paulo, em 2001, era definida por uma renda de R\$ 188,04 por indivíduo⁷⁶.

Tabela 15. Grupos Familiares e Renda Per Capita , Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Faixas de renda per capita</i>	<i>(%)</i>
Sem nenhum rendimento	13
Até R\$50,00	19
De R\$51,00 a R\$100,00	22
De R\$101,00 a R\$200,00	27
De R\$201,00 a R\$300,00	14
De R\$301,00 a R\$400,00	6
De R\$401,00 a R\$500,00	1
De R\$501,00 a R\$600,00	0
De R\$601,00 a R\$700,00	2
Rendimento não informado	1
Total de grupos familiares	100

Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

⁷⁶ Verificar dados sobre linhas de indigência e pobreza, nas diferentes regiões do país, em Rocha (2006).

Ainda em relação às características gerais da população, foi possível coletar informações sobre situação conjugal. Considerando a situação dos responsáveis pelas moradias (total de 152), constatou-se que a maior parte deles é unida consensualmente (casamento não formal), seguida dos casados formalmente. Todavia, é significativo o número de solteiro(a)s responsáveis pelos grupos familiares (figura 9).

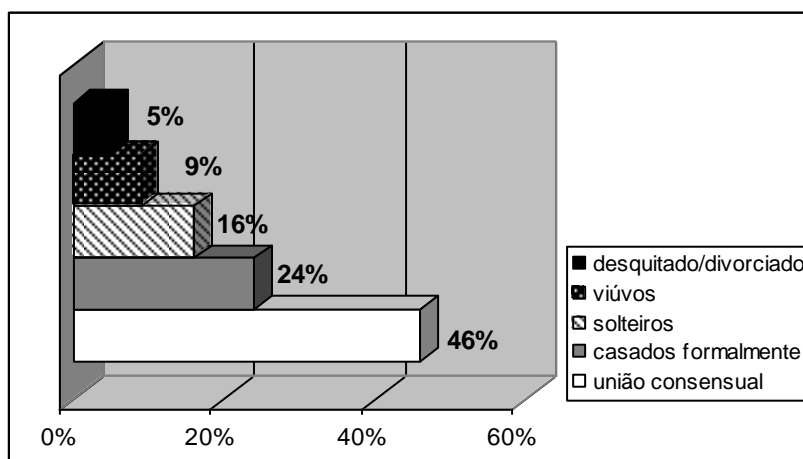


Figura 9. Responsáveis pelos grupos familiares segundo situação conjugal, Favela da Coca-Cola - 2006.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Outro dado significativo na composição da população residente é a questão da migração. Em relação à este aspecto, o número de pessoas oriundas de outros Estados, como Minas Gerais, Bahia, Paraná é representativo (tabela 16).

Tabela 16. Moradores segundo Estado de origem, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Estados de Origem</i>	(%)
Alagoas	1
Goiás	1
Paraíba	1
Rio de Janeiro	1
Rio Grande do Norte	1
Ceará	2
Pernambuco	2
Paraná	4
Minas Gerais	8
Bahia	10
São Paulo	66
Outros Estados	3
Total de moradores	100

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Em relação aos 407 moradores cujo estado de origem é São Paulo, vale mencionar que 74% deles são naturais de Ribeirão Preto. Os demais 26% são oriundos da Capital e de inúmeras cidades localizadas no entorno de Ribeirão, como Sertãozinho, Barretos, Guaiá, entre outras.

Para Cunha, a partir da década de 80, intensifica-se um processo de redistribuição espacial da população no Estado de São Paulo, caracterizado por dois movimentos principais: desconcentração demográfica (especialmente das regiões metropolitanas) e, crescimento de outros deslocamentos populacionais, tais como intra-regionais e intra-urbanos. Nesse processo, alguns municípios paulistas se destacaram, na medida em que aumentaram o poder de atração e de retenção da população, tais como Ribeirão Preto, Sorocaba e São José do Rio Preto⁷⁷. Estes municípios, segundo pesquisas realizadas pelo autor, tornaram-se novos pólos de desenvolvimento, sobretudo, pelas transformações no aparato produtivo paulista. “Não restam dúvidas de que grande parte da intensidade migratória no interior paulista deveu-se às transferências populacionais ocorridas desde a Região Metropolitana de São Paulo, o que vez mais reflete a perda de potencial atrativo dessa área em favor de outras regiões.” (CUNHA *apud* PATARRA, 1997: 88).

Na Favela da Coca-Cola, em maior ou menor grau, os fatores que atraíram a população oriunda de diferentes Estados ou mesmo de cidades vizinhas para Ribeirão Preto, foram a fuga de condições de instabilidade social e econômica e, a busca por trabalho e por melhores condições de vida. Esses fatores de atração aparecem também em outros estudos. Em trabalho sobre o Jardim Progresso, bairro periférico de Ribeirão Preto, constituído por trabalhadores sem-teto, sendo a maioria deles também advindos de Estados como Bahia e Minas Gerais, Sérgio Adas levanta a presença desses fatores como elementos de atração para o município. “O que se observa, em síntese, é que o desemprego constituiu uma razão importante, tendo atuado como principal motivação tanto entre aqueles já residentes na região, como em outros estados do país.” (ADAS *apud* FERNANDEZ, 2004: 242).

⁷⁷ “Com exceção das regiões de Presidente Prudente, todas as demais do interior aumentaram seus volumes de imigração interestadual na década de 80, das quais se destacam Campinas e Ribeirão Preto. Na verdade, essas duas regiões, juntamente com aquelas do entorno da RM de São Paulo (São José dos Campos, Sorocaba e Santos), foram as que concentraram a maior parte da migração externa.” (CUNHA *apud* PATARRA, 1997: 82).

3.4 Os grupos familiares nas moradias

A favela da Coca-Cola não é uma formação recente em Ribeirão Preto. Como mencionado anteriormente, as primeiras moradias no local foram construídas por volta da segunda metade da década de 70. Pelo levantamento de dados, notamos que o morador mais antigo identificado reside no bairro há cerca de 32 anos. Ao longo desses anos, a área sofreu ocupações diversas e, segundo os próprios moradores, muitas pessoas passaram pelo local. Boa parte acabou se deslocando para outros bairros periféricos e habitações populares, outra parte saiu do local, mas acabou voltando em decorrência dos altos valores dos aluguéis.

No entanto, por meio de relatos, constatou-se que a favela sofreu *boom* ocupacional nos últimos 6 anos anteriores a essa pesquisa. Foi possível identificar que existia, no momento de realização da pesquisa, um trecho em que a construção de moradias ocorria intensivamente. Neste lado “da formação mais recente” de ocupação do espaço, os moradores eram recém chegados. Este fato foi constatado nas análises do tempo de residência dos grupos familiares (tabela 17).

Tabela 17. Grupos familiares segundo o tempo de residência nas moradias, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Tempo de residência (anos)</i>	<i>Grupos familiares (%)</i>
Até 5	68
De 6 a 10	15
De 11 a 15	7
De 16 a 20	7
De 21 a 25	1
De 26 a 30	1
> 31	1
Total de grupos familiares	100

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Nesse aspecto, vale salientar que parte significativa dos moradores da Favela da Coca-Cola reside em Ribeirão Preto, em média, há 10 anos ou mais. Assim, tanto os grupos familiares recém chegados ao local quanto os demais moradores possuem trajetórias de “passagens” por diversos bairros da cidade, normalmente, áreas periféricas e segregadas

sócio-espacialmente. Pode-se afirmar que muitos dos moradores aqui mencionados têm seu percurso na cidade marcado pela presença em locais periféricos: do total de grupos familiares existentes na favela da Coca-Cola, 39% morava antes no bairro Ipiranga (zona norte do município de Ribeirão Preto); 9% residia na favela do bairro Monte Alegre (favela que se localiza muito próxima à favela da Coca-Cola). Os moradores que, ao chegarem em Ribeirão Preto, foram residir direto na favela da Coca-Cola, representam 18%, sendo que desses, 9% vieram de outros Estados (especialmente da região Nordeste e de Minas Gerais), e 9% de várias cidades do interior paulista. Trata-se, assim, de uma população cuja mobilidade é grande.

Considerando-se o número de pessoas residentes na favela e o número de moradias existentes, chegamos à média de 4,06 moradores por domicílio. Do ponto de vista estatístico, esse número está acima da média em áreas urbanas: 3,46 moradores por domicílio no município de Ribeirão Preto, e 3,53 moradores por domicílio no Estado de São Paulo⁷⁸. Quando observamos essa distribuição em campo, porém, verificamos que parte das moradias (que possuem um espaço físico bastante reduzido) comportam um número relativamente grande de pessoas. Indicando uma variabilidade expressiva em torno da média (tabela 18).

Tabela 18. Moradias segundo n^o de moradores, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>N^o de Moradores</i>	<i>Moradias (%)</i>
1	5
2	17
3	25
4	17
5	13
6	14
7	5
8	1
9	1
10	1
17	1
Total	100

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

O número de moradores concentra-se nas faixas de 2 a 6 por moradia, mas foi possível encontrar famílias formadas por 10 moradores residindo em 5 cômodos, ou mesmo outras onde viviam 17 pessoas, também em 5 cômodos. Vale ressaltar, todavia, que o perfil das

⁷⁸ Dados de 2001, fonte: IBGE.

famílias residentes no local pesquisado não segue apenas o modelo nuclear. Essas existem juntamente com famílias compostas por gerações diferentes e/ou por outros membros não-consangüíneos “agregados”.

Interessante notar que, dos grupos familiares que residem na favela, muitos fazem parte da mesma rede de parentesco. Quando os respondentes foram questionados se possuíam algum parente residindo em outra moradia, muitos responderam positivamente (figura 10).

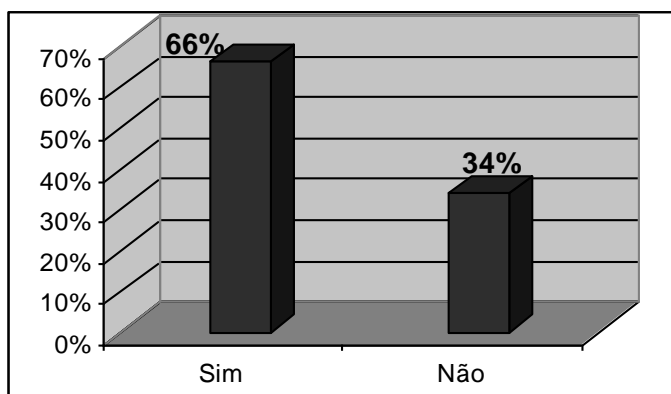


Figura 10. Responsáveis que possuem parentes residindo na Favela da Coca-Cola, 2006.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008

Os parentes mais mencionados foram mães, cunhado (a)s, irmã (os), sobrinho (a)s, filho (a)s, tio (a)s e primo (a)s. Essa relação de proximidade ou identificação pode ser dada não apenas pelo parentesco. Muitos moradores, quando perguntados de que maneira foram residir no local, disseram ter sido informados por amigos e “pessoas da igreja”.

Chamou-nos atenção, ainda, a presença das igrejas pentecostais entre os moradores da favela. Quando questionados se possuíam algum tipo de religião, os respondentes dos questionários afirmaram, na grande maioria, ter religião. A presença das igrejas evangélicas supera todas as outras: 38% dos respondentes declararam ser de religião evangélica; 26% católica; 35% nenhuma e 1% presbiteriana. Essa atuação pode ser mais bem visualizada, quando identificamos as igrejas que os moradores mais freqüentavam (tabela 19).

Tabela 19. Igrejas freqüentadas pelos responsáveis dos grupos familiares, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Igrejas que freqüentam</i>	<i>Respondentes</i>
Não freqüentam	85
"Assembléia de Deus"	19
Igreja Católica	12
"Congregação Cristã"	8
"Comunidade Cristã"	7
"Universal do Reino de Deus"	6
"Deus é Amor"	3
"Viva"	3
Igreja Presbiteriana	2
Igreja Quadrangular	2
Outras evangélicas	5
Total de respondentes	152

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Como só existe no interior do espaço físico da favela uma igreja, sendo esta católica, os moradores afirmaram freqüentar as igrejas das redondezas, sendo a maioria localizada no bairro Ipiranga, sendo bem próximas à favela.

Ainda em relação à forte presença das igrejas, sobretudo das evangélicas, é interessante notar que muitos moradores quando questionados sobre os locais de lazer que freqüentam, mencionam a ida às igrejas (tabela 20).

Tabela 20. Locais de lazer mencionados pelos respondentes dos questionários, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Locais de Lazer Mencionados</i>	<i>Respondentes</i>
Não possuem local de lazer	116
Igreja	17
Casa de amigos/parentes	9
Bingo	2
Sorveterias	2
Televisão	1
Bares	1
Bosque Municipal	1
Clube	1
Atividades da “Escola Aberta”	1
Praças	1
Total	152

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Como interpretar a presença da religiosidade entre esses sujeitos? A discussão sobre a “função” social da religião não é um tema novo nas Ciências Sociais. Poderíamos buscar referências em uma série de trabalhos existentes sobre essa questão.

No entanto, ao refletir sobre esse tema na sociedade contemporânea, acabamos por retomar referências clássicas, já que nos colocam elementos indispensáveis. Durkheim, por exemplo, quando aborda a dimensão da religião, considera que a experiência religiosa é algo fundamental na vida em sociedade: faz com que o indivíduo entre em contato com algo mais importante que ele próprio, (re) ativando assim, a vida em conjunto⁷⁹. Nesse sentido, os indivíduos compartilham com os outros crenças, valores, noções que irão reger - em alguma medida - suas ações (Durkheim, 1989).

Podemos dizer que Weber, a despeito de seu distanciamento teórico com Durkheim, entende também que a religião gera um certo ordenamento à vida social, na medida em que pode minimizar os impactos da “irracionalidade” do mundo⁸⁰. As práticas religiosas, para esse autor, estão diretamente relacionadas ao mundo prático: “ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência.” (WEBER, 1977:279).

Na favela da Coca-Cola, a presença de religiosos “praticantes”, especialmente de igrejas evangélicas, nos revela que parte desses moradores partilham de certos códigos de conduta, valores e crenças que lhes são comuns. Em relação à organização social da favela como um todo, esse fator gera uma certa “tranquilidade”, mencionada até pelos moradores não-religiosos. Por outro lado, poderíamos interpretar a dimensão religiosa como um elemento que reforçaria e justificaria a condição social desses indivíduos, pois, leva até eles conforto, dando-lhes respostas no plano espiritual para as condições materiais a que estão sujeitos, como defendia Karl Marx.

Independentemente da dimensão mais ampla e do referencial teórico mais próximo a esse fato, na favela da Coca-Cola as práticas religiosas difundem uma certa moral, e oferecem a esses sujeitos subsídios emocionais para lidar com um conjunto de privações. A presença de pessoas religiosas ali não é percebida negativamente pelos demais, ao contrário, torna-se elemento de identificação e valorização, já que são considerados “boa gente”. Ao mesmo tempo, assim como todos os processos sociais que refletem os impactos da modernização da vida, devemos considerar que as várias religiões também adaptaram-se para atender às expectativas dos indivíduos.

⁷⁹ “quando o homem vive da vida religiosa, ele crê participar de uma força que o domina, mas que ao mesmo tempo o mantém e o eleva acima de si próprio. Apoiada nela, parece-lhe que pode melhor fazer, face às provas e às dificuldades da existência [...]” (DUKHEIM, 1975: 282).

⁸⁰ Ainda que, para Weber, a religião não se coloque na esfera da racionalidade.

com o questionamento que a razão, a ciência e a tecnologia vêm sofrendo, em decorrência do caminho que elas têm levado o homem a percorrer, a religião ressurgiu enquanto um novo tipo de moral. Não enquanto moral tradicional, mas enquanto novos valores, uma nova ética que se opõe criticamente a esses caminhos da razão e da ciência. (OLIVEIRA, 2005: 11).

Outro dado informativo em relação à essa temática, é que 11% dos respondentes dos questionários apontaram a Igreja como local de lazer e 75% informaram não ter local de lazer. Esse fator é também reflexo do tipo de infra-estrutura existente no local e nas redondezas, isenta de espaços de sociabilidade, áreas verdes e para lazer⁸¹.

Para Valenciano, entre esse perfil de habitantes segregados, é comum encontrar “formas compensatórias” que substituam o lazer.

para os moradores de bairros periféricos, frente à ausência de opções de lazer propiciadas pelo poder público e, a exigüidade do orçamento doméstico, restam tão somente a televisão, o diálogo entre familiares e vizinhos que vivenciam situação semelhante, a visita a parentes, ou o ócio. Nada que implique gastos extras. (VALENCIANO *apud* FERNANDEZ, 2004: 162).

A ausência de espaços de sociabilidade, por outro lado, surte efeitos na própria relação entre os moradores e na relação desses com o seu lugar. Nas inúmeras conversas, notamos uma ausência significativa de participação e atuação política em relação às questões que envolvem o local de moradia.

Ao longo do trabalho de campo buscamos informações sobre a existência de alguma forma de organização política entre os moradores, seja por meio de associação de bairro, centro comunitário, seja por meio da existência de alguma liderança que conduzisse algum tipo de atividade. De todas as moradias visitadas, em apenas duas delas foi possível ouvir relatos sobre a participação dos moradores em discussões sobre o bairro. Sra. Ana, de 37 anos, há 25 anos residente no local, mencionou já ter participado de reuniões com representantes da Prefeitura Municipal para discussão da situação da favela. Salientou que essas reuniões foram feitas em uma creche localizada na favela do Monte Alegre. Destacou que, nessas ocasiões, discutia-se a possibilidade de urbanização da favela do Monte Alegre⁸², mas não da favela da Coca-Cola, na medida em que ela se assenta em uma área particular. Sendo assim, nada de substancial foi encaminhado para a favela da Coca-Cola, ainda que continuasse crescendo em termos habitacionais.

⁸¹ Este aspecto será melhor dimensionado quando discorrermos sobre a infra-estrutura do local.

⁸² A favela do Monte Alegre localiza-se muito próxima à favela da Coca-Cola. Todavia, diferente da última, está situada em uma área propícia para a instalação de infra-estrutura urbana. Após muitos anos de discussões e negociações junto à população, encontra-se em fase inicial o processo de urbanização da favela do Monte Alegre que possui cerca de 400 unidades habitacionais, com uma população aproximada de 1360 habitantes.

Importante considerar que não existe uma “liderança” e ou alguma forma de reivindicação por parte dos moradores. Quando questionados sobre a existência de alguma associação, centro comunitário ou mesmo algum tipo de liderança no local, as respostas foram enfáticas (tabela 21).

Tabela 21. Considerações sobre formas de organização coletiva, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Respostas</i>	<i>Respondentes(%)</i>
Não souberam informar	78
Afirmaram não existir nenhuma forma	22
Total de respondentes	100

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Alguns moradores relataram existir lideranças na favela do Monte Alegre, mas na favela da Coca-Cola isto inexistia. Por vezes, mencionavam que se sentiam “abandonados” e “esquecidos” pelo poder público. A insatisfação principal nos pareceu ser relativa à infraestrutura do local, entre tantas as insatisfações presentes no cotidiano dessa população.

A ausência de organizações coletivas de cunho político na favela da Coca-Cola pode ser compreendida por meio de muitos fatores. Essa população possui trajetórias caracterizadas pela isenção de direitos, expressa pela falta de emprego, acesso à educação, condições dignas de moradia, etc. Vivem, portanto, na condição de “subcidadania urbana” tão bem diagnosticada por Kowarick (2000). Todavia, ao contrário do que esse autor verificou em populações com percursos parecidos na metrópole, todo esse conjunto de “espoliações” não abriu margem para a reivindicação de direitos por parte dos moradores da favela em que realizamos a pesquisa. Isso não significa dizer que tal processo não possa ser despertado / iniciado por eles. Mas, as trajetórias desses moradores e as experiências acumuladas por eles ao longo da vida fazem com que o dispêndio de energia seja direcionado para a manutenção de preocupações diárias como: alimentar-se, vestir-se, ocupar-se para gerar renda, etc. A relação da maioria deles com o Estado é de tutela (entre os assistidos por programas sociais), de descrença, ou de certa esperança de que dias melhores virão. Se, como afirmou Rodrigues (1987), a habitação expressa, de alguma forma, os problemas da cidade, verificamos que rusticidade, improvisação e informalidade são os elementos que marcam a maneira como esses moradores se fazem incluir na vida urbana. “Ela é, em última análise, a expressão material do modo de vida, e as concepções que seus moradores elaboram sobre ela são a expressão cultural do estilo de vida.” (RODRIGUES, 1987: 6).

As moradias existentes na Favela da Coca-Cola são, em grande medida, rudimentares. A paisagem do local mescla moradias construídas com materiais improvisados, outras já com tijolos e alvenaria, mas sem grandes acabamentos, e ainda, ausência completa de infraestrutura básica como água encanada, rede de esgoto e luz elétrica regulares.

Por meio do trabalho de campo foi possível confirmar as primeiras impressões acerca da ausência de infra-estrutura: cerca de 98% das moradias não possuem relógio para captação de energia elétrica, 2% das moradias são abrangidas por relógios comunitários. As ligações de energia elétrica são, portanto, clandestinas. No que diz respeito ao abastecimento de água, 100% das moradias possuem ligações clandestinas de água. Quanto ao escoamento sanitário, 91% das moradias possuem fossa rudimentar, 5% escoam o esgoto a céu aberto e 4% possuem encanamento adequado⁸³.

O único serviço público de que a favela se beneficia diretamente é a coleta de lixo, cerca de 3 vezes por semana. Contudo, a coleta não é feita especificamente na favela. Como a coleta de lixo passa pelas vias de acesso que cercam a favela, os moradores depositam seus resíduos nos pontos em que a população do bairro ao redor também deposita, para que a coleta recolha. Apenas um morador afirmou queimar o lixo produzido em sua moradia.

No que diz respeito à condição da moradia, observou-se que a grande maioria dos moradores “invadiu” o local para construir suas moradias. Para efeitos de classificação, consideramos, nesta pesquisa, como domicílios “invadidos”, aquelas moradias em que o grupo familiar ocupou o espaço e construiu sua moradia. Domicílios “próprios” foi a denominação utilizada para os casos em que o grupo familiar comprou de outro proprietário o terreno ou moradia já construída.

⁸³ Estas moradias se situam mais próximas às moradias do bairro Ipiranga, daí possuem encanamento.

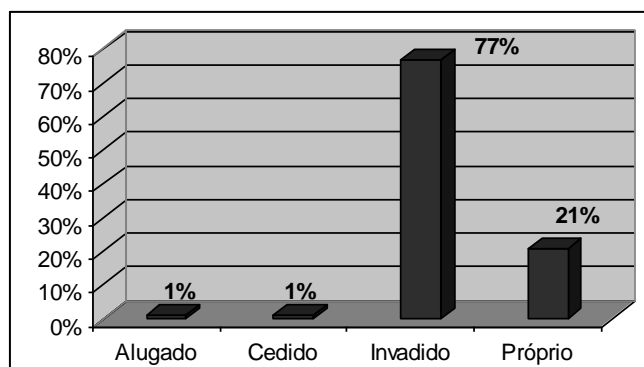


Figura 11. Situação das moradias, Favela da Coca-Cola - 2006.

Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

O tamanho das habitações é relativamente pequeno, sendo que os espaços são distribuídos, na grande maioria, em até 5 cômodos (tabela 22).

Tabela 22. Cômodos existentes nas moradias, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Cômodos (Nº.)</i>	<i>Moradias (%)</i>
1	2
2	13
3	21
4	36
5	20
6	4
7	2
8	1
9	1
Total	100

Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

No que diz respeito à forma de construção, todas as moradias foram auto-construídas, comumente pelos próprios membros das famílias, juntamente com o auxílio de amigos e parentes. No que se refere aos tipos de materiais utilizados, grande parte possui materiais duráveis como piso de cimento, paredes de madeira, teto de telhas. Outras, porém, possuem materiais improvisados como plásticos, madeira aproveitada, palha.

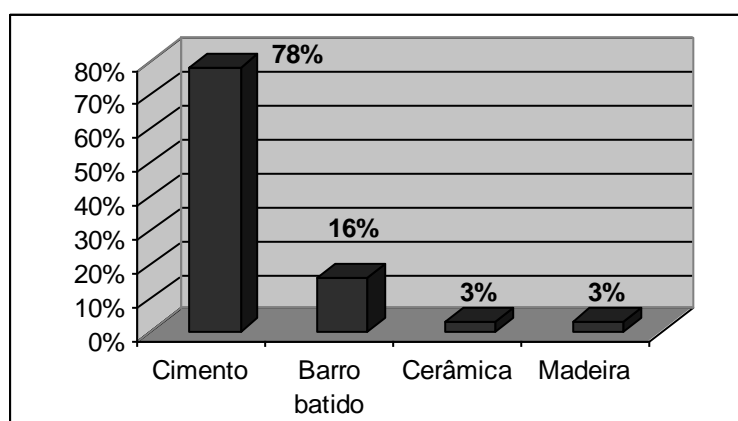


Figura 12. Tipo de piso das moradias, Favela da Coca-Cola - 2006.
 Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

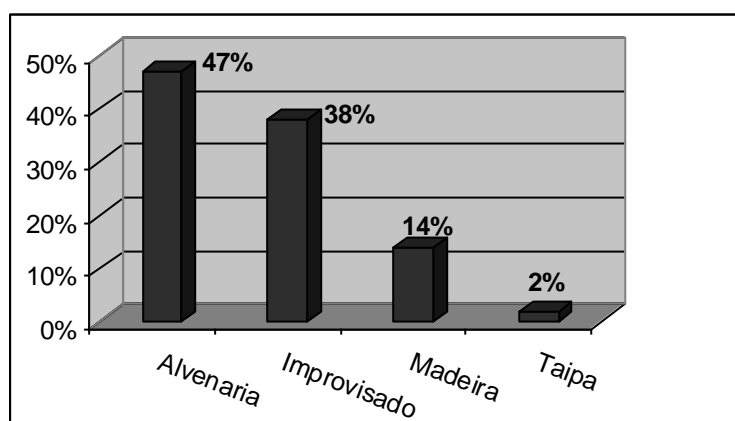


Figura 13. Tipo de paredes das moradias, Favela da Coca-Cola - 2006.
 Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Essa composição somada ao tamanho dos cômodos, que geralmente eram pequenos, fazia com que as moradias fossem pouco ventiladas, possuindo temperaturas internas muito elevadas. Os habitantes mencionavam a dificuldade de se ficar na parte interna das casas, especialmente em dias muito quentes. Todas as moradias possuíam banheiro: em 91% delas o banheiro era interno, ainda que construído de forma improvisada, sem louças e outros equipamentos de acabamento.

A despeito de não possuírem grandes áreas construídas, as casas normalmente são compostas por espaços em que os moradores plantam ou criam algum tipo de animal, sempre para o consumo próprio. Quando o terreno é muito reduzido, os moradores, por vezes, plantam em terrenos desocupados que se encontram ao redor de suas casas. Em 29% das moradias encontramos algum tipo de plantação ou criação de algum animal.

Os tipos de plantação encontrados foram, principalmente, frutas, legumes e algumas hortaliças: banana, goiaba, uva, fruta do conde, acerola, abacate, manga, laranja, chuchu, cenoura, mandioca, quiabo, maracujá, alface. Entre os animais, destacam-se especialmente galinhas de diferentes espécies, e também porcos e cavalos. No caso destes últimos, eram utilizados como meio de transporte, pois normalmente os proprietários utilizavam para fazer carretos.

Internamente, a composição das casas era bastante simples. Nem sempre os cômodos eram bem delimitados, já que as fronteiras entre um espaço e outro comumente foram estabelecidas por móveis ou outros utensílios. Em muitos casos, os cômodos eram compostos de forma improvisada, mesclando móveis de sala, quarto e cozinha em um mesmo espaço. Constatou-se também que grande parte possuía bens duráveis considerados essenciais, ou mais comuns à quase toda habitação popular (tabela 23).

Tabela 23. Moradias segundo existência de bens duráveis, Favela da Coca-Cola - 2006.

<i>Equipamentos</i>	<i>Moradias (%)</i>
TV	95
Geladeira	95
Rádio	56
Tanquinho/ Máquina de lavar	51
Videocassete / Dvd	16
Veículo próprio	9
Freezer	5

Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Ainda que boa parte das moradias possuía equipamentos básicos, a aquisição de determinados bens informa sobre o poder de compra dos grupos familiares, que era baixo: das 152 moradias visitadas, 5% não possuíam geladeira, 44% não possuíam rádio, 49% não possuíam equipamento para lavagem das roupas.

3.5 Mobilidade intra-urbana e identificação dos moradores com o lugar

Os moradores da Favela da Coca-Cola normalmente utilizam a infra-estrutura e os equipamentos públicos localizados no entorno, sobretudo do bairro Ipiranga que é o mais próximo. A localização da favela e a permanência de seus moradores naquela localidade é estratégica, no sentido de que ali o acesso geográfico à escolas, postos de saúde, meios de transporte e outros equipamentos públicos é maximizado.

A relação desses moradores com o bairro Ipiranga parece ser maior do que a relação com outros locais da cidade. Isto se percebe pelo fato de grande parte deles afirmarem fazer suas pequenas compras (especialmente de alimentação), utilizar serviços de saúde (sobretudo a unidade básica), escolas, entre outros, nas redondezas da favela. Quando questionados sobre os locais de suprimento de suas demandas, os moradores afirmaram que normalmente supriam demandas de alimentos, saúde e educação nas imediações.

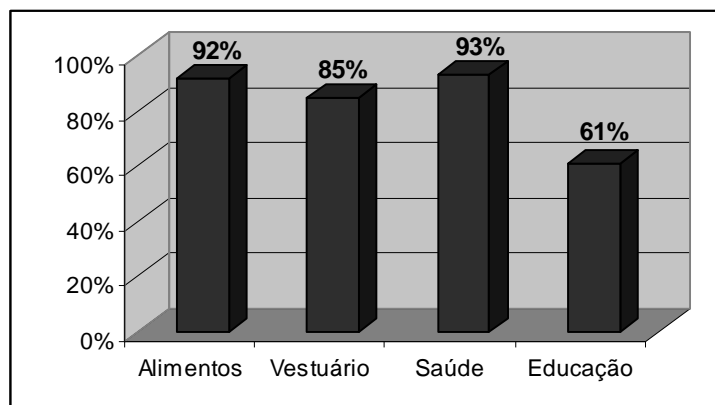


Figura 14. Tipo de demandas supridas nas imediações da Favela da Coca-Cola - 2006.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

As demandas supridas fora das imediações, se concentravam em compra de alimentos e na busca de serviços de saúde. As compras, quando realizadas fora das imediações da favela eram feitas nos bairros em que as famílias residiam antes, como Campos Elíseos e Vila Virgínia. Segundo os moradores, isso se justificava, pois nesses locais poderiam comprar a prazo sem grandes burocracias. Todavia, no que diz respeito à compras, a

maior parte da renda das famílias era destinada à aquisição de alimentos, pois outros gastos nem sempre se encaixavam no orçamento.

Já o acesso aos serviços de saúde concentrava-se na área central (na busca por serviços de emergência), no bairro Monte Alegre, onde se localiza o Hospital de Clínicas da Universidade de São Paulo, ou ainda, em alguns casos, na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). A ida até a área central era normalmente realizada com o objetivo de buscar esses serviços emergenciais, o que significa dizer que a circulação dessa população se concentrava no âmbito da favela e de suas redondezas.

Os principais problemas mencionados pelos moradores em relação ao local de moradia concentram-se especificamente na ausência de infra-estrutura básica, como mencionamos anteriormente. Questões como drogas e violência foram mencionadas nos relatos, mas essas, ao que parte significativa dos moradores mais antigos relata, têm uma perspectiva histórica que deve ser levada em consideração.

Há cerca de 6 anos, antes da pesquisa, a insegurança no local era grande. Havia disputas entre diferentes grupos pela liderança dos pontos para venda de drogas na região. Por meio de relatos, foi possível identificar que a disputa pelo controle do tráfico se dava entre favelas⁸⁴. No entanto, o ambiente na favela da Coca-Cola foi, aos poucos, sendo modificado.

Os moradores mais antigos relembram desses fatos tranquilamente, não tendo impedimentos ou constrangimentos em abordar essa questão, o que nos pareceu indicativo de que a criminalidade não era preponderante nos últimos tempos. Já, os moradores mais novos não tinham referências de criminalidade, apontando outros elementos como fatores de insegurança.

Diante desse histórico e de todos os elementos observados em campo, consideramos pertinente retomar a questão das especificidades das periferias, favelas e moradias irregulares fora do contexto das metrópoles. Verificamos que, ao contrário de favelas existentes em São Paulo ou Rio de Janeiro, em que a criminalidade é um elemento imperativo, questões de violência e criminalidade na favela da Coca-Cola em Ribeirão Preto podem ser consideradas como datadas. Ali, a criminalidade estava presente na mesma proporção que em outros bairros ou outras regiões da cidade. Nesse sentido, é importante estabelecermos um certo distanciamento entre esta e outras favelas, já que a criminalidade não era um elemento

⁸⁴ Por meio dos relatos dos moradores, verificamos que até por volta de 1999, eram comuns disputas pelo controle do tráfico de drogas entre moradores da Favela da Coca-Cola e de outra favela. Esse fato desencadeava uma série de situações como toques de recolher, controle interno do fluxo de pessoas, entre outras relatadas pelos moradores. Vários moradores relataram que, após a execução de um dos líderes das “gangues” envolvidas, o clima de insegurança diminuiu consideravelmente.

constitutivo do local: não se tratava de uma barreira social, não limitava a organização social dos indivíduos, da mesma forma que não regia a relação entre os moradores. Em vários momentos e em contato com os mais diferentes moradores, essa questão foi ficando evidente, sendo reforçada por um sentimento de pertencimento revelado gradativamente.

Nessa perspectiva, quando questionados sobre o que achavam de residir ali, a grande maioria mencionou gostar de habitar o local, considerando tranquilo para se viver a despeito de inúmeros pontos negativos (figura 15).

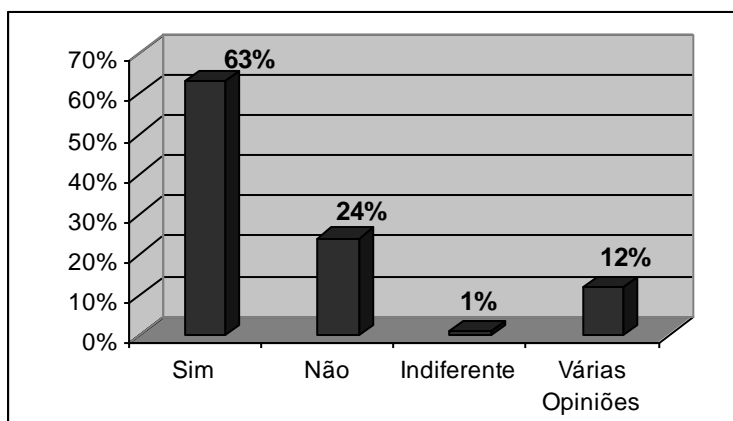


Figura 15. Respondentes segundo afinidade com o lugar, Favela da Coca-Cola - 2006.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Quanto aos que responderam negativamente, justificaram a resposta não apenas pela ausência de infra-estrutura básica, mas mencionaram a condição de ilegalidade e a falta de habitação própria. Os respondentes que mesclaram várias opiniões também relataram os mesmos motivos, mas esses últimos mencionaram morar no local por necessidade.

O fator violência, desencadeado especificamente pela presença de drogas ou outras atividades ilícitas, não apareceu como marca nos relatos sobre a favela no momento de realização da pesquisa. Gradualmente, esse aspecto pôde ser mais bem compreendido. De acordo com os moradores, o local “mudou muito”. Um dado significativo e que vem contribuir para essa mudança, é uma nova “rede” de pessoas que passou a habitar o local. Em conversa com Sr. Pedro, de 64 anos e residente há 13 anos na favela, ele menciona: “*Aqui agora, é tudo gente boa. A maioria das pessoas que moram aqui é tudo irmão*”. “Irmão”, referindo-se à presença de pessoas integrantes das igrejas evangélicas, que é significativa. Essas pessoas trazem condutas, valores e atitudes que parecem transmitir “segurança” aos demais moradores.

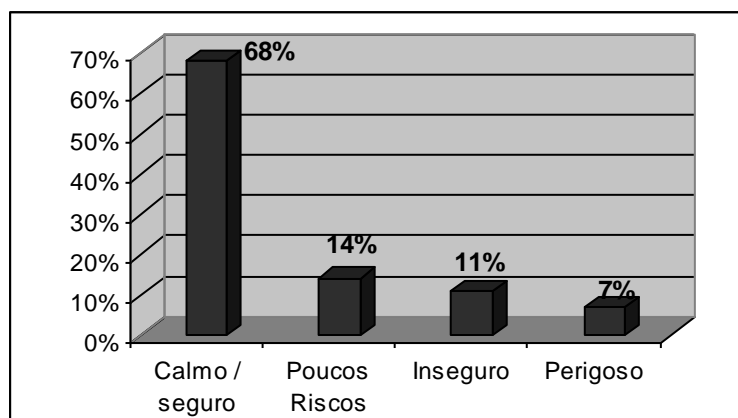


Figura 16. Considerações sobre segurança, Favela da Coca-Cola - 2006.

Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Ao abordar o tema acima descrito, os moradores mencionaram como causas de insegurança: o trânsito que cerca a favela (de grande movimento e extremamente perigoso para as crianças e idosos); a ausência de saneamento básico (causa de doenças, sobretudo, em crianças); a ausência de asfaltamento das vias (que especialmente em dias de chuva põe em risco as moradias).

Mesmo cientes do conjunto de riscos que enfrentavam, a grande maioria dos respondentes afirmou gostar de morar no local e, mais do que isso, demonstrou esperanças de que esse local possa ser, em um futuro não muito distante, adequado às necessidades da maioria. Esperança e falta de perspectivas, por vezes, se mesclaram no que diz respeito a perspectiva de futuro⁸⁵.

Contudo, não podemos desconsiderar que esse “gostar” de habitar o local informa também sobre a condição econômica e posição que esse grupo de moradores ocupa na sociedade. Mais do que opção, habitar a favela da Coca-Cola representa solução encontrada dentro das condições estruturais possíveis. Por outro lado, simples ou cheia de detalhes, rústicas ou não, essas “soluções” foram criadas por eles, imbuídos de persistência e resistência no sentido de (sobre) viver na cidade.

⁸⁵ “O decifrar do mundo construído pelos homens, seus projetos, sonhos e materialidade partilham um universo ambíguo - o encantamento e o desencantamento - em busca do sonho da casa própria, de uma lado, e a dificuldade de conseguir que este sonho se concretize plenamente, de outro. A casa no rol das necessidades básicas do ser humano por se constituir um importante fator de agregação e identificação com os seus semelhantes.” (Campos apud Fernandez, 2004: 95).

3.6 A Favela da Coca-Cola para além dos números

Parte considerável dos moradores da favela em questão, como apresentado anteriormente, era composta por migrantes vindos de Estados do Nordeste do país, ou mesmo de outras cidades do interior paulista, em busca de melhores condições de vida. Mais do que revelar diferentes histórias e trajetórias dos habitantes do lugar, as entrevistas⁸⁶ foram momentos em que a relação entre pesquisadora e seus informantes se estabelecia com mais nitidez, um momento de (re) conhecer e ser (re) conhecida pelo grupo.

Os percursos desses moradores revelaram um universo de grande mobilidade, de passagens por diferentes lugares e condições provisórias de habitação e de vida. Por meio das entrevistas, foi possível (re) constituir caminhos geográficos e ativar a memória dos moradores em relação às suas próprias histórias. Experiências foram lembradas, relatos de vivências e resistências vieram à tona através das falas⁸⁷.

Resgatar as lembranças e ativar a memória dos moradores foi um desafio, que trouxe com ele uma série de novos atores, experiências, lugares e contextos sociais. Isto porque a “memória coletiva”, nos termos de Halbwacs (2006), revela as características dos grupos e dos ambientes sociais pelos quais os indivíduos passaram, deixaram suas marcas e levaram outras consigo. Os elementos trazidos pela memória coletiva não são casuais, fazem parte de um conjunto amplo de experiências e vivências grupais efetivadas em locais específicos. “não há nenhuma paisagem urbana na qual essa ou aquela classe social não tenham deixado sua marca” (HALBWACS, 2006: 169).

Os percursos geográficos denunciam um processo de segregação, vivenciado pelos moradores, que se realiza não apenas no que diz respeito às condições materiais de existência. Os relatos demonstraram isolamentos e ausências não apenas objetivas, mas subjetivas. “Apesar de sua indiscutível importância, o mapa de distribuição de bens e serviços deve ser

⁸⁶ Neste trabalho, realizamos entrevistas *não-estruturadas*, em que perguntas ocasionais foram feitas aos moradores com o objetivo de esclarecer aspectos considerados importantes em suas falas. Realizamos também entrevistas *semi-estruturadas*, utilizando-se de um roteiro com sugestões de perguntas para garantir que alguns tópicos de interesse fossem abordados. Realizamos, ainda, entrevistas *estruturadas* em que as mesmas perguntas, claramente definidas, foram feitas para cada morador entrevistado.

⁸⁷ Apenas por questões éticas, optamos por substituir - por outros - os nomes de moradores mencionados nesta dissertação. Tal procedimento não diminui a importância desses sujeitos como construtores diretos da pesquisa realizada.

acoplado à cartografia dos desejos [...] para atingir a compreensão da segregação como processo” (SAWAIA, 1995: 22).

Por se tratar de uma área irregular, o sistema de trocas no que diz respeito às moradias e aos terrenos é feita de maneira informal. Existem, de acordo com os moradores, aqueles que chegaram primeiro no local, e que foram ocupando a área. Estes tinham o “direito” ao espaço apropriado podendo vendê-lo ou trocá-lo da forma como consideravam conveniente. Muitos desses primeiros moradores já se mudaram da favela, outros ficaram. O fato é que o mecanismo se conservou e não se faz nenhum tipo de documento (contrato informal, recibo) relativo à aquisição ou venda de terrenos ou barracos, já que as transações realizam-se por meio de acordos verbais. Nesse sentido, senhor Antonio, que residiu no local há alguns anos atrás, e possuía um estabelecimento comercial na favela, nos esclareceu os detalhes deste processo.

- É, primeiro eu comprei o terreno. Esse terreno aqui, o direito era de quem tinha casa aqui, mas do outro lado, então eles vendiam o direito daqui. Esse rapaz que o direito dele era aqui, ele até trabalha comigo na obra, já tem dois anos. Eu tenho quatro anos lá. E fui eu quem arrumou para ele lá. Falei assim para ele, vai que o homem lá qualquer hora manda eu embora, me vende um pedacinho lá. E ele falou assim: “eu te vendo lá”. Ele me vendeu quatro metros por quinze. Eu construí aqui, estou construindo, já tem um quarto, uma sala e um banheiro aí atrás, agora nós estamos construindo uma cozinha e mais um quarto. Então, vai ter dois quartos, uma sala, uma cozinha e mais um banheiro independente, só pra nós, porque o que tem aqui é do bar. Agora, eu comprei esse terreninho aqui do lado [aponta o lado direito do bar]. E ali eu quero construir outro salão, aqui eu vou dar pra minha mulher cortar cabelo, porque ela tem curso, tem o material todinho, cadeira, ela já tem tudo.

- *E como é feita a negociação na compra do direito, vocês fazem algum tipo de contrato?*

- Não, isso aí é palavra. Você quer x, e eu te pago, você tem o espaço. Não tem problema nenhum, desde que você não arrume de uma pessoa que já tenha problema né, não pode comprar de qualquer pessoa também. Senão, pode dar problema. Mas o pessoal daqui [mostra as redondezas do bar], é tudo gente boa porque eu conheço, eu já morei aqui, e eu já conhecia eles. Hoje, eu moro lá embaixo, mas já tinha um bom conhecimento deles aqui. (Sr. Antonio, 49 anos, mestre de obras).

A mobilidade dos moradores da Favela da Coca-Cola informa não apenas a passagem por diferentes Estados ou cidades. Revela também um percurso de pauperização dentro da própria cidade. Vários deles informaram residir anteriormente em conjuntos habitacionais populares ou em outros bairros e favelas da periferia da cidade, destacando-se a favela do Jardim Zara, o bairro Maria Casa Grande, entre outros da região periférica do município.

- Eu morava no Casa Grande, na casa de COHAB.

- *E quanto tempo faz que você mora aqui?*

- Olha... quando eu vim pra cá eu estava grávida do meu menino... Ele já tem três anos.
- *Você acabou se mudando de lá por que razão?*
- Porque nós não conseguimos pagar as prestações né... era muita. Aí, pegou, vendeu a casa e comprou aqui. (Debora, 24 anos, do lar).

Muitos, por falta de condições financeiras (ainda que em casas populares) retornaram para a área de moradia irregular, onde, a despeito da ausência de infra-estrutura, conseguiram fixar um abrigo dentro da cidade. A esse respeito, um fato que vinha sempre à tona, especialmente nas conversas com moradores mais antigos, era o episódio de remoção de parte da população desta favela para casas populares do Conjunto Habitacional Maria Casa Grande - localizado na região nordeste da área urbana. Um grupo formado pelos primeiros moradores foi removido do local por volta de 1989, e transferido para habitações populares deste conjunto habitacional. No entanto, o crescimento da favela a partir desse período continuou intenso, sendo que boa parte dos moradores removidos voltou a residir ali novamente.

- *Então, a Senhora já ouviu alguma coisa sobre urbanização da favela, ou mesmo sobre a desocupação da favela?*
- É... todo mundo fala isso aí há muito tempo né! Nessa época eu morava ali na outra casa, já falavam isso aí. Isso aí já vem de muito tempo. Para você ver, eu morava primeiro ali, aí eu mudei, fui para casa do meu tio, aí eles sortearam casa lá do Maria Casa Grande...
- *A Senhora se lembra em que ano, mais ou menos, isso ocorreu?*
- Hum... agora eu não lembro viu... Lembro que meu filho tinha uns cinco anos, e agora ele está com 21. Por aí, o ano certo assim eu não lembro. Então, lembro que saiu lá né. Eu não cheguei a ir pra lá, para o Maria Casa Grande. Não sei se era mais ou menos em 85 ou 89, só sei que eu mudei daqui, e falavam que iam tirar tudo isso aqui. Que iam tirar todo mundo, e aí tirou... A maioria dos que foram pra lá voltaram pra cá de novo.
- *E a Senhora conhece pessoas que voltaram pra cá, e que estão aqui até hoje?*
- Conheço, conheço muitas pessoas que estão aqui até hoje. Por isso que eu falo pra você, não adianta, é... falar que aqui eles vão tirar, e isso e aquilo... eu acho que não tiram não. Mas eu penso comigo assim, sabe Lu, se eles urbanizassem isso aqui sabe, pusessem asfalto, colocassem luz aí na rua, cada um com seu cantinho... Falassem “eu quero que faz, mas uma casinha bonitinha, não quero madeira, não quero...” né, ficava bom. (D. Maria, 49 anos, do lar).

Ao mesmo tempo, chamou a atenção o fato de alguns elementos da relação campo-cidade, rural-urbano aparecer nos relatos e trajetórias de parte dos moradores da favela da Coca-Cola. Do total de responsáveis pelas famílias, 32% afirmou ter residido em áreas rurais, desenvolvendo atividades como retireiro⁸⁸, sitiante, lavrador, caseiros, entre outras. Entre os

⁸⁸De acordo com o dicionário eletrônico *Houaiss* da Língua Portuguesa, este substantivo masculino refere-se à atividades ligadas à vida no meio rural: “1. Regionalismo: São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul: encarregado de um retiro; parceiro pecuário. 2. Regionalismo: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul: morador de retiro (de fazenda). 3. Regionalismo: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul: morador isolado do Pantanal matogrossense. 4. Regionalismo: Sudeste do Brasil: indivíduo que faz ordenha.”.

moradores mais antigos, esse fato era bastante comum, e quando não tiveram passagens pelo espaço físico do campo, mencionavam o universo rural e suas práticas nas lembranças de outros membros do grupo familiar, como os pais.

- Minha cidade é Juruáia. É divisa da Bahia. Fica perto de um rio que chama Jequitinhonha, que é o rio maior da cidade, e do outro lado já é a Bahia. Então, dizem que é mineiro cansado né, porque tá perto da Bahia (risos).
- (Risos) *E lá, o Sr. trabalhava em qual atividade?*
- Lá? Eu era retireiro... em fazenda.
- *O Senhor sempre morou com a família na área rural, no campo?*
- É, sempre no campo. Meus pais também... Aí hoje, meus pais têm terra no Goiás. (Sr. Antonio)

O traço de vivência no campo que apareceu em vários relatos de moradores, informa sobre um conjunto de elementos e disposições adquiridas ao longo da vida desses indivíduos, tais como gostos, valores, percepções, conhecimentos específicos cultivados gradualmente, o que Bourdieu (1996) define como “*habitus*”⁸⁹. Nos termos de Bourdieu, é o *habitus* quem unifica características semelhantes de um grupo: é estruturador, portanto, do que denomina de estilos de vida. Nessa perspectiva a posição em que os indivíduos se encontram no espaço social e seu *habitus*, estão diretamente relacionados, já que um se desenvolve em relação ao outro. Assim, seja marcando a ruptura dos sujeitos com a terra, no gosto pela música sertaneja e raiz, no exercício de algumas práticas como criação de animais e plantação de alguns alimentos nos “quintais” improvisados, ou mesmo no sonho ou perspectiva de voltar para o campo, elementos de uma vivência rural estão presentes, de alguma forma, na trajetória do grupo social em questão.

- Eu gosto muito da música caipira, porque eu fui caipira né...
- *E o Senhor ouve este tipo de música hoje?*
- Eu escuto direto, no rádio. Eu era tocador... (Sr. Joaquim, 91 anos, aposentado).

A vinda para Ribeirão Preto é estimulada pelo sonho de uma condição de vida e de trabalho com menos percalços. Por outro lado, viver nessa cidade produz uma série de conseqüências, ao mesmo tempo em que produz novas formas de lidar com a vida urbana e partilhar de seus recursos.

⁸⁹ “A cada classe de posições, corresponde uma classe de *habitus* (ou gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilos” (BOURDIEU, 1996, p.21).

- Depois chegou aqui, eu trabalhei só 18 anos em chácara. Trabalhei em cinco chácaras aqui... dia de sol e de chuva, nunca deixei faltar milho, nem feijão, nem mandioca nessa terra vermelha aqui...

- *E como foi, depois que o Senhor não trabalhou mais em chácaras, veio pra cidade?*

- Então, aí eu vim pra cidade [pensa], porque eu comecei a sentir mal. Aí, comecei a perder a fala. Ia para o mato, começava a sentir dor... Precisava tomar injeção... (Sr. Joaquim)

- *Mas o Senhor estranhou, sair do campo e vir para uma cidade como Ribeirão?*

- Muito... Muito.

- *O que mais causou estranhamento no Senhor?*

- Primeiro, porque eu sou analfabeto, eu só sei assim, escrever o nome. Eu não sei nem o nome daquela rua ali [aponta a avenida em frente ao bar]. Entendeu... e ficou difícil pegar ônibus, essas coisas, ir no centro, eu ia a pé... Mas, com força de vontade né? Tudo você consegue. Se você tiver força de vontade você vai conseguir tudo. Hoje, Ribeirão Preto é do tamanho desse vidro aqui [aponta o vidro de conserva, em cima do balcão]. Qualquer bairro que você falar, eu sei, eu sei ir" (Sr. Antonio).

Do momento da chegada na favela até os dias atuais são destacadas, pelos moradores, as mudanças físicas e populacionais do local. Modificação no formato das moradias, intenso fluxo de moradores, aumento da população e redução da criminalidade foram fenômenos constantemente mencionados nos relatos.

Em relação à composição das moradias, é importante salientar que muitas delas eram - logo no início da formação da favela - construídas com materiais mais improvisados como madeira, ferro, alumínio, plástico, entre outros. Hoje, ao mesmo tempo em que existem várias moradias construídas com esses materiais, existe também um número crescente de construções em alvenaria (tijolos baianos, telha, cimento), ainda que o acabamento das moradias seja praticamente inexistente.

- Aqui, mudou sim um pouco porque, agora, eles fazem as casinhas tudo de tijolo, está melhorando né. Inclusive, a outra casa que eu já morei, era tudo de tábuas. Agora não. E eu quero fazer aqui, eu quero também por bloco, por mais telha... porque fica mais bonito. Porque aqui, eu pelo menos tenho tranquilidade. (Sr. Joaquim)

E, mesmo diante da convivência com um conjunto de infra-estrutura urbana inexistente, os relatos dos moradores revelam aspectos positivos, criadores de uma identidade com o local de moradia. Elementos como o bom relacionamento com os vizinhos, baixa criminalidade, proximidade com comércio, escolas, supermercados, e alguns serviços de saúde são mencionados como positivos.

- *E o que você acha de morar aqui?*

- Ah eu gosto! Eu gosto... aqui é sossegado sabe, tranqüilo, a gente nunca teve problema. Teve uma época que quando eu me casei, daí eu fui morar ali na Vila Tibério⁹⁰ né. Você sabe que eu não gostei de lá não! Eu prefiro aqui, aqui é bem mais sossegado.

- *E porque você não gostou de lá?*

- Ah, assim, um povo que não dava sossego, uns vizinhos assim, gente encrenqueira. Aqui não, o povo é mais sossegado, não mexe com ninguém... lá não gostei muito não, prefiro mais aqui.

- *O relacionamento com os vizinhos, como é aqui?*

- É bom, é sossegado. Cada um respeita assim, o espaço um do outro, não tenho preocupação com vizinhos aqui. Agora lá não, sabe, lá já era uma gente encrenqueira, era meio esquisito. Aqui é super diferente, bem melhor do que lá. (Débora, 25 anos, diarista).

Ao mesmo tempo, no que diz respeito ao inter-relacionamento entre os moradores (que é sempre mencionado como positivo) deve-se destacar que um “bons vizinhos” são aqueles que oferecem pouco incômodo, com os quais são estabelecidas relações de cordialidade, auxílios e cooperações em momentos específicos, como na construção ou reforma das moradias, em época de chuvas ou em ocasiões excepcionais. Isso não significa que as relações vicinais não existam, mas são marcadas também por traços de privacidade e individualismo.

No que diz respeito à representação desses moradores sobre a política e sobre os políticos, percebe-se, por um lado, uma grande parcela de descrença, justificada pelo fato de que “mudam os políticos e a situação continua a mesma...”. Também aparecem traços significativos de um certo clientelismo. Todavia, a existência deste tipo de relação pode estar diretamente relacionada às condições materiais a que esses moradores estão sujeitos, às demandas por uma vida melhor e ao tipo de relacionamento que alguns políticos mantêm com esse perfil de população.

- *E agora, em época de eleição, já está pensando em quem votar?*

- Olha, se eu achar uma pessoa, pode ser um mendigo, que ele me der umas telha pra eu cobrir aqui [mostra a frente da casa, onde seria a garagem] eu voto nele. Agora, se não me der, eu não voto nem pra ninguém. [...] Mas eu não sei não em quem votar, não sei não porque é tudo mentiroso, você vê o Palocci daqui? Pode ser até o seu parente, mas eu falo [risos]. Aqui mesmo, eu já ouvi falar que vai urbanizar. Mas... olha ali! [passa na rua, neste momento, uma Kombi, anunciando através de uma auto-falante a propaganda política do candidato Palocci, para deputado], falando nele... Mas eu não sei não, só sei que se falar de tirar o pessoal daqui da favela, vai dar trabalho. E vai pra onde? Eles deviam é fazer uma rua aqui direitinho, pra gente morar né. Agora, se um candidato me desse uma ajuda pra eu arrumar meu barraco, tanto eu votava nele, quanto arrumava outros pra votar. (Sr. Joaquim).

⁹⁰ A Vila Tibério é um dos bairros mais antigos de Ribeirão Preto, e localiza-se bem próximo ao centro do núcleo urbano.

Como mencionado anteriormente, verificamos forte presença de pessoas ligadas às religiões pentecostais. Além dessas pessoas partilharem de códigos, valores e condutas que se distanciam de práticas de criminalidade, essas religiões parecem atender à carência emocional dessa população, já que mescla em seus princípios a valorização espiritual combinada à prosperidade material.

- Se você pegar uns... cinco anos atrás foi muita violência. Fazer igual uma história que tem no nordeste, você já viu uma história que tem lá no nordeste que mata de noite, e amarra o outro para a manhã? [risos]... Era esse esquema sabe. Mas só que hoje, eu vejo que Deus tem ajudado, orientado os policiais, porque são outras pessoas também que às vezes eu tenho pena, não dá conta, é difícil, e o povão cobra mesmo né. Às vezes cobram sem saber o que estão cobrando... [pensa]. Mas aqui já foi extremamente caótico... Se for ver, aqui agora é um pedacinho do céu meu bem... Você pode andar nessa rua aqui sem problemas, você pode deixar as coisas aí e ninguém mexe, todo mundo respeita sabe. Lógico assim, que cada um leva a vida que quer... o ser humano escolhe a vida que quer, eu não posso obrigar ninguém a fazer o bem pra ninguém... Mas Deus tem abençoado esse lugar, porque antes eram vinte e quatro horas de briga, de tudo um pouco sabe, de família, de tráfico, por bobagens... (Lurdes, 37 anos, do lar).

Desta forma se, de acordo com Ávila (2006), periferia não é periferia em qualquer lugar, o mesmo raciocínio pode ser feito sobre as favelas: que elas não se caracterizam da mesma maneira. Além de possuírem formações históricas distintas, os atores sociais que nelas residem produzem e reproduzem suas vidas a partir de diferentes referenciais. Essas especificidades é que parecem, em muitos casos, distanciar a teoria da prática e da vivência dos moradores, uma vez que a primeira tende a generalizar o uso de termos e conceitos para o entendimento de fenômenos sociais semelhantes.

Obviamente, não há como negar que o cotidiano da população aqui mencionada reflete um conjunto de necessidades fundamentais e de ausências que agridem esses indivíduos, especialmente de forma subjetiva. Do esgoto correndo a céu aberto à falta de atendimento em postos de saúde e hospitais, às dificuldades financeiras diárias e ao estigma que enfrentam por não ser moradores “de bairro”, não possuir endereço que os identifiquem na cidade, não poder comprovar suas existências na área urbana: todas essas situações são marcas expressivas da convivência com a violência simbólica.

A violência é simbólica, de acordo com Bourdieu (1998), na medida em que está internalizada, não é necessariamente visível, ocorre e se reproduz - por vezes - de forma não manifesta e, na grande maioria dos casos, é concebida como natural. Esse tipo de violência pode ser compreendido, assim, como reflexo das relações de dominação/subordinação entre agentes ou grupo de agentes. Para Bourdieu, desigualdades, hierarquias e submissões são

partes integrantes da sociedade. Em sua concepção, não é apenas a posse de capital econômico que determina as desigualdades: poder e riqueza podem ser gerados por meio da posse de outros capitais como o capital cultural, que designa as relações com a educação e a cultura em geral ou, como o capital social, que designa a trama de relações sociais em que os indivíduos estão inseridos⁹¹. Isto não significa considerar os agentes que sofrem diferentes tipos de dominação e de violência como passivos, ou que não percebem a sua própria condição. Mais do que perceberem suas posições, esses agentes reconhecem os princípios em que a dominação e a violência acontecem. Todavia, comumente esses princípios também são internalizados por eles, legitimando a dominação das quais são vítimas, o que pode acontecer de maneira inconsciente. Nos termos do autor, isso ocorre, pois frequentemente esses indivíduos não têm possibilidades, meios e instrumentos necessários para por em prática suas percepções (Bourdieu, 1996).

Contudo, na Favela da Coca-Cola, para além do universo conhecido de carências e de ausências e a despeito de todos os indicadores gerados pelos números levantados em campo, percebe-se em grande parte de seus moradores, uma resistência diária que não se expressa por meio de participação política ou de outras formas de reivindicações coletivas. Como já abordado anteriormente, a favela não possui liderança, morador ou grupo de moradores que buscam articular ações ou levar reivindicações ao poder público. Alguns deles - somente dois - informaram ter participado de discussões sobre urbanização das favelas no município. Mas, como não puderam discutir ao caso específico da Favela da Coca-Cola, os poucos moradores que se interessaram pela questão, deixaram de participar das reuniões. A despolitização desses sujeitos é compreensível: inserção precarizada no mundo do trabalho, insuficiência de renda, baixo grau de escolaridade, percursos geográficos caracterizados pela “espoliação”, são componentes que os limitam a se pensarem como sujeitos de direitos.

Diante de tudo o que vimos e ouvimos ao longo da pesquisa, o fato de se localizarem no espaço urbano (algo que não é simples para esses moradores) já pode ser compreendido como uma “resposta” desse grupo destituído de direitos à toda sociedade. As “lutas” diárias tecidas por eles se expressam no fato de buscarem formas e alternativas de renda, de tentarem construir e melhorar suas habitações (mesmo que de maneira improvisada), de enfrentarem

⁹¹ Em termos gerais, Bourdieu concebe a sociedade como um grande espaço, o “espaço social,” onde os indivíduos inserem-se e relacionam-se. Este espaço comporta subespaços, os quais ele denomina de “campos”, tais como o campo religioso, o campo político, campo cultural, campo científico, enfim, segmentos que compõem o espaço social. É dentro de cada campo que se desenvolvem e se sustentam capitais específicos: capital cultural, capital econômico, entre outros. Ver Bourdieu (1998, 1999).

uma série de dificuldades pelo acesso à educação, à saúde, ao transporte, à alimentação, e de ajudarem uns aos outros em momentos de urgência.

Algumas formas de organização coletiva aparecem no local, tratando-se de atitudes pontuais, especialmente de pessoas ligadas à alguma religião. Exemplos significativos são as ações de pessoas como D. Lurdes (ligada à igreja evangélica) e de Marcelo (ligado à religião espírita), que distribuem, semanalmente, alimentos recebidos de doações para os moradores.

- Às vezes, chega uma criança e me pede alguma coisa, se eu tiver, eu não nego. Eu vejo assim, Deus preparou, pra que ficar só pra mim... não é verdade? Eu tenho que dar pelo menos pra ajudar essas crianças, principalmente para elas, porque eu vejo assim, a criança, ela não é... como eu posso te dizer... ela não pediu pra poder vir nesse mundo, então se ela veio, e se Deus preparou né, eu vou ajudando, porque se vir pedir um pedaço de pão eu não posso, como dizem “dar uma pedra”, eu tenho que dar um pedaço de pão para poder saciar a fome deles. (D. Lurdes)

Esses são sujeitos ativos e constroem teias de solidariedade, atribuindo outros significados ao local comumente julgado pela passividade e “desorganização”. No entanto, a vida na favela não se desenvolve necessariamente a partir da desordem, já que diferentes relações são estabelecidas pelos grupos que nela residem: ajuda à novos habitantes, troca de informações sobre trabalho, materiais de construção compõem um universo peculiar de relações de cooperação (TORRES, 1983: 189). Nessa perspectiva, ainda que os sujeitos estejam no âmbito de processos homogeneizantes como a pauperização e a favelização, nem sempre agem de forma subordinada ou passiva em relação a eles.

Anselm Strauss (1999), que desenvolve estudos em uma perspectiva interacionista de entendimento das relações sociais, aponta um caminho interessante no que diz respeito à reflexão sobre ações individuais e estrutura social. No âmbito dessa corrente de entendimento, a sociedade é pensada como uma interação entre pessoas, sendo ela própria, produto destas interações. Para este autor, existe um “eu” reflexivo, que não é o tempo todo determinado por normas, regras ou processos sociais mais amplos. Assim, um dos pressupostos contidos em sua análise é o de que “as continuidades da experiência pessoal estão relacionadas sistematicamente com as fornecidas pela estrutura social, mas não são asseguradas pela estrutura social.” (STRAUSS, 1999: 48). O autor não nega a influência dos macroprocessos nas ações individuais e grupais, mas demonstra que apenas esta dimensão é insuficiente para compreensão das relações sociais, já que os grupos e indivíduos podem rever, remodelar, reavaliar suas concepções e atitudes. Assim, identidades individuais e coletivas se constituem reciprocamente e são historicamente elaboradas. A avaliação do autor é que as pessoas se tornam implicadas umas às outras, afetando-se mutuamente nesta relação.

Não podemos elaborar estudos microscópicos adequados sem uma identificação cuidadosa e precisa das condições estruturais pertinentes, tampouco entender de modo apropriado “estruturas” e ações macroscópicas sem levar em conta as condições de “identidade” que incidem sobre o macroscópico. (STRAUSS, 1999: 27).

Entendemos, assim, que é no conjunto de enfrentamentos básicos diários que se revela a resistência dos habitantes da Favela da Coca-Cola. O modo de vida desses moradores não é estabelecido por partilharem de um conjunto sistematizado de bens, mas se caracteriza pela dificuldade de suprir necessidades essenciais para se viver em sociedade. Por isso mesmo que a luta é silenciosa, para não dizer silenciada pelas condições sociais e econômicas que lhes estão postas.

Portanto, a luta se expressa no fato de residir na cidade não encontrando-se formalmente nela, na preocupação diária em (sobre)viver e ainda assim, construírem sonhos... Essa resistência parece encontrar perspectiva de futuro na dimensão do habitar.

- E daqui pra frente, você pretende continuar morando aqui? O que você espera que aconteça para você, para os seus filhos?

- Então, sair daqui não... Mudar assim, não pra um lugar mais sossegado porque aqui é, mas para ter cantinho melhor, uma casa melhor né. Então, eu pretendo assim, que se eu for me mudar, é para uma casa melhor para eles. Talvez voltar a estudar, porque eu parei na oitava série, e precisava mesmo voltar. Agora, tem uns moradores que estão fazendo abaixo-assinado pra voltar a ter o supletivo aqui perto, mas faltam muitas assinaturas pelo o que eu ouvi falar. Mas vamos ver, eu já dei meu nome, tudo, agora é esperar. Por que aqui até que tem muita gente que está querendo voltar a estudar. (Débora, 25 anos, diarista)

Nos chama atenção o fato dos desejos, sonhos e perspectivas para o futuro reconhecerem impossibilidades, privações e, principalmente, a busca pela fixação na cidade, pela moradia regular e pela a estabilidade que ela carrega.

- E daqui pra frente, o que a senhora deseja pra senhora, para sua família?

- Ai meu Deus, são tantas coisas filha, que nós esperamos, de bom né... Eu espero mesmo, quando eu puder, era dar uma moradia melhor para o meu filho, uma escola melhor, dar a ele uma casa melhor para morar. Por que assim, com quatro anos ele reclama do lugar que ele mora... ele fala: “essa casa”, fala que o aspecto é muito ruim, que o clima é muito ruim. Ele sempre pede, sabe, me cobra uma casa melhor [neste momento, os olhos de D. Dimas se enchem de lágrimas], ele sempre fala que o sonho dele é morar numa casa com laje, uma casa de muro e uma casa de laje... ele sempre me pede... Me cobra brinquedo, e é uma coisa que eu não posso dar. Eu... meu sonho é eu ter, um dia, uma casa de Cohab, essa seria uma chance de dar uma moradia melhor pra ele. Mas não consegui até gora [risos]... Aí, enquanto eu não consigo, eu falo pra ele: tem que ficar aqui. Aí vai só sonhando... e eu acho que esse é o sonho de muita gente, principalmente das crianças. Então é isso, Lu. (D. Lurdes)

Outros ainda, desejam o retorno às origens, às raízes que, mesmo diluídas, nunca foram apagadas das trajetórias e das memórias.

- E o Senhor pretende residir em outro lugar?

- Eu quero ir embora pra São José do Araguaia. Eu nunca morei lá, mas é meu sonho ir pra lá. Quero ir pra lá, porque lá minha irmã tem uma terrinha, ela até casou com um rapaz mais ou menos, e tem dez alqueires de terra lá. Fica há trinta e cinco quilômetros da cidade. E ela deu um alqueire para mim.

- O que mais atrai o Senhor pra lá, é o fato de estar mais perto da família, ou ir morar em um lugar como aquele, no campo?

- Ah, o fato de fazer o que eu sempre fiz né, roça, morar no campo.... Meu sonho é ir morar e morrer lá. Porque enriquecer, você não enriquece mais, você pode conseguir as coisas, mas não enriquece... (Sr. Antonio)

Todos os moradores com os quais conversamos revelaram certa consciência em relação à posição que ocupavam na sociedade. Observou-se que os sonhos e perspectivas de futuro não eram grandiosos, não previam situações impossíveis, não ultrapassavam possibilidades das condições materiais. Simplesmente revelavam desejos de uma vida essencialmente mais digna, sempre atrelada à forma de moradia.

- Ah... eu prefiro coisa melhor né Lu. Por exemplo, se eles fossem tirar a gente daqui, eu preferia um bairro melhor, uma casa melhor... uma coisa que eu pudesse por os meus filhos e deixar né. Agora, se eles falarem que vão deixar a gente aqui, eu prefiro arrumar a minha casa, deixar tudo ajeitado... é o que eu pretendo fazer. (D. Maria)

É marcante o quanto a casa - e tudo o que ela representa - aparece como símbolo dos sonhos e pré-requisito para uma vida mais digna. Entre os diferentes moradores, as expectativas de melhorias estão diretamente relacionadas à questão do habitar e a importância da casa, ainda que ela não seja própria de fato. Nesse aspecto, a casa não poderia ser pensada apenas como um objeto construído, pois ela fazia parte de um universo muito mais amplo.

Ao realizar um precioso estudo sobre o espaço do habitar, Bachelard (1993), considera que a casa é um “ser” dinâmico, que reflete a forma como os indivíduos viveram, vivem e/ou gostariam de viver. Nela, passado, presente e futuro fundem-se a fim de dar unidade à vida do homem; é local de proteção, abrigo, intimidade e resistência... Um cosmos no âmbito de um universo mais amplo. “Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (BACHELARD, 1993: 25).

Dessa forma, o desejo de construir, possuir, e viver em uma casa melhor não está relacionado apenas à estabilidade da vida material, mas, sobretudo, relaciona-se à dimensão do abrigo, da proteção e da perspectiva de continuidade. “Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (BACHELARD, 1993: 26).

Percebemos que um dos grupos de moradores que mais esperava dias melhores era o infante-juvenil. A Favela da Coca-Cola possuía um grande número de crianças e adolescentes, sendo que 44% da população total possuía - no momento da pesquisa - até 15 anos de idade.

Quando caminhamos pelas ruas de terra ali existentes, sempre nos encontramos com as crianças: seja indo e vindo dos grupos escolares, seja brincando com outras, ou com pequenos animais que são criados livremente pelas ruas - como galinhas, cachorros, entre outros. Essa faixa de moradores chama a atenção de quem percebe o lugar com um olhar mais atento. Em um universo de convivência com tantas ausências essenciais, as crianças dificilmente expressam em suas faces tristezas, descontentamentos ou inferioridade. Olhares vivos, semblantes de uma vida ativa, posturas curiosas e interessadas são perceptíveis nesse grupo.

Durante as várias visitas e quanto mais familiar a figura da pesquisadora se tornou, maior contato e curiosidade de ambas as partes - crianças e pesquisadora - se configuravam. Normalmente, as crianças perguntavam sobre as atividades da pesquisadora, o que havia feito naquele dia, pediam para tirar fotografias e vê-las logo em seguida. Nessas ocasiões, a pesquisadora aproveitava para aproximar-se mais desse universo, que não poderia ser apreendido por meio de questionários ou entrevistas formais. Em decorrência disto, houve a necessidade de levantar, ainda que pontualmente, como esses moradores concebiam o lugar de moradia. Sem o intuito de desvendar traços psíquicos ou aprofundar essa discussão, o objetivo foi ilustrar a marcante presença infantil na favela. O recurso utilizado foi a coleta dos “mapas mentais” ou “mapas afetivos”⁹². Por meio de desenhos produzidos pelas crianças, foi possível apreender alguns elementos reveladores da representação do lugar e da expectativa de futuro desta faixa etária residente na favela.

⁹² O recurso de utilizar desenhos para compreender alguns elementos importantes para determinados indivíduos sempre foi utilizado por profissionais da psicologia e, especificamente, da psicanálise. Todavia, este instrumento tem sido retomado e utilizado como técnica de pesquisa nas Ciências Sociais, na medida em que pode ilustrar falas, silêncios e perspectivas dos atores sociais em questão. Trabalhos como Covezzi (2000), Vetorassi (2006), Andriolli (2006) entre outros, foram fontes significativas no que diz respeito à importância e valorização deste tipo de recurso.

Realizou-se uma coleta de desenhos⁹³ com o tema “Minha Casa”, feitos pelas crianças da favela com idade de até 15 anos. Essa atividade foi realizada em ocasião das comemorações do dia das crianças⁹⁴. Interessante notar o quanto a casa envolve subjetividade e elementos simbólicos, mesmo entre as crianças.



Figura 17. Mapa Afetivo da Casa. Autor: Fabiano, 06 anos.
Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

⁹³ Foram coletados cerca de 80 desenhos, ou “mapas afetivos”.

⁹⁴ Momento em que foi organizada, pela D. Lurdes - moradora já mencionada anteriormente - uma pequena festa onde foram distribuídos alguns lanches, doces e refrigerantes. A festa, realizada todos os anos por D. Lurdes e seus amigos da comunidade evangélica, ao mesmo tempo em que celebra o dia das crianças, aproveita a ocasião para desenvolver um trabalho de evangelização, antes da comemoração. Assim, a pesquisadora inseriu-se na organização deste “evento” para que pudesse conhecer - ainda que de maneira pontual - esse universo infantil da favela da Coca-Cola. A experiência foi extremamente fecunda, não apenas pelos resultados obtidos com os desenhos, mas pela troca de experiências e maior proximidade com as crianças, mães e pais que estavam presentes naquele momento. D. Lurdes foi uma das principais moradoras que auxiliou a execução deste trabalho, especialmente nesta atividade com as crianças. Ela é uma das principais referências na favela, pois faz um trabalho voluntário de distribuição de alimentos - verduras, legumes e frutas doados por um varejão da cidade - e que é realizado semanalmente. Muitas famílias tinham nessa doação, a principal garantia de alimentação na semana.

Ora, elas foram representadas de forma colorida, ora em preto-e-branco; por vezes com detalhes, por vezes de maneira pontual e genérica. No entanto, os desenhos informaram, em alguma medida, o universo infantil. Seja o universo vivenciado de fato, ou o que gostariam de vivenciar. Os símbolos da vida cotidiana das crianças foram representados, nos desenhos, de diferentes formas: por elementos da natureza como o sol, as árvores, as nuvens; pelo desenho dos membros da família e de animais de estimação; pela escrita denunciando o vínculo e a formação religiosa.



Figura 18. Mapa Afetivo da Casa. Autora: Naiara, 11 anos.
Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Por outro lado, observamos que os desenhos trouxeram à tona a imagem da casa sonhada. As ilustrações possuíam formas e símbolos que não existiam, de fato, nas moradias: sejam elementos de infra-estrutura (como acabamento), cores fortes, cômodos espaçosos. Ao mesmo tempo, os desenhos expressaram casas grandes, por dentro e por fora, revelando desejos e expectativas em relação ao lar.

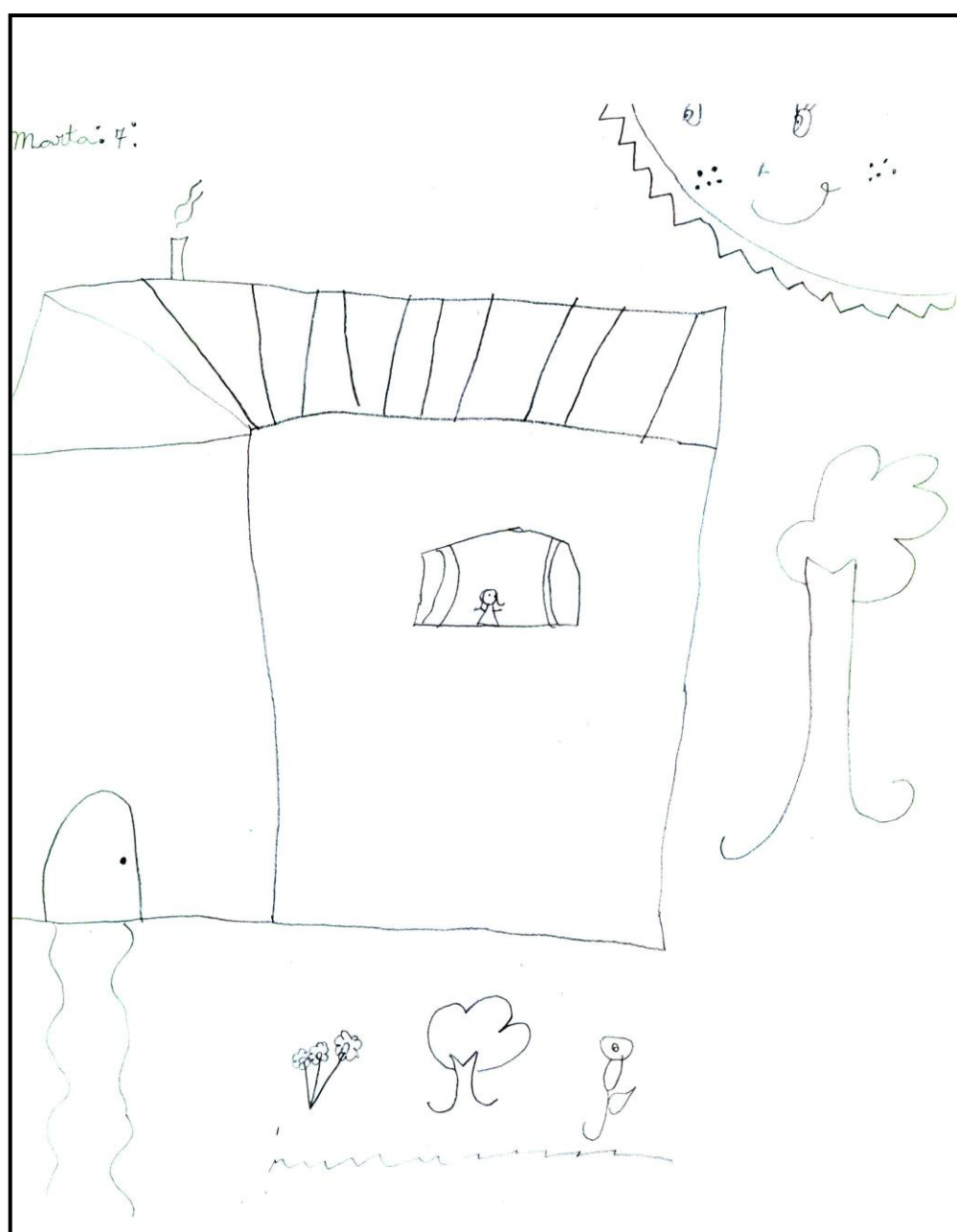


Figura 19. Mapa Afetivo da Casa. Autora: Marta, 07 anos.
Fonte: ROSA, L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto –
SP: revelando vivências, 2008.

Neste tipo de mapa têm-se representações das habitações, com base em lembranças e memórias afetivas. Neles, elementos corriqueiros - o animal de estimação, a planta ao fundo do quintal, entre outros - ganharam vida e importância, já que eram constituintes do dia-a-dia das crianças no espaço habitado.

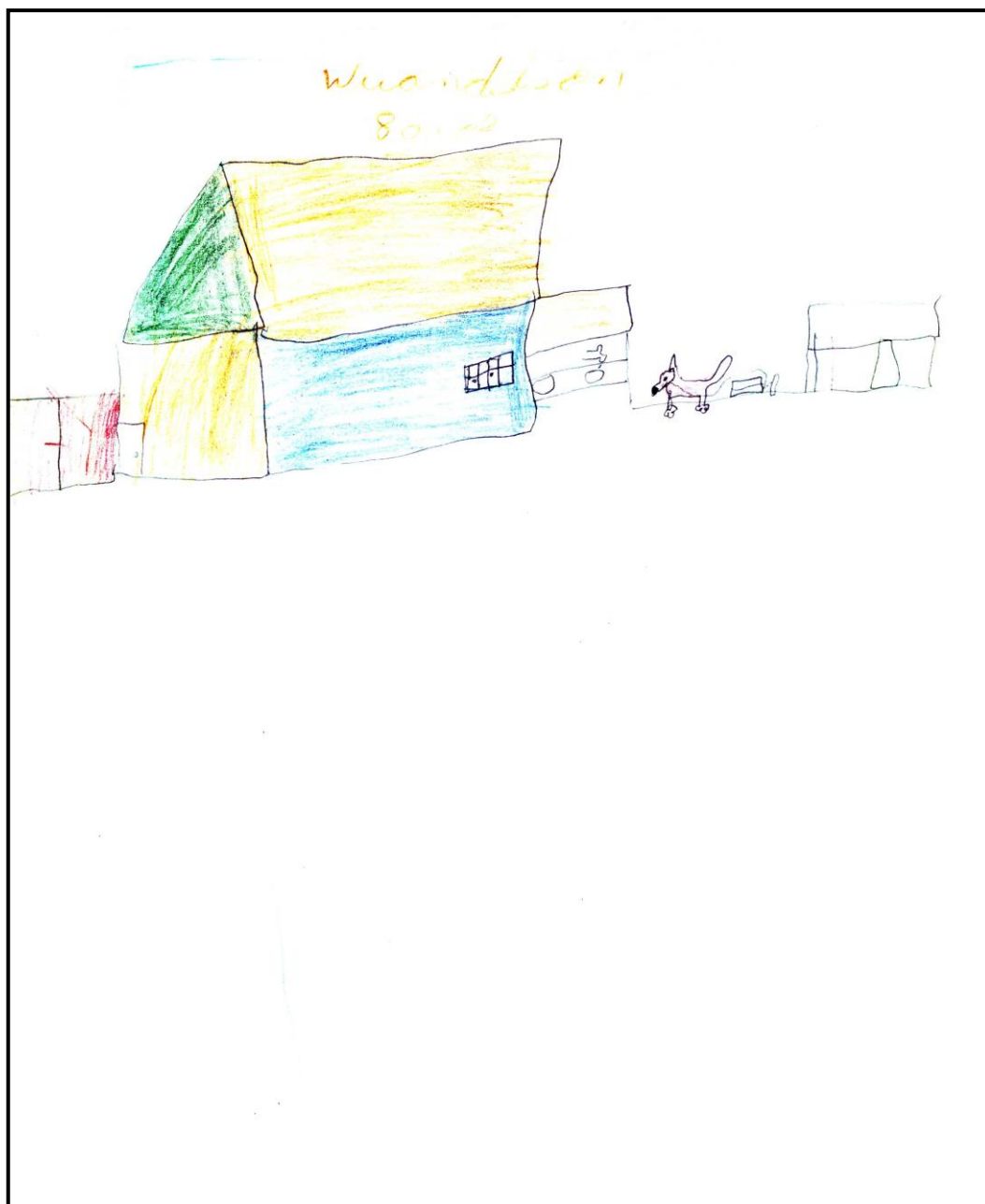


Figura 20. Mapa Afetivo da Casa. Autor: Wanderson, 08 anos.
Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Os mapas afetivos, para Andriolli (2006), remetem à lugares e representações de diversos contextos, seja ele do trabalho, da festa, do lazer, da religiosidade, da moradia. Por meio deles, as lembranças são revividas pelos sujeitos. E se, através dos desenhos as crianças (re) significaram o ambiente da morada, em alguns desenhos, o ambiente construído cedeu lugar à elementos exteriores, informando que a casa poderia ser representada por sua ausência.



Figura 21. Mapa Afetivo da Casa. Autora: Leticia, 06 anos.
Fonte: ROSA , L. R. Aspectos da favelização em Ribeirão Preto – SP: revelando vivências, 2008.

Em maior ou menor grau, os desenhos mostraram que, a despeito de uma vida de dificuldades, as crianças têm uma representação positiva da casa. Ao mesmo tempo, esses mapas afetivos, quando percebidos com cuidado, podem ser vislumbrados em seu movimento. Elementos como sol, pessoas, ruas, semáforos, chaminés, informam a constante presença do calor no ambiente interno das moradias, a grande circulação de pessoas e veículos nas vias ao redor da favela expressando, enfim, o dinamismo do lugar.

Nessa perspectiva, a Favela da Coca-Cola não pode ser pensada, concebida e vislumbrada unicamente pela falta, pelas ausências ou por aspectos negativos. A despeito de ser expressão clara de um processo de exclusão territorial e sócio-econômico em expansão no interior do município de Ribeirão Preto, um universo de expectativas e possibilidades de uma vida mais digna na cidade está presente em seus moradores, das mais diferentes faixas etárias.

Considera-se, diante deste trabalho, que as soluções para a minimização desse processo excludente só poderão ser encaminhadas a partir do momento em que as potencialidades do grupo social envolvido e as especificidades da população em questão forem priorizadas nas ações municipais e políticas regionais. Um longo processo de planejamento e avaliação deve ser iniciado na Favela da Coca-Cola, cujas dimensões populacionais aumentam a cada dia. Ouvir o que essa população tem a dizer, o que espera e o que está disposta a fazer em relação às suas condições, são ações fundamentais para a construção desse processo. Os atores sociais identificados nesta pesquisa revelaram, em suas falas, vontade e expectativa de viver com mais dignidade, sobretudo, por meio da casa.

O desejo encontrado nos moradores da Favela da Coca-Cola deve ser olhado cuidadosamente e, o quanto antes, pelo poder público, no sentido de buscar e operacionalizar uma solução adequada para a melhoria da condição de vida dessa população. A presença do Estado junto à esse grupo, como vimos, não se faz de maneira substancial, mas por meio de programas e projetos assistenciais e de transferência de renda (bolsa escola, bolsa família, etc.) de curta duração. Ainda que, em parcela significativa dos casos, esses programas garantam o acesso à alimentação, devemos reconhecer que não permitem a esses sujeitos encontrarem mecanismos para caminhar de forma autônoma.

Ao mesmo tempo, parte dos projetos e programas habitacionais postos em prática no município mostra-se insuficiente para a Favela da Coca-Cola, cuja localização encontra-se em área de risco e inadequada para intervenção ou urbanização. Assim, um processo de negociação junto aos moradores, contando com profissionais capacitados para o diálogo com a comunidade, pode auxiliar no diagnóstico dos interesses dessa população e no encaminhamento de ações concretas que priorizem a dignidade desses atores.

Paralelo ao trabalho junto à comunidade, ações mais estruturais precisam ser priorizadas nas políticas municipais. Garantir a dignidade dessa população significa permitir o acesso a um conjunto de possibilidades que vai além da condição de moradia. A qualidade em educação, por exemplo, nos parece tão essencial quanto o alimento, na medida em que pode abrir um conjunto de possibilidades ainda maiores a esses sujeitos e, no mínimo, garantir-lhes instrumentos para o conhecimento de seus deveres e de seus direitos.

Reverter a segregação característica do atual período é uma tarefa que requer ampla pressão social organizada sobre o poder público. As políticas públicas ao oferecerem renda-mínima, tíquete-leite ou bolsa escola devem ter consciência de que se trata de um momento apenas. Investimentos mais estruturais devem ser realizados, inclusive na revalorização da escola pública como espaço social de conquista da cidadania (CARRIL, 2006: 247).

Contudo, como aponta Rocha (2006), priorizar a distribuição de renda é imprescindível quando se pretende tratar de redução da pobreza.

Adotar o combate à pobreza como bandeira política conseqüentemente requer a reestruturação do gasto social, em geral, e o redesenho dos mecanismos voltados especificamente ao atendimento dos pobres. Implica ainda que os mecanismos de financiamento do gasto público levem em conta, explicitamente, as desigualdades da distribuição de rendas no país. [...] É essencial priorizar o atendimento aos mais pobres, mas garantindo a eficiência operacional, tanto de medidas assistenciais, que apenas amenizam os sintomas presentes da pobreza, como daquelas que têm o potencial de romper de forma definitiva o círculo vicioso da pobreza (ROCHA, 2006: 193).

A despeito do árduo trabalho que processos como esses envolvem, esta pesquisa procura fornecer subsídios, por meio de um conjunto pertinente de informações que, somadas à vontade política dos administradores locais, poderão gerar ações substanciais no sentido de reduzir as diferenças sociais na “capital do *agrobusiness*”⁹⁵.

⁹⁵ “Em discurso pronunciado em viagem aos Estados Unidos alguns meses antes de sua eleição à presidência da África do Sul, Nelson Mandela resumiu assim a relação entre pobreza e democracia: ‘Uma constituição democrática deve considerar as questões da pobreza, da desigualdade, da frustração e das necessidades de acordo com os princípios indivisíveis dos direitos do homem. O direito de voto sem o direito à alimentação, à habitação e à assistência médica criaria apenas a aparência da igualdade, enraizando a realidade da desigualdade. Não desejamos a liberdade sem o pão, nem o pão sem a liberdade.’ ” (MEUNIER, 1995: 21).

Considerações Finais

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como intuito trazer elementos para o debate sobre a vida na cidade, por meio de um estudo específico na Favela da Coca-Cola localizada no município de Ribeirão Preto, interior do Estado São Paulo.

No que se refere à perspectiva teórica, verificamos que o debate acadêmico relativo às questões sociais urbanas têm como palco de estudos, em sua maioria, as metrópoles, nos fornecendo uma série de elementos metodológicos e conceituais importantes para a reflexão sobre o urbano na atualidade. No primeiro capítulo, apontamos discussões sobre o padrão de crescimento da urbanização brasileira e seus reflexos em grandes e pequenos municípios. Vieses importantes de interpretação das questões sociais urbanas, a urbanização nas metrópoles, a urbanização no interior e suas especificidades, foram temas abordados nessa seção.

Nos pareceu muito válido, nesse aspecto, o esforço - realizado por estudiosos - pela flexibilização de alguns conceitos, sobretudo, de periferia e favela, na medida em que eles têm sido carregados de uma série de representações. Por vezes, essas representações não correspondem aos processos sociais em curso, especialmente em cidades situadas fora dos contextos metropolitanos. Daí a necessidade de investigar, nesta pesquisa, que aspectos revelariam as especificidades do processo de expansão urbana em Ribeirão Preto.

Da formação histórica do município à sua organização sócio-espacial recente, foi na relação entre campo e cidade, rural e urbano, que encontramos elementos para o entendimento do bom desempenho sócio-econômico da cidade, assim como para as problemáticas sociais existentes no início do século XXI. A segregação social e espacial em que vive parte da população ribeirão-pretana está diretamente relacionada ao padrão de urbanização adotado, e este, diretamente conectado ao modelo econômico vigente na sociedade contemporânea, cujo imperativo é o aprofundamento das desigualdades.

Por meio do desenvolvimento da especialidade agrícola, Ribeirão Preto tornou-se uma cidade polarizadora, geradora riquezas, marcada pela “modernidade”. Todavia, os desequilíbrios econômicos, sociais, culturais e territoriais cresceram na mesma proporção, fato que se revela no aumento da pauperização da população e na composição orgânica desigual do seu território. Com cerca de 3% da população total vivendo em favelas, o

município demonstra sua incapacidade em incorporar seriamente, nas políticas, os pobres. Informalidade e ilegalidade são processos constituintes da vida na cidade e o espaço urbano se estrutura por meio desses processos, o que não significa considerá-los naturais.

Nesse sentido, trabalhamos no terceiro capítulo, a situação da Favela da Coca-Cola, localizada na região noroeste da área urbana de Ribeirão Preto. Por meio de um estudo específico junto àquela população, nos inserimos em um universo peculiar caracterizado por um mosaico de situações: precarização em suas múltiplas expressões, ausências e resistências. Com uma síntese do perfil sócio-econômico, educacional, cultural, das perspectivas de futuro dos moradores, chamamos atenção para o fato de que a pobreza é algo explícito em Ribeirão Preto, que necessita ser priorizada pelas políticas municipais. Ao mesmo tempo, o intuito foi produzir informações que pudessem pautar e servir como referência inicial para possíveis ações no local em questão.

Em meio à constatações estatísticas sobre as dificuldades enfrentadas pelos moradores da Favela da Coca-Cola, a resistência desse grupo nos pareceu nítida simplesmente pelo fato de habitar a cidade, mesmo que distante do acesso a um conjunto de bens e serviços tipicamente urbanos. Verificamos, por meio de indicadores sociais, que essa configuração sócio-espacial cresce no município. O processo de empobrecimento da população tem sido muito expressivo, e viver “legalmente”, de maneira formal, em territórios e habitações regulares, torna-se algo inacessível para parte de sua população⁹⁶.

Dadas as condições em que os habitantes da Favela da Coca-Cola vive, ou sobrevive, entendemos que o modo de vida ali existente caracteriza-se pelo entrelaçamento entre: informalidade, ilegalidade, violência simbólica (gerada por não possuírem elementos essenciais para existir dignamente em sociedade) e pela persistência em situar-se no urbano. Não há como negar que o fio condutor da trajetória existencial desses indivíduos é, fortemente, marcado pela precarização das condições de vida.

Para além da persistência, contudo, os desejos de uma vida essencialmente melhor passa, de acordo com esses moradores, pela questão do habitar. O significado das moradias e a representação sobre a casa foram temáticas muito presentes nos relatos desses sujeitos. Buscamos ilustrar, nesta perspectiva, um pouco das representações sobre a casa por meio das falas e dos desenhos das crianças. Não era premissa inicial deste trabalho centrar-se no

⁹⁶ As considerações feitas por Lourdes Carril, baseadas em pesquisas empíricas com ênfase na segregação racial, reforçam essa constatação: “O quilombo tem sido pensado como uma das estratégias de resistência à sociedade escravista, e quando sua aproximação à favela e à periferia pelos próprios excluídos é investigada revelam-se *permanências reeditadas pelos acessos sociais e espaciais* engendrados na contemporaneidade.” (CARRIL, 2006: 243 [grifos nossos]).

universo subjetivo que a dimensão do habitar incorpora. Todavia, esse elemento tornou-se cada vez mais presente ao longo da pesquisa, sendo incorporado à dissertação. Foi, sobretudo, na perspectiva de futuro que a dimensão do habitar, explicitada pelos moradores, colocou-se como símbolo de uma existência melhor. A casa, para esses sujeitos, relaciona-se ao abrigo, à proteção e à perspectiva de continuidade.

A questão da moradia, diante disto, talvez seja um ponto de partida, um elemento que pode servir como meio de interlocução entre o poder público e essa população, já que, ao observarmos as políticas e programas habitacionais vigentes, verificamos um distanciamento significativo entre eles e a realidade dos grupos que compõem o processo de favelização no município.

Priorizar ações socialmente justas no âmbito do espaço urbano requer, minimizar a atuação de grandes empreendimentos que sustentam um mercado imobiliário direcionado, em sua maioria, aos grupos mais abastados. Demanda, ao mesmo tempo, focar políticas integradas de distribuição / geração de renda, qualidade em educação básica e redução da informalidade. Estas ações, todavia, não se constituem sem dois elementos centrais: reivindicação social e vontade política.

Revelando as vivências deste grupo social, esta pesquisa é apenas uma contribuição, dentro de um vasto *rol* de contribuições mais substanciais que podem ser elaboradas junto à população da Favela da Coca-Cola rumo à construção da cidadania e à diminuição das disparidades sociais em Ribeirão Preto.

Galeria de Imagens

5. GALERIA DE IMAGENS⁹⁷



Imagem 1. Aspectos da infra-estrutura da Favela da Coca-Cola



Imagem 2. Aspectos das moradias em material improvisado

⁹⁷ Todas as imagens expostas nesta seção, foram registradas pela pesquisadora ao longo do trabalho de campo.



Imagem 3. Moradias em alvenaria



Imagem 4. Paisagem ao longe...



Imagem 5. Estratégias...



Imagem 6. Materiais utilizados para proteção das moradias



Imagem 7. A favela da Coca-Cola nas Eleições 2006...



Imagem 8. Pequeno comércio local



Imagem 9. Casa de um cômodo de Sr. Joaquim, 91 anos, aposentado:
“Eu gosto muito da música caipira, porque eu fui caipira né...”



Imagem 10. A capela: tentativa de uma construção coletiva



Imagem 11. O interior da Capela



Imagem 12. Na rua, galinhas, porcos, cavalos:
pequenas produções domésticas...



Imagem 13. É sexta-feira: dia da chegada e distribuição de frutas, legumes e verduras na casa de D. Lourdes



Imagem 14. Aspectos de uma das moradias à venda



Imagem 15. Outras fontes de renda encontradas pelos moradores



Imagem 16. Confeção dos mapas afetivos



Imagem 17. Estabelecimento comercial



Imagem 18. Favela da Coca-Cola

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia Geral

ANDRADE, Thompson A. ; SERRA, Rodrigo V. **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001

ANDRIOLLI, Carmem S. **Nas entrelinhas da história, memória e gênero**. Lembranças da Fazenda Jatahy. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCAR, 2006.

ÁVILA, Milene P. **Periferia é periferia em qualquer lugar?** Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana. (Dissertação) Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. São Carlos, UFSCAR, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes: 1993 (coleção trópicos).

BLAY, Eva A. **A luta pelo espaço**: textos de sociologia urbana. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

BECKER, Howard S. A escola de Chicago. **Mana**. São Paulo, v. 2, no. 2, p . 177-188, 1996.

_____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC,1994.

BERICAT, Eduardo. **La integración de los métodos cuantitativo y cualitativo en la investigación social**. Significado y medida. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

BILAC, Elisabete D.; SALLES, Maria do Rosário R. Componentes da urbanização e os padrões de reprodução humana em cidades médias paulistas. **Relatório de Pesquisa**. Força de trabalho, família e reprodução humana em cidades médias paulistas. Instituto de Letras, Ciências Sórias e Educação. Universidade Estadual Paulista, UNESP/FAPESP: Araraquara, 1988. 171p.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo, Ática, 1983 (Grandes Cientistas Sociais, 3).

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. Compreender. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997 (p.693-713).

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANDINI, Claudireni. **Religião e política**: a participação dos pentecostais nas eleições 2002. Dissertação (Mestrado) São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 2004 (165p.).

CALDEIRA, Teresa P. do R. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAMARGO, José Francisco de. **A cidade e o campo**: o êxodo rural no Brasil. Rio de Janeiro: Buri, 1968.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia**: a longa busca da cidadania. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2006.

CARNEIRO, Maria J.; TEIXEIRA, Vanessa L. **Pluriatividade e novas ruralidades**: identidades sociais em construção. In: III Seminário Novo Rural Brasileiro - Fase III do Projeto Rurbano. Unicamp/NEA : Campinas(SP), 2003.

CASTELLS, Manuel. **Problemas de investigação em sociologia urbana**. Tradução: Azevedo, Lemos de. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

CINTRÃO, Luciana M. Gonçalves. **A estrutura de produção da cidade**: processo, função e forma. Estudo de caso – Araraquara – S.P. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Escola de Engenharia, USP: São Carlos, 1995.

CORRÊA, Roberto L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991.
_____. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, Maria C. Castilho. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 2005.

COVEZZI, Marinete. **Lembranças do Porto**: um estudo sobre o trabalho e os trabalhadores do porto de Cuiabá (1940-1970). Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, SP: UNESP, 2000.

DAL MORO, Selina M.; KALI, Rosa M. L.; TEDESCO, João C. (Orgs.). **Urbanização, exclusão e resistência**: estudos sobre o processo de urbanização na região de Passo Fundo. Passo Fundo, Rio Grande do Sul: EDIEUPF, 1998.

DAVID, Elisabete. **Morar e viver no Selmi Dei**: conquista e apropriação do espaço na periferia de Araraquara (Dissertação). Programa de Pós Graduação em Sociologia. Araraquara: UNESP, 1993.

DELGADO, Guilherme da Costa. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1985.(coleção América Latina) p.19-49.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**: vida rural e migração em SP. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DURKHEIM, Émile. **A ciência social e a ação**. Trad. Inês Duarte Ferreira. São Paulo: DIFEL, 1975.

_____. **As Formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico da Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, L. John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EUFRÁSIO, Mário. **Estrutura urbana e ecologia humana**: a Escola sociológica de Chicago (1915-1940). São Paulo: Editora 34, 1999.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978, 3^a. ed.

_____. **A revolução burguesa no Brasil**. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FERREIRA, Ângela D. Damasceno. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: CPDA, Abril 2000. No. 18.

FERREIRA, Darlene Ap. de O. **Mundo rural e geografia**. Geografia agrária no Brasil: 1930-1990. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. O olho do poder. In: **Microfísica do poder**. Graal, 1979, p.209-228.

_____. A criação do biopoder. In: **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.286-315.

FREIRE, Ana L. O. As práticas socioespaciais urbanas: contribuições para refletir sobre a cidade. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: UNESP/GASPERR, 2001, p.445-60.

GUEDES, Giça; HELENA, Letícia; ESCÓSSIA, Fernanda da. **Favelização avança para o interior do país**. Publicação eletrônica. In: www.oglobo.com.br, pesquisa em 15/05/2004.

HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Betriz Sidon. São Paulo: Centauro, 2000.

KOGA, Derci. Cidades entre territórios de vida e territórios vividos. **Serviço social e sociedade**. Ano XXIII, 2002 (p.22-52).

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (Estudos Brasileiros, v.44).

____. **Escritos urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LAGO, Luciana C. do. **Desigualdades e segregação na metrópole**: o Rio de Janeiro em tempo de crise. Rio de Janeiro: REVAN/FASE, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Ediciones Península, 1975.

____. **A cidade do capital**. Tradução Maria Helena R. Ramos e Marilene Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LIMA, Maria C. de B.C. A. **O processo de urbanização e a questão da habitação popular em Araraquara**: 1970-80. (Monografia). Departamento de Sociologia. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara: UNESP, 1986.

MAGNANI, José G. C. A rua e a evolução da sociabilidade. **Cadernos de História de São Paulo**. No. 2, jan-dez. São Paulo: USP, 1993 (p. 45-54).

MAIA, Doralice S. Hábitos rurais em vidas urbanas. In: DAMIANI, Amélia L.; CARLOS, Ana Fani A.; SEABRA, Odette C. De L. (Orgs.) **Espaço no fim do século**: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999, p. 214-20.

MANCUSO, Maria I. R. **O fenômeno da permanência no sistema rural**. (Dissertação) Piracicaba, São Paulo: ESALC, 1975.

MARQUES, Marta I. M. **O conceito de espaço rural em questão**. In: Terra Livre, São Paulo: 2002. Ano 18, no. 19 (p.95-112).

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001 (Obra Prima).

MENDONZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935 - 1950). **Sociologias**. Ano 7, no. 14. Porto Alegre, 2005 (p.440-470).

MEUNIER, Roger. África do Sul: rumo à democracia. **O Correio da Unesco**. Maio, 1995.

MIRANDA, Zoraide A. I.de. **As terras que a cidade engoliu**. In: III Seminário Novo Rural Brasileiro - Fase III do Projeto Rurbano. Unicamp/NEA : Campinas(SP), 2003.

MOREIRA, Jair de B. **O processo de urbanização de Araraquara**: 1970-1993 (Monografia). Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Economia. Araraquara : UNESP, 1995).

OLIVEIRA, Anazair M. de. CARVALHO, P. de (Coord.) . **Favelas e as organizações comunitárias**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Fabiana L. **O campo da sociologia das religiões: secularização versus revanche de Deus.** Interthesis. Revista Internacional Interdisciplinar. Florianópolis, v. 2, no. 2, jul/dez 2005 (p. 1-14).

OLIVEIRA, Francisco de. O Estado e a exceção: ou o estado de exceção? **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** - ANPURR. V. 5, no. 1, 2003 (p.9-14).

OLIVEN, Rubem George. **Urbanização e mudança social no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1984.

PATARRA, Neide; BAENINGER, Rosana; Bógus, Lúcia M. Machado (Orgs). **Condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993.** Campinas, SP: UNICAMP/IE, 1997.

POCHMANN, Márcio. **Processo de exclusão territorial.** Fórum. São Paulo: Publischer Brasil, ano 5, no. 47, 2007. p. 34.

POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo (Orgs.). **Atlas da exclusão social no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas.** São Paulo: Duas Cidades, 1973.

_____. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana: ensaios.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos; São Paulo: USP, 1978.

RIZEK, Cibele S. Cidade, modernidade e modernização. **Versões.** São Carlos: UFSCar. Ano I, no. 1, jul-dez, pp. 71-90.

RIZEK, Cibele S.; BARROS, Joana; BERGAMIM, Marta de A. A política de produção habitacional por mutirões autogeridos. Construindo algumas questões. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** - ANPURR. V. 5, no. 1, 2003 (p.31-46).

ROCHA, Sonia. **Pobreza no Brasil: afinal, do que se trata?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RODRIGUES, José Albertino (Coord.). **Habitação e questão urbana nas cidades médias paulistas.** Relatório de Pesquisa. São Carlos : Núcleo de Pesquisa e Documentação, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, FAPESP, Outubro 1987. 91p.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROSA, Lucelina R. **Das estatísticas à vivência: um estudo do rural e do urbano em Araraquara - SP.** (Monografia em Ciências Sociais) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista - UNESP. Araraquara: UNESP, 2004.

_____. Apontamentos sobre as categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum. **Cadernos de Campo.** Programa de Pós Graduação em Sociologia, Araraquara: UNESP, no. 11, 2005 (p.83-99).

SANT'ANNA, Maria J. G. A concepção de cidade em diferentes matrizes teóricas das Ciências Sociais. **Rio de Janeiro**, no. 9. Rio de Janeiro, 2003 (p. 91-99).

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1979.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAWAIA, Bader B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**, no. 9, 1995 (p. 20-24).

SCOREL, Sarah. **Vidas ao léu**: trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SILVA, Benedicto (Coord.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1986.

SILVA, José F. Graziano da. O Novo Rural Brasileiro. In: Silva, José F. Graziano da.; Shiki, Shigeo.; Ortega, A. César. **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro**. Uberlândia:UFU/EMBRAPA/UNICAMP, 1998. (p. 75-99)

SILVA, Maria Ap. de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: UNESP, 1999 (Prismas).

SILVEIRA, Delia D. de. Quando a cidade é objeto de pesquisa. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 22, no. 3, p. 761-772, set/dez, 2007.

SINGER, Paul. Perspectivas de desenvolvimento da América Latina. **Novos Estudos Cebrap**. n. 44, p. 163-164, março 1996.

SOUZA, Maria A. de. **Governo urbano**. São Paulo: Nobel, 1988 (Coleção Passos).

SPÓSITO, Maria E. B. **Espacialidade, cotidiano e poder**. Revista Paranaense de Geografia - AGB. Curitiba, no. 1, 1996.

SPÓSITO, Maria E. B.; WHITACKER, Arthur M. **Cidade e campo: relações e contradições entre rural e urbano**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e máscaras**. A busca da identidade. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 1999.

TEODÓSIO, Tainá S. J.; SILVIA, Rui M. T. da. **A produção do espaço**: relação urbano/cidade e campo/rural: uma perspectiva conceitual e seu desdobramento no Brasil atualmente. (Paper) XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR. Salvador, 2005 (p. 1 -14).

TELLES, Vera da Silva. **A cidadania inexistente**: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo. Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1992).

TORRES, Maria do R. **Homem no mundo**. São Paulo: Verbo, 1983.

VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma casa**. Análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VALLADARES, Licia do Prado; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Olhares sociológicos sobre o Brasil urbano**: uma visão a partir do UrbanData - Brasil. In: OLIVEIRA, Lúcia L. Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002(p. 60-83).

VEIGA, José Eli. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

VETORASSI, Andréa. **Espaços divididos e silenciados**: um estudo sobre as relações sociais entre nativos e os “de fora” de uma mesma cidade do interior paulista. Mestrado (Dissertação em Ciências Sociais). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCAR, 2006.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

VERBOLE, Alenka. A busca pelo imaginário rural. In: RIELD, Mário (Org). **Turismo rural**: tendências e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002 (p.117-170).

WANDERLEY, Maria N. Baudel. **Urbanização e Ruralidade**: Entre a Pequena Cidade e o Mundo Rural. Estudo Preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Recife, 2001.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas: EDUNICAMP, 1992. (p.361-398).

_____. **Economia e Sociedade**: undamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 1977. v.1.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WHITAKER, Dulce C. A. **Sociologia rural questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau, SP: Letras à Margem, 2002.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. Organizações populares e o significado da pobreza. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

_____. **A integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Bibliografia Específica

CALIENTO, Juliana. **Cana brasileira**: combustível para todo o mundo. Publicação Eletrônica. In: www.consciência.br, pesquisa em 10/12/2004.

CERVI, Victor. A ex Califórnia brasileira. **Caros Amigos**. São Paulo, Editora Casa Amarela, no. 18, setembro, 2003 (p. 24 - 25).

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: IMAG, 1987 / SUMA LEGIS, 1992 (791-821).

ELIAS, Denise. **Globalização e Agricultura**: a região de Ribeirão Preto - SP. São Paulo: EDUSP, 2003. (coleção Campi; 21).

FERNANDEZ, Maria Ester (Org.). **A cidade e seus limites**: as contradições do urbano na “Califórnia Brasileira”. São Paulo, ANNABLUME, FAPESP / UNAERP. Ribeirão Preto, 2004.

LAGES, J. Antônio. **Ribeirão Preto**: das origens à crise do café. Encarte Especial. Jornal Enfim. Ribeirão Preto, junho, 2000 (edição 381).

MAGALHÃES, Kelly. C. **Fragmentos do urbano**: compreensão da construção dos espaços periféricos em Ribeirão Preto. (Monografia) Centro Universitário Moura Lacerda. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Ribeirão Preto (SP): Moura Lacerda, 1997.

MARIANO, Tassiane. A realidade das favelas. Publicação on line. **Jornal do Barão**. In: www.baraodemaua.br/jornal/2005. Pesquisa em 29/09/05.

PANCIM, Nilton C. **Do café à cana-de-açúcar e a questão agrária na vida do trabalhador rural em Ribeirão Preto**. (Monografia). Centro Universitário Barão de Mauá. Curso de História. Ribeirão Preto (SP): Barão de Mauá, 2003.

PARO, Fabíola M. **Proposta para criação de um centro de bairro em Ribeirão Preto**: a busca de uma identidade para espaços periféricos da cidade. (Monografia). Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, 1997.

PINTO, Luciana S. G. **Ribeirão Preto: a dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1970**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em História Econômica. Araraquara, UNESP: 2000.

REVIDE. A Ribeirão do século XX: as transformações dos últimos 100 anos. **Revista Revide**. Ribeirão Preto, ano XV, No. 199, Dezembro: 2000 (s/ página).

SILVA, Adriana C. B. da. **Paisagens da memória**. (Monografia) Centro Universitário Moura Lacerda. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Ribeirão Preto: Moura Lacerda, 1998.

_____. **Imigração e urbanização**: o núcleo colonial Antônio Prado em Ribeirão Preto. Dissertação (Mestrado). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 2002.

SOUZA, Hugo F. de. **A produção social da cidade. Os discursos legitimadores da segregação sócio-espacial no interior paulista: Ribeirão Preto 1889-1930.** Dissertação (Mestrado) São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 2006 (116p.).

VERÍSSMO, Aline. Do café ao shopping. **Revista Revide.** Ribeirão Preto, ano XV, no. 199, dezembro, 2000 (s/ página).

Outras Fontes

SIMBRASIL – **Sistemas de Informações Sócio-Econômicas dos Municípios Brasileiros.** Versão 2.0.1, 2004. Caixa/IPEA/UFPE/Governo Federal.

Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Lei Complementar no. 501. **Plano Diretor Municipal.** Ribeirão Preto, 31 de Outubro de 1995.

Sites consultados

www.consciência.br

www.ibge.gov.br

www.ribeiraopreto.sp.gov.br

www.seade.gov.br

www.jornalacidade.gov.br

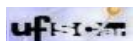
www.folhadesaopaulo.com.br

www.dieese.org.br

Apêndice I

[Modelo de Questionário utilizado no levantamento em campo]

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais - PPGCso
Trabalho de Campo - Mestrado - Lucelina R. Rosa



CAPES

Data: _____

Quest. No. _____

Nome do respondente: _____

CARACTERIZAÇÃO DO DOMICÍLIO

1. Identificação do domicílio

No. _____

2. Características Construtivas

<i>Piso</i> 1. Cerâmica ()	<i>Paredes</i> 1. Alvenaria ()	<i>Telhado</i> 1. Telha ()
2. Madeira ()	2. Taipa ()	2. Laje ()
3. Cimento ()	3. Madeira ()	3. Palha ()
4. Barro batido ()	4. Improvisado ()	4. Zinco ()
5. Outros _____	5. Outros _____	5. Outros: _____

3. Número de cômodos existentes no domicílio _____

4. Possui banheiro 1. Interno ()
2. Externo ()

5. Cria plantas ou animais no domicílio 1. Sim ()
2. Não ()

6. Se sim, especificar quais animais criam e que tipo de plantas cultivam

7. Tipo de Iluminação 1. Relógio Próprio ()
2. Sem relógio ()
3. Relógio Comunitário ()
4. Outro _____

8. Destino do Lixo 1. Coletado ()
2. Queimado ()
3. Enterrado ()
4. Céu Aberto ()
5. Outro _____

9. Tipo de abastecimento de água 1. Rede Pública ()
2. Poço/Nascente ()
3. Carro Pipa ()
4. Outro _____

10. Escoamento Sanitário 1. Rede Pública ()
2. Fossa Rudimentar ()
3. Fossa Séptica ()
4. Vala ()
5. Céu aberto ()
6. Outro _____

11. Condição do domicílio 1. Alugado ()
2. Próprio ()
3. Cedido ()
4. Outra _____

CARACTERIZAÇÃO DOS MORADORES E DAS FAMÍLIAS

12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.	19.	20.	21.	22.
Pre-nome dos Moradores	Idade	Sexo	Cor	Posição na Família	Escolaridade	Atividade	Ocupação	Rendimento	Situação Conjugal	Local de nascimento
		1. Fem 2. Masc	Resposta Literal	1. Responsável 2. Cônjuge 3. Filho 4. Enteado 5. Neto 6. Pai /sogro 7. Genro/nora 8. Outro Parente 9. Agregado 10. Outra		1. Ocupado 2. Aposentado s/ trabalhar 3. Aposentado trabalhando 4. Do lar 6. Estudante 7. Outra situação		Especificar Rendimento Mensal por pessoa	1. Solteiro 2. Casado civil 3. União Consensual 4. Viúvo 5. Separado 6. Desquitado 7. Divorciado	
1		()		()		()			()	
2		()		()		()			()	
3		()		()		()			()	
4		()		()		()			()	
5		()		()		()			()	
6		()		()		()			()	
7		()		()		()			()	
8		()		()		()			()	
9		()		()		()			()	
10		()		()		()			()	
		()		()		()			()	

23. Quanto tempo a família reside no local?

24. Qual o último local de moradia da família?

Apêndice II

[Modelo_Banco de Dados_Cadastro das Moradias]

		2	2	2	3	4	5	7	8	9	10
Data	No. Quest_	Piso	Paredes	Telhado	Num_Cômodos	Tipo Banh_	Criação/Plantação	Iluminação	Lixo	Abast_Água	Esc_Sanitário
16/03/06	1	3	4	1	2	1	2	2	1	4	2
16/03/06	2	3	1	1	3	1	1	2	1	4	2
16/03/06	3										
16/03/06	4	3	4	1	5	1	1	2	1	4	2
16/03/06	5										
16/03/06	6	3	1	2	4	1	2	2	1	4	2
16/03/06	7	3	1	2	4	1	1	2	1	4	2
16/03/06	8	1	1	2	3	1	1	2	1	4	2
16/03/06	9	3	4	2	4	1	2	3	1	4	1
16/03/06	10										
16/03/06	11	1	1	1	4	1	2	2	1	4	2
16/03/06	12	3	1	1	4	1	2	3	1	4	2
16/03/06	13	3	1	1	5	1	1	2	1	4	2
16/03/06	14	3	1	1	3	1	2	2	1	4	2
16/03/06	15	3	1	1	3	1	2	2	1	4	2
17/03/06	16	3	1	1	4	1	2	2	1	2	2
17/03/06	17	3	1	1	2	1	1	2	1	4	2
17/03/06	18										
17/03/06	19										
17/03/06	20	3	4	1	4	1	2	2	1	4	2
17/03/06	21	3	4	1	2	1	2	2	1	4	2
17/03/06	22	3	3	1	2	1	1	2	1	4	2
17/03/06	23	3	3	1	3	1	2	2	1	4	2

11	23	24	25	26
Cond_ Domicílio	Tempo de Residência	Último local de moradia	Locais Lazer	Grupo Comunit_ Associação
4	3 anos	Favela do Brejo, na R. Silveira Martins, próximo à Vila Mariana	Não possui	Não sabe se existe
2	6 anos	Favela do Monte Alegre	Sorveteria próxima ao bairro	Diz que não existe
2	4 anos	Ipiranga	Igreja	Não sabe se existe
2	6 anos	Ipiranga	Sorveteria, quadra de futebol	Não sabe se existe
2	1 ano	Ipiranga	Igreja	Não sabe se existe
2	6 anos	Salvador - BA	Clube SESI	Não sabe se existe
2	15 anos	Campos Elísios	Casa de parentes	Não sabe se existe
2	2 anos	Jardim Orestes Lopes de Camargo	Não possui	Não sabe se existe
4	20 anos	Marincek	Não possui	Não sabe se existe
1	20 anos	Rio de Janeiro - RJ	Casa de parentes	Diz que não existe
4	2 anos	Ipiranga	Não possui	Não sabe se existe
4	2 anos	Ipiranga	Não possui	Diz que não existe
4	1 ano	Ipiranga	Casa de parentes	Diz que não existe
4	1 ano	Ipiranga	Não possui	Não sabe se existe
2	5 meses	Vila Tibério	Não possui	Não sabe se existe
4	2 anos	Parque Ribeirão Preto	Não possui	Não sabe se existe
4	2 anos	Jardim Branca Salles	Não possui	Diz que não existe
4	2 anos	Jardim Branca Salles	Não possui	Não sabe se existe

28	29	30	30	31	32
Religião	Freqüente Igreja	Parentes residindo	Tipo Parentes	Segurança	Gosta de residir no local
Evangélica	Não freqüente	1	Irmãos	1	1
Nenhuma	Não freqüente	2		1	4
Evangélica	Igreja Evangélica	1	Cunhado(a), sogro(a)	3	4
Nenhuma	Não freqüente	2		1	1
Católica	Igreja Católica	2		1	1
Evangélica	Igreja Presbiteriana Renovada	1	Filho(a)	1	4
Nenhuma	Não freqüente	2		1	1
Evangélica	Igreja Evangélica	2		1	1
Evangélica	Igreja Universal	1	Nora, filha, netos	2	1
Nenhuma	Não freqüente	2		2	3
Evangélica	Não freqüente	1	Irmã	4	2
Evangélica	Não freqüente	1	Irmã	4	2
Evangélica	Comunidade Missionária	2		1	1
Evangélica	Não freqüente	2		2	1
Católica	Igreja Católica	2		1	1
Presbiteriana	Igreja Presbiteriana	1	Tio, tia, avó	1	1
Católica	Não freqüente	1	Irmão	2	4
Nenhuma	Não freqüente	1	Cunhado(a)	1	1

37	38	39
Total de moradores no domicílio	Total de rendimento familiar	Renda Per Capita
9 moradores	R\$ 1.850,00	R\$ 205,50
3 moradores	s/ rendimentos	s/ rendimentos
6 moradores	R\$ 950,00	R\$ 158,30
6 moradores	R\$ 650,00	R\$ 108,30
4 moradores	R\$ 700,00	R\$ 175,00
3 moradores	R\$ 1.180,00	R\$ 393,30
2 moradores	R\$ 460,00	R\$ 230,00
4 moradores	R\$ 1.400,00	R\$ 350,00
2 moradores	R\$ 1.300,00	R\$ 650,00
7 moradores	R\$ 1.650,00	R\$ 235,00
4 moradores	R\$ 350,00	R\$ 87,50
4 moradores	R\$ 300,00	R\$ 75,00
3 moradores	R\$ 400,00	R\$ 133,30
8 moradores	R\$ 195,00	R\$ 24,40
3 moradores	R\$ 750,00	R\$ 250,00
5 moradores	R\$ 230,00	R\$ 46,00
5 moradores	R\$ 95,00	R\$ 19,00
3 moradores	R\$ 95,00	R\$ 31,70

Apêndice III

[Modelo_Banco de Dados_Cadastro dos Moradores]

Data	Quest_ No.	Idade	Sexo	Cor	Posição na Família	Escolaridade	Atividade	Ocupação	Situação_Ocupação
16/03/06	1	26	1	Negra	1	6	1	Auxiliar de enfermagem	Formal
16/03/06	1	22	2	Negra	8	6	1	Coleta de material reciclado	Informal
16/03/06	1	23	2	Negra	8	6	1	Serviços gerais	Informal
16/03/06	1	15	1	Negra	8	4	6	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	1	16	1	Negra	8	4	7	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	1	1	2	Negra	8	11	7	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	1	19	2	Branca	10	4	7	Desempregado (a)	Nenhuma
16/03/06	1	45	1	Negra	8	4	4	Do lar	Nenhuma
16/03/06	1	4 dias	1	Parda	8	11	7	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	2	23	1	Branca	1	4	7	Desempregado (a)	Nenhuma
16/03/06	2	19	2	Branca	10	6	7	Desempregado (a)	Nenhuma
16/03/06	2	4	1	Parda	3	11	7	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	4	21	1	Morena	10	6	7	Desempregado (a)	Nenhuma
16/03/06	4	34	2	Morena	1	4	1	Vendedor	Formal
16/03/06	4	29	1	Morena	2	4	1	Vendedora	Formal
16/03/06	4	14	1	Morena	3	4	6	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	4	10	2	Morena	3	4	6	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	4	11 meses	1	Morena	3	11	7	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	6	36	2	Morena	1	4	1	Cobrador de ônibus	Formal
16/03/06	6	30	1	Morena	2	4	4	Do lar	Nenhuma
16/03/06	6	11	2	Morena	3	4	6	Não trabalha	Nenhuma
16/03/06	6	8	2	Morena	3	4	6	Não trabalha	Nenhuma

Situação Conjugal	Local de Nascimento	Especificar Cidade	Observações
1	São Paulo	Ribeirão Preto	
1	São Paulo	Ribeirão Preto	
1	São Paulo	Ribeirão Preto	
1	São Paulo	Ribeirão Preto	
3	São Paulo	Ribeirão Preto	
1	São Paulo	Sertãozinho	
3	São Paulo	Ribeirão Preto	
1	São Paulo	Ribeirão Preto	Divina é amigada, mas no momento o parceiro está preso, salienta a respondente.
1	São Paulo	Ribeirão Preto	
5	Minas Gerais	Minas Gerais	
1	Minas Gerais	Minas Gerais	
1	São Paulo	Ribeirão Preto	
1	Bahia	Bahia	Mora de favor na casa da irmã e do cunhado.
2	Bahia	Bahia	
2	Bahia	Bahia	
1	São Paulo	Ribeirão Preto	Estuda no Cemei Virgílio Salata
1	São Paulo	Ribeirão Preto	Estuda no Cemei Virgílio Salata
1	São Paulo	Ribeirão Preto	
3	Bahia	Bahia	
3	São Paulo	Ribeirão Preto	
1	São Paulo	Ribeirão Preto	Estuda no Cemei Virgílio Salata
1	São Paulo	Ribeirão Preto	Estuda no Cemei Virgílio Salata
1	São Paulo	Ribeirão Preto	

Apêndice IV

[Roteiro de entrevistas utilizado no levantamento em campo]

Entrevista n°:

Entrevistadora: Lucelina R. Rosa

Entrevistado (a): _____

Idade: _____

Tempo de residência no bairro: _____

Ocupação atual: _____

Natural de: _____

Local da Entrevista: _____

Data: _____

1. Em que local residia antes de vir para a Favela da Coca-Cola?
2. Veio residir aqui no "bairro" por quais motivos?
3. Já residiu alguma vez no campo, ou sempre residiu em cidade?
4. Seus pais ou avós residiam em meio rural ou meio urbano?
5. Como era o bairro quando você chegou aqui?
6. O que acha de morar aqui na favela?
7. Quais são as vantagens e desvantagens - em sua opinião - de se viver aqui?
8. Como é o relacionamento com os vizinhos?
9. Tem conhecimento se o local possui alguma associação de moradores? Você participa de algum movimento comunitário?
10. Tem conhecimento se a prefeitura já fez ou faz algum trabalho de melhoria aqui na favela?
11. Você considera que falta algo no local? Que tipo de melhorias considera fundamentais?
12. Tem o desejo de morar em outro local? Se sim, qual seria?
13. Faz planos para o futuro?